

ENTRE GALHOS E RAÍZES

Memórias e Narrativas da Família Peixoto Vieira

Vivian Maria Vieira Lima
Jamerson Lopes Vieira
Nívia Maria Vieira Costa
Norma Cristina Vieira
Sammara Enita Corrêa Vieira
(Organizadores)

Entre gashos e raízes

Memórias e Narrativas da
Família Peixoto Vieira

AUTORES

Alessandra Vieira dos Santos
Caroline de Lima Vieira
Clara Letícia de Lima Vieira
Edimara Bianca Corrêa Vieira
Elis Regina Corrêa Vieira
Flávia Nicole Moreira Costa
Jamerson Lopes Vieira
Maria Ângela Vieira de Oliveira
Maria de Nazaré Vieira Costa
Neidson Cláudio Vieira Costa
Nivia Maria Vieira Costa
Norma Cristina Vieira
Rose Mari Peixoto Vieira
Rubens Souza de Oliveira
Sammara Enita Corrêa Vieira
Sandra Helena Vieira do Nascimento
Sandriéllem Natália Vieira do Nascimento
Socorro Natalina Peixoto Vieira
Vívian Maria Vieira Lima

Vivian Maria Vieira Lima
Jamerson Lopes Vieira
Nivia Maria Vieira Costa
Norma Cristina Vieira
Sammara Enita Corrêa Vieira
(Organizadores)

Entre galhos e raízes

Memórias e Narrativas da
Família Peixoto Vieira

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Vivian Maria Vieira Lima; Jamerson Lopes Vieira; Nivia Maria Vieira Costa; Norma Cristina Vieira; Sammara Enita Corrêa Vieira [Orgs.]

Entre galhos e raízes. Memórias e narrativas da família Peixoto Vieira. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 149p.

ISBN: 978-65-5869-192-1 [Impresso]

978-65-5869-218-8 [Digital]

1. Família Peixoto Vieira. 2. História de vida. 3. Memórias. 4. Narrativas de família. I. Título.

CDD – 929.2

Capa: Andersen Bianchi

Fotografia da capa: Sandriéllem Natália Vieira do Nascimento

Revisor ortográfico: Neidson Cláudio Vieira Costa

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2021

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
APRESENTAÇÃO	13
PARTE I – MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA	17
O ALÉM-MAR: A CHEGADA DE PEIXOTOS E VIEIRAS NO BRASIL	19
DO SERTÃO NORDESTINO AO NORDESTE PARAENSE: OS PRECURSORES DA FAMÍLIA PEIXOTO VIEIRA	23
(AUTO)BIOGRAFIAS DA FAMÍLIA PEIXOTO VIEIRA	29
UNIÃO DE ALMAS	
A PRIMEIRA PROFESSORA DA FAMÍLIA	35
O CUIDADOSO	39
SIMPLESMENTE UM SONHADOR	43
O GRANDE VENCEDOR	51
O VALENTE CORAÇÃO	57
A GUERREIRA	65
O AMOR ME ESCOLHEU	69
A RESILIENTE	75
A DESTEMIDA	81
O MENINO-AMOR	85
PARTE II – NARRATIVAS E CAUSOS DA AMAZÔNIA	91
OS SERES ENCANTADOS	93
BENZEDEIRA? QUEM É ELA?	97
OS DOMINGOS DE NOSSA INFÂNCIA	101
QUAL É O APELIDO DE SAUDADE?	103
FAMÍLIA UNIDA É FAMÍLIA FELIZ	107
CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II PARA UMA JOVEM CAPANEMENSE	113

TOKA DA PREGUIÇA: LUGAR DE PAZ!	119
A FAMÍLIA EM TEMPOS DE PANDEMIA	123
SOMOS UM TIME	127
E A HISTÓRIA CONTINUA...“OS PEIXOTINHOS”	133
ÁRVORE GENEALÓGICA	140
SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES	143
REFERÊNCIAS	147

Dedicamos este livro aos precursores da família, em especial ao casal Adelson e Enita.

Adelson Barbosa Vieira (*in memoriam*), pelos ensinamentos que continuam vivos em cada um de nós.

Maria Enita Peixoto Vieira, pela dedicação à família, orações e cuidados, além do que, sem seus relatos orais essa obra não teria se concretizado.

Dedicamos também a Ailon Eduardo Vieira do Nascimento (*in memoriam*), por fazer-nos acreditar na força da juventude e na beleza dos nossos sonhos.

PREFÁCIO

Há pouco mais de um século, um célebre escritor chamado Leon Tolstói, afirmou em um de seus escritos que a “verdadeira felicidade está na própria casa, entre as alegrias da família”. Este fragmento, aparentemente “ingênuo”, diante da grandeza da obra deste “gigante” russo, revela ou anuncia, uma composição social pouco valorizada ou lembrada em tempos presentes, mas que, possui uma importância indiscutível: a família.

Para compreender a relevância desta instituição não é necessário percorrer grandes compêndios ou referenciais teóricos, cabendo somente algumas perguntas, pois, o que seria de “gênios” como Tolstói, entre tantos outros, sem uma família? Como seriam nossas relações sentimentais, formativas e sociais sem a presença da nossa parentela? Embora saibamos que, existiram e, ainda existem, diversos tipos e composições familiares nas sociedades contemporâneas, envolvendo laços sanguíneos ou não. Este livro irá abordar uma rica e peculiar experiência familiar, responsável não apenas pelo surgimento de muitos lares e memórias individuais, mas ao mesmo tempo, auxiliando no processo de formação de uma cidade no interior paraense.

Estudos envolvendo a temática da família não são recentes, remontando a “Europa, principalmente Inglaterra e França, a partir do século XVI”.¹ Contudo, foi somente no século XX, a partir das décadas de 1950 e 1960 que, a temática da família “se constituiu numa área específica da pesquisa histórica, com inúmeros trabalhos sendo publicados”,² com destaque para estudiosos como “Michel Anderson, André Burguière e Alan Macfarlane”.³

No âmbito da historiografia brasileira,⁴ ao lado dos textos considerados clássicos de autores como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de

¹ FARIA, Sheila de Castro, História da família e demografia histórica In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p. 242.

² Ibidem. p. 243.

³ Ibidem. p. 243.

⁴ Para maiores informações sobre a História da Família ver: BRÜGGER, Silvia Maria Jardim. **Minas patriarcal: família e sociedade**. São Paulo: Annablume, 2007; CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e família em uma capital amazônica: (Belém 1870- 1920)**. Belém: Açaí, 2011; CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: **Colha de retalhos**. 3ª ed. São Paulo: UNICAMP, 1994; FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronado político brasileiro**. Vol. 1. Ed. 11ª Rio de Janeiro. Ed. Globo, 1997; FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 25ª ed. São Paulo: José Olympio Editora, 1987; HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 19ª ed. Rio de Janeiro: José

Holanda e Raymundo Faoro. A produção acadêmica sobre a história da família só passou a ganhar contornos mais definidos nas décadas de 1980 e 1990, com destaque para autoras como Eni Samara e Mariza Côrrea, cujos estudos passam a investigar aspectos sociais, demográficos e culturais. Em princípios do século XXI, surge uma vasta e diversificada produção histórica direcionada a esta temática, com destaque para as pesquisas realizadas por Mariza Teruya, Silvia Brügger, Cacilda Machado e no âmbito da Amazônia, Cristina Donza Cancela.

Porém, não encontramos na escrita da obra: *Entre galbos e raízes*, a angústia e a pressão de uma pesquisa acadêmica, em suas “neuroses” ou necessidades de fontes, de referenciais teóricos e bibliográficos, mas a suavidade de filhos, netos ou bisnetos que, sob arguta sensibilidade, relatam ou escrevem com emoção e paixão, as experiências de seus antepassados, transformando este texto em uma leitura prazerosa e convidativa.

O presente livro, composto de uma coletânea de textos, muitos deles autobiográficos, tem como “fio condutor” um tema característico e, por assim dizer, especial, marcado pelas experiências e vivências das famílias Peixoto e Vieira, desde a chegada precursora de Maria da Conceição e Aderaldo Peixoto no ano de 1915, e de Luiza Camerino Barbosa e Camerino Barbosa Vieira, também em princípios do século XX. Estas famílias, como tantos outros nordestinos, migraram para a “imensa” e “chuvosa” região amazônica, em busca de alcançar seus sonhos, construir novos laços sociais e, ao mesmo tempo, estabelecer uma nova história.

Encarnando, como bem afirmou Euclides da Cunha, o “sertanejo (...), antes de tudo, um forte”,⁵ em razão das dificuldades e asperezas enfrentadas no dia a dia, mas também distanciando-se do pensamento deste mesmo autor que, considerava a Amazônia como terra de “história: revolta, desordenada, incompleta”.⁶ Os pioneiros das famílias Peixoto e Vieira, ao pisarem neste espaço, construíram uma bela e original história, aqui reconstruída, a partir das reminiscências e da pesquisa realizada por alguns de seus descendentes.

Olympio Editora, 1987; MACHADO, Cacilda. O patriarcalismo possível: relações de poder em uma região do Brasil escravista em que o trabalho familiar era a norma. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 23, n. 1, p. 167-186, 2006; SAMARA, Eni de Mesquita. *A história da família no Brasil*. In: Revista Brasileira de História – família e grupos de convívio. São Paulo: Marco Zero, nº 17, 1988; TERUYA, Mariza Tayra. **A família na historiografia brasileira: bases e perspectivas teóricas**. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000.

⁵ CUNHA, Euclides da. **Os Sertões. Campanha de Canudos**. 5ª edição corrigida. Rio de Janeiro: Francisco Alves & cia, 1914. p.114.

⁶ CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos**. (Coleção Brasil 500 anos). Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília, 2000. p. 123

Embora trate-se de uma obra coletiva, os capítulos deste livro, unem os fios de diversos relatos, ajudando a “nos orientarmos no labirinto”,⁷ ou mais especificamente, nas experiências e vivências de alguns homens e mulheres, desde princípios do século XX até o século XXI. O caminho aberto por este estudo, embora possua um direcionamento exclusivo e familiar, também representa um interessante exemplo, podendo despertar possibilidades, para que outros testemunhos históricos, provenientes das memórias de migrantes nordestinos ou não, em terras amazônicas, também possam ser escritos e publicados.

Estas histórias, das quais, orgulhosamente me incluo, pois também contam parte de minhas origens, como descendente de uma das várias ramificações dos irmãos Vieira, por mais curtas e diversificadas que possam ser – transparecem as vivências e experiências de uma família – devendo ser preservadas e eternizadas ao longo do tempo, nos corações e mentes das futuras gerações.

Luciano Demetrius Barbosa Lima
SEDUC – PA

⁷ GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 7.

APRESENTAÇÃO

Sou ouvinte, sou vidente e contadora de histórias. Acompanho o movimento de muitas gerações que usam minha sombra para rezar, lamentar e brincar em muitas festas no quintal. Sou uma árvore frondosa de porte alto, uma bela mangueira de galhos longos e raízes firmes. Através da minha copa arredondada e simétrica, acompanho o percurso do tempo atravessado pela família Peixoto Vieira, na cidade de Capanema.

Entre meus galhos e raízes, vi os filhos e as filhas de Adelson Barbosa Vieira e Maria Enita Peixoto Vieira crescerem, casarem-se e terem filhos. Alegrei-me quando o último filho chegou do hospital: era uma criança especial da qual sinto-me protetora. Meu sopro de vento, como um beijo carinhoso, todas as manhãs, é dado para ele e sua mãe.

Foram tantas brincadeiras embaixo de meus galhos... Era muito divertido acompanhar as crianças correrem, pularem, viverem a infância no quintal dos avós. Testemunhei, diversas vezes, Maria Enita rezar com toda sua fé ao lado do meu formoso tronco. Suas orações me contagiavam e nos transformava em uma só em energia.

Era uma alegria quando Adelson realizava, sob a sombra dos meus galhos, os almoços em família. Adelson amava os seus substancialmente. Por eles, dava a vida! Era um homem bom, íntegro e honesto. Ensinou o dom da união para seus descendentes. Seus bisnetos já estão aprendendo que ser feliz é, acima de tudo, viver em família. Eu, mangueira, com quase 100 anos de idade, estarei presente em muitos trechos das narrativas.



Imagem da mangueira no quintal de Adelson e Enita. Ano: 2021.

A família é como uma árvore cujas raízes fortalecem o desenvolvimento de seus galhos, através dos saberes, dos valores e dos exemplos dos mais velhos. Existir é uma dádiva da natureza e também uma construção cultural, posto que é um emaranhado de galhos firmes em raízes constituídas pela relação familiar.

O tempo deixa marcas e as tira também... tal como diz a canção “Resposta ao tempo” de Cristovão Bastos e Aldir Blanc. É desse percurso

do tempo que as narrativas desta obra se alimentam e se apresentam para o leitor, através de textos leves na linguagem e densos nas vivências e experiências desse coletivo de pessoas.

As histórias de vida contadas e narradas aqui atravessam a dinâmica cultural de Capanema, da Amazônia e do Brasil, por meio das lutas, resistências, práticas, crenças e da vida.

Ao percebermos estes cruzamentos de tempos e histórias, sentimos o desejo de contar as nossas vivências, e perpetuá-las neste livro. Escrever sobre a vida é como oxigênio que corre entre galhos e raízes, alimentando a vida, numa viagem incessante. A escrita narrativa é um reflexo que captura as imagens presentes na existência, nos saberes, nas relações, na completude do ser para um reconhecimento de si.

A escrita da vida revela outras formas de pensar o que já está humanamente construído, a partir da percepção de si, um pensamento não retilíneo das coisas. É revisitar momentos, memórias, histórias, pensamentos. É se perceber como parte importante da história de um lugar, de um povo, de um tempo. As escritas da vida real e factual revelam-se ao leitor como folhas de papel em branco que abraçam as palavras, fazendo grunhir outros mundos, quase sempre invisibilizados.

As narrativas presentes ao longo desta obra registram, ora as especificidades que cada indivíduo constrói e reconstrói como ser social, ora traz o entrelaçado de corpos e experimentos coletivos, quase sempre permeados de muita afetividade.

Este livro está dividido em duas partes: a primeira apresenta o percurso histórico-social da chegada dos primeiros formadores da família Peixoto Vieira a partir de um processo de migração, bem como as narrativas (auto)biográficas dos seus descendentes. A segunda parte apresenta narrativas de experiências de vida e práticas culturais importantes para se compreender um pouco do universo cultural amazônico.

As narrativas ocorrem dentro do contexto e da dinâmica de Capanema. Município brasileiro do estado do Pará, localizado na mesorregião Nordeste e microrregião bragantina, fundado em 05 de novembro de 1910. Está distante 160 km de Belém, capital do estado.

A concretude deste livro deu-se na oportunidade do Edital nº 03/2020 disponibilizado pela Prefeitura Municipal de Capanema (PMC)¹, através da Secretaria Municipal de Cultura, no final do ano de 2020. O referido edital baseia-se na Lei Nº 14.017/2020, Lei Aldir Blanc, que “Dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem

¹ Edital Nº 03/2020, realizado na gestão de Francisco Ferreira Freitas Neto, atual prefeito de Capanema-PA.

adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020”.

Ao submetermos o projeto e tê-lo aprovado, possibilitou-nos o engajamento das ideias, dos saberes e das vivências, representadas em formato de narrativas, regadas de afeto, avanços e resistência do povo amazônida capanemense.

Os textos aqui apresentados foram escritos por várias mãos. Esperamos que apreciem a escrita e os recortes que fizemos das muitas experiências que tivemos, quase sempre na relação com o outro, com a outra, com a natureza e consigo.

Boa leitura!

Vivian Maria Vieira Lima
Jamerson Lopes Vieira
Nivia Maria Vieira Costa
Norma Cristina Vieira
Sammara Enita Corrêa Vieira

PARTE I

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS DE VIDA

Apresentaremos, na primeira parte do livro, que nem sempre as pessoas tiveram sobrenome familiar e que essa cultura surgiu apenas entre o final da Idade Média e início da Idade Moderna. Contaremos uma breve história da origem dos sobrenomes Peixoto e Vieira e veremos o percurso histórico social da chegada dos primeiros formadores da família Peixoto Vieira no município de Capanema, estado do Pará.

São textos narrativos, construídos a partir de dados históricos e relatos orais - dos que guardam na memória valiosas lembranças, que se inter cruzam com a história da constituição de Capanema, cujos protagonistas deste relato serão dois casais de origem nordestina: Aderaldo Sabino Peixoto e Maria da Conceição Pessoa Peixoto; Antônio Venâncio da Silva e Julia Barbosa Vieira.

Seguindo de maneira linear, serão apresentadas narrativas (auto)biográficas dos seus descendentes, contadas pelo próprio protagonista da história, um de seus filhos ou por seus familiares. São onze histórias de vida, a primeira delas trata do encontro de uma jovem da família Peixoto com um rapaz da família Vieira, que não imaginavam, mas passariam mais de meio século juntos e constituiriam uma família composta por dez filhos, desses, cinco mulheres e cinco homens. Cada um dos filhos terá um recorte do percurso de suas vidas contadas neste livro.

Memórias, resistência, afeto, dificuldades e alegrias permearão todas as narrativas. As histórias encontram-se organizadas em ordem cronológica e costuradas pela dinâmica cultural do território Amazônico.

Desejamos que você, leitor, conheça um pouco da trajetória da família Peixoto Vieira, e, por meio dela, conheça mais sobre a Amazônia, o Pará e nossa querida Capanema, transversalizados nos relatos que seguem.

O ALÉM-MAR:

A CHEGADA DE PEIXOTOS E VIEIRAS NO BRASIL

Edimara Bianca Corrêa Vieira

No meio natural, peixes e vieiras se encontram no mar. Na história também. Para encontrarmos as origens próximas da toponímica dos sobrenomes “Peixoto” e “Vieira” é preciso atravessar o Oceano Atlântico e aportar na Península Ibérica. Mas antes de mergulharmos neste “mar salgado”, é fundamental que entendamos – mesmo que de maneira breve – a própria trajetória dos sobrenomes.

No século XXI, toda e qualquer pessoa registrada tem um cognome, aqui entendido enquanto conceito, como o sinal que define e identifica a origem da pessoa de forma a indicar sua filiação. É, portanto, característica da família, sendo repassado de pais para filhos.

Mas nem sempre esta foi uma realidade. Se olharmos para Antiguidade, perceberemos que na formação dos povos, grandes personagens eram conhecidos por apenas um nome, como é o caso dos Hebreus que habitavam uma região localizada entre o Egito e a Mesopotâmia.

O primeiro patriarca dos Hebreus é conhecido como Abraão e dele descendem Isaac - seu filho, Esaú e Jacó - filhos de Isaac. Na Grécia antiga, percebemos o mesmo padrão com os nomes que desenvolveram a democracia grega, como Sólon, Drácon e Clístenes. Ou mesmo a filosofia: Sócrates, Platão e Aristóteles.

É no final da Antiguidade que percebemos alguma correlação de parentesco pelo nome, quando observamos as dinastias romanas (Julio-Claudiana, Severos, Antonina, entre outros). Todavia, as dinastias mais agregavam pessoas da mesma família para a sucessão do trono, do que propriamente nominavam.

A prática de conhecer indivíduos por apenas um nome se estende de forma compreensível pela Idade Média, considerando que a sociedade feudal (cada terra com um único senhor e servos que não poderiam passar para outros feudos, a não ser que se casassem com pessoas de feudos diferentes) possuía baixa densidade demográfica. Entretanto, com o aumento populacional das sociedades, tornou-se cada vez mais desafiador conhecer pessoas por apenas um nome.

Assim, em meados da Idade Média e início da Idade Moderna, gradualmente, um segundo nome passou a ser adotado por parte dos indivíduos. Os sobrenomes poderiam indicar uma região ou uma característica da região, poderiam ser um adjetivo do sujeito em questão e, seguindo uma característica importante da Antiguidade, na Modernidade, dentro das dinastias, os membros que sucediam o trono eram diferenciados pela numeração, a título de exemplo: Henrique XIV, Henrique XV e Henrique XVI, da dinastia dos Bourbons.

Partindo desse ponto, mergulhamos fundo em busca das possíveis origens dos sobrenomes “Peixoto” e “Vieira”¹. Inicialmente, pode-se inferir que ambos os sobrenomes podem ter surgido em Portugal. Contudo, não há como assegurar – com as fontes presentes – o contexto exato ou o primeiro sujeito a possuir tais cognomes, sendo tão somente possível apresentar as hipóteses dos sobrenomes no contexto europeu.

Desse modo, o sobrenome “Peixoto”, além do Brasil, é bastante comum em Portugal, também havendo um alto número de pessoas com este cognome na Angola (o que pode ser explicado pela própria colonização na América e na África). Peixoto tem por significado “peixe pequeno” e é um derivado da própria palavra. O sobrenome em Portugal apresenta duas origens possíveis.

A primeira hipótese é explicada por uma natureza geográfica, caracterizando indivíduos que residiam em uma localidade de criação de peixes. A segunda hipótese faz referência a Gomes Viegas, filho de D. Egas Henriques de Protocarreiro e D. Teresa Gonçalves de Cuveira, no século XIII. Gomes Viegas recebeu a alcunha de Peixoto, de Afonso III, o então rei de Portugal.

O conto popular narra que Afonso III, iniciando o processo de dominação de uma região intitulada “Celorico da Beira”, montou um cerco para dominar a região. O castelo de Celorico estava quase sucumbindo a tal cerco por falta de mantimentos dentro da fortaleza. Conta a história, que um corvo marinho trazendo um peixe na boca, o deixou cair dentro da muralha de proteção do castelo de Celorico. Fernando Pacheco, alcaide-mor do castelo, teria pedido para preparar o peixe e entregar a Afonso III, como sinal de abundância e comida dentro da fortaleza. O responsável por pegar o peixe e entregar ao rei foi Gomes Viegas que, após o ato, recebeu alcunha de Gomes Viegas Peixoto.

A entrega do peixe como sinal de fartura teria feito o rei decidir por libertar Celorico do cerco. Alguns relatos contam que Gomes Viegas Peixoto teria se casado com D. Maria Rodrigues e a partir daí o sobrenome

¹ Foram utilizados como instrumentos de pesquisa os consultores de árvores genealógicas: “family.search.org”, “Forebears”, “ancestry Family” e o Museu de imigração de São Paulo.

teria se espalhado, mas alguns historiadores contestam tal versão, alegando que Gomes Viegas Peixoto não teria tido herdeiros.

Da mesma forma, o sobrenome “Vieira”, além do Brasil, é bastante comum em Portugal e em Guiné-Bissau (esse último, também explicado pela colonização da América e da África). Vieira significa “molusco” ou “concha que produz pérolas”.

O sobrenome também está atrelado a uma condição de natureza geográfica, sendo associada aos moradores de Vieira do Minho e Vieira de Leiria, em Portugal. Há relatos que indicam Ruy Vieira, como o primeiro indivíduo a possuir o sobrenome na província do Minho. Ruy Vieira era um importante fidalgo, e igualmente a Peixoto, serviu D. Afonso e D. Sancho II. Registram-se como filhos de Ruy Vieira, João Rodrigues Vieira e Pedro Rodrigues Vieira, entre os descendentes deste último, registram-se: Francisco Vieira de Lima (fidalgo da casa real que esteve no Brasil como coronel deixando descendentes), Manuel Vieira da Silva (sargento-mor da infantaria na Bahia) e José Vieira da Mota (sacerdote que esteve no Brasil).

A chegada de ambos os sobrenomes no Brasil é fruto da colonização portuguesa no território. Mas o que explicaria o grande contingente populacional português atracar em terras que ainda não eram conhecidas em sua totalidade?

Além dos primeiros séculos de ocupação do território, temos uma segunda onda migratória de portugueses no Brasil na segunda metade do século XIX. Segundo Cristina Donza Cancela e João Santos Ramalho Cosme o que explica o grande fluxo de deslocamento são,

O crescimento populacional de Portugal, a formação de relações capitalistas na agricultura, na pesca e no artesanato, a não absorção da mão de obra pelo mercado e indústria lusa, o limite de terras das famílias e as dificuldades de herança. Junte-se a isso, as facilidades de transporte de navios e trens, a maior liquidez econômica e o apelo das cidades de destino.²

Atravessando o “mar salgado”, essas famílias cheias de anseios se viam agora em um novo território que, para elas, significava um mundo de possibilidades.

“Peixotos” e “Vieiras” se espalharam por todas as regiões do Brasil, cada família trilhando agora sua própria trajetória, não necessariamente marcada por reis, fidalgos ou berços de ouro. Avante!

² CANCELA, Cristina Donza. COSME, José Santos Ramalho. **Entre fluxos, fontes e trajetórias: imigração portuguesa para uma capital da Amazônia (1850-1920)**. Doi: Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v.42, n.1, p.232-254, jan-abr. 2016.

DO SERTÃO NORDESTINO AO NORDESTE PARAENSE:

OS PRECURSORES DA FAMÍLIA PEIXOTO VIEIRA

Elis Regina Corrêa Vieira
Maria de Nazaré Vieira Costa

Os indícios dos primeiros passos da trajetória de nossos ancestrais no Estado do Pará, nos levam até o Estado do Ceará e aos árduos anos de seca intensa.

Segundo a historiadora Franciane Gama Lacerda, as grandes secas do final do século XIX e início do século XX trouxeram muitos cearenses para a região amazônica, uma experiência marcada por saudades, medos e esperança.¹

Foi nesse difícil contexto que, na cidade de Baturité, no Ceará, Maria Emília Pessoa e Antônio Lopes de Andrade tiveram uma filha, a qual batizaram de Maria da Conceição Pessoa.

Com a permissão dos pais, por volta do ano de 1915, a menina se casou com Aderaldo Sabino Peixoto, cearense nascido na cidade de Pereiro, filho de Maria Madalena Peixoto e Joaquim Jerônimo da Silva, ambos naturais do Ceará.

A seca assolava o Ceará no ano de 1915, fato esse bem narrado no romance ‘O Quinze’, de Raquel de Queiroz². Em mensagem daquele ano, o então Governador afirmava que estava “no domínio de todos a desgraça que nos tocou”, segundo ele “*expatriam-se uns, morrem outros de fome, de miséria e de peste*”, o governador defendia que o “*cearense tem o direito de amar o solo natal*” e denunciava que cabia ao governo federal “*o dever de preparar uma melhor situação aos brasileiros que habitam toda a região das secas periódicas com serviços úteis que os defendam nos tempos de crise*”.³

Uma imensa população de desvalidos chegava à Fortaleza, assustando a elite local. Na visão dessas elites, esses sujeitos traziam desordens e doenças e precisavam ser controlados e disciplinados.

Ao mesmo tempo, os migrantes desafiavam o ideal de uma cidade que se pretendia moderna e higienizada e expunham as mazelas sociais. Foi

¹ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. Belém: Editora Açaí, 2010, p.17.

² QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

³ Mensagem dirigida a Assembleia Legislativa do Ceará em 1º de Julho de 1915 pelo presidente do Estado Coronel Benjamin Liberato Barroso, p.6.

nessa conjuntura que foram criados os chamados campos de concentração, locais onde os sertanejos eram confinados com o intuito de controlar e dificultar o fluxo de pessoas para Fortaleza.⁴

Segundo a historiadora Kênia Rios, a prática de manter a cidade dos ricos distante, ou, parcialmente distante da miséria, concretizou-se na construção de locais para o aprisionamento dos sertanejos, bem como em frentes de trabalho e em políticas de emigração forçada para outros estados.⁵

Em meio a esse cenário de seca, falta de assistência e impulsionados por um imaginário que apontava a Amazônia como uma terra de fartura e oportunidades, Maria da Conceição Pessoa e Aderaldo Sabino Peixoto, na companhia do irmão Pedro Peixoto - com sua esposa e dois filhos, migraram para o Estado do Pará, no ano de 1915.

Segundo as memórias de Maria Enita, a décima filha de Aderaldo e Conceição, seus pais contavam-lhe que a vida no Ceará *“no tempo do inverno era muito bom, tinha muito leite, minha avó fazia queijos”*, no entanto, no tempo da seca *“parece assim que acabou-se, só poeira, aí vieram embora, andaram léguas e léguas para chegar no mar e poder pegar o navio”*.⁶



Mapa da Planta da Estrada de Ferro de Bragança (Intervenções feitas pelas autoras).
Ano: 1914.

⁴ NEVES, Frederico de Castro. Cural dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995. p. 110.

⁵ RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e Poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014, p.9.

⁶ Entrevista realizada com Maria Enita Peixoto Vieira, em 28 de setembro de 2020.

Partiram de Baturité até Fortaleza, percorrendo a pé uma distância de aproximadamente 100 quilômetros. Quando chegaram a Fortaleza embarcaram em um navio rumo a Belém. Ao chegarem à capital do Pará, sem conhecimento do novo estado, optaram por pegar a Estrada de Ferro de Bragança (EFB), extinta em 1965, e seguir viagem até Capanema.

Ao chegar ao Município de Capanema, Aderaldo e Conceição seguiram para o interior, residiram temporariamente na terceira travessa do ramal de Salinas, mas logo foram morar na cidade de Capanema, onde Aderaldo vivia de prestação de serviços, muito embora alimentasse o sonho de ser lavrador e dono de sua própria terra.

Nas margens da Estrada de Ferro de Bragança, o governo do Pará havia implantado várias colônias com migrantes nacionais e estrangeiros com o intuito de estimular as atividades agrícolas e o povoamento da região. No discurso dos poderes públicos, a ferrovia representava um símbolo do progresso, da modernidade e do fortalecimento da agricultura na região bragantina, que abastecia Belém com diversos gêneros.

Assim, Aderaldo e Conceição assumiram a posse de alguns hectares de terra e foram morar no município de Bonito, limítrofe a Capanema. A vida dos migrantes que chegavam à Amazônia foi repleta dos mais diversos desafios. A historiadora Franciane Lacerda aponta que o processo de introdução dos migrantes nos núcleos coloniais às margens da Estrada de Ferro de Bragança possuía várias dificuldades, destacando que a chegada e permanência em locais de mata densa era tarefa bastante complicada para os sertanejos, que se deparavam com uma paisagem bastante diversa daquela em que viviam e ainda possuíam a obrigação de “civilizá-la” e de fazê-la produzir.⁷

Maria Enita⁸ relata as dificuldades vividas por seus pais ao chegarem à região, *“a barraquinha era de palha, a mamãe tinha muito medo, apagava até o fogo, papai ia trabalhar no outro lugar longe e ela ficava sozinha e as onças esturravam, mamãe temia que seus filhos fossem devorados pelo animal”*.

Na terra que lhes pertencia, estabeleceram-se e transformaram o lugar em uma belíssima morada. Ao lado da casa, existia um belo açude e um grande sítio. Nas memórias de Nazaré Vieira – filha mais velha de Maria Enita, se ela viver cem anos, nunca esquecerá aquela morada dos sonhos. Havia muita fartura à mesa, pois além de plantar também gostavam de criar animais para o sustento deles e de quem chegasse à sua casa. As melhores lembranças de sua infância estão relacionadas as idas à casa de seus avós.

⁷ LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. Belém: Editora Açai, 2010, p.17

⁸ Entrevista realizada com Maria Enita Peixoto Vieira, em 28 de setembro de 2020.

Na frente da propriedade, havia um ramal que dava acesso a outras localidades, passando pela parede de contenção de um açude ladeado de buritizeiros. Aderaldo e Conceição viveram ali por muitos anos e viram seus filhos crescerem, casarem e partirem. Tiveram doze filhos, duas filhas faleceram ainda jovens: Maria de Lurdes Pessoa Peixoto (aos 14 anos, acometida por Sarampo) e Francisca Pessoa Peixoto (aos 8 anos, por causa desconhecida).

Inúmeras doenças, como o sarampo e a malária, eram frequentes na Amazônia. Em meio a diversos problemas sanitários, a região ainda enfrentou a pandemia da gripe espanhola, em 1918. Segundo a historiadora Maria José Martins, a doença chegou na capital do Pará em outubro e espalhou-se rapidamente pelo interior do estado em razão do intenso fluxo dos rios e da circulação de pessoas pela estrada de ferro. A gripe espanhola gerou medos e temores na população, nos médicos e nas autoridades por ser até então uma doença desconhecida.⁹

Na ausência de escolas próximas de seu sítio, Aderaldo e Conceição - mesmo não escolarizados, desejavam que todos os seus filhos aprendessem a ler e a escrever. Contratavam uma professora que, por meses, morava na casa da família para ter a função de ensiná-los a calcular e escrever, até o nível que representasse a terceira série do primário, atual quarto ano do ensino fundamental.

No ano de 1972, o peso da idade e o isolamento social causado pelo êxodo rural os obrigou a vender suas terras e migrar para a cidade de Capanema, na companhia de seu filho Solone Peixoto. Fixaram residência ao lado de sua filha Maria Enita, na rua Leandro Pinheiro, bairro Tancredo Neves. O casal tinha um pelo outro amor incondicional, por vezes Aderaldo tocava em Conceição apenas para ouvir as batidas do seu coração, quando ela estava a dormir, pois tinha muito medo de perdê-la.

Maria Enita, mais presente no cotidiano deles, afirma que a perda de memória de seu pai teve início com uma intensa ansiedade pela ausência da sua mãe que precisou passar alguns dias em Belém, para tratamento de saúde.

⁹ MARTINS, Maria José. **A gripe espanhola em Belém, 1918: cidade, cotidiano e medicina**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em História (PPGH), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016, p.58.



Registro fotográfico de Maria da Conceição Pessoa Peixoto e Aderaldo Sabino Peixoto, em Capanema-PA.

Aderaldo faleceu em 15 de novembro de 1983, deixando Conceição na companhia de Enita e seu esposo, permanecendo sob seus cuidados até sua morte no dia 06 de junho de 1988.

Antes de falecer, Conceição perdera a visão, no entanto não perdeu em nenhum momento a consciência e viveu como quem sabia para onde iria, deixando lembranças e

muita saudade.

Também do Ceará, a trajetória de nossos ancestrais paternos perpassa pelos caminhos das migrações para a Amazônia. Júlia Barbosa Vieira, filha de Luíza Camerino Barbosa e Camerino Barbosa Vieira, todos cearenses, provavelmente teriam migrado para o estado do Acre, no início do século XX, e, mais tarde, para o Amazonas com o intuito de trabalhar nos seringais.

Desde o final do século XIX, a Amazônia vivenciava uma intensa exploração do látex, para a produção de borracha - especialmente para atender as demandas da indústria automobilística. Nesse contexto, foi estimulada a vinda de migrantes nordestinos para trabalhar nos seringais. Esses sujeitos enfrentaram longas jornadas de trabalho, ambientes insalubres e passaram por diversas formas de exploração.

A passagem pelos seringais deixou marcas profundas na vida de Júlia. Seus pais e mais cinco pessoas da família faleceram no Acre, quase todos vitimados pela malária. Júlia contava que trabalhar no seringal era uma aventura frustrante. Saíam pela manhã e só voltavam à noite, correndo constantes riscos, vivendo na mesma situação de pobreza de antes e assistindo morrer seus entes queridos, sepultados à beira do rio, pois não havia cemitério no local¹⁰.

¹⁰ LIMA, Luciano Demetrius Barbosa. **Dos trilhos às rodas: histórias e memórias de Capanema**. 1ª ed. Belém-PA: Paka- Tatu,2015, p.47.

Em meio a dores e dificuldades, Júlia conheceu nos seringais do Amazonas Antônio Venâncio da Silva. Diante dos problemas enfrentados no Amazonas, a família de Júlia resolveu migrar para o Pará e Antônio Venâncio resolveu deixar tudo para trás, a fim de acompanhar Júlia. No Pará, Antônio e Júlia se casaram e tiveram seis filhos, entre eles Adelson Barbosa Vieira.

O casal foi morar em Capanema, no quilômetro cinco da BR 316. Segundo as memórias de Maria Enita, a família de Adelson “*plantava milho, arroz, feijão e tinham roçados*”.¹¹

Antônio Venâncio faleceu ainda muito jovem, adoeceu gravemente de pneumonia que evoluiu para o óbito. Os que tiveram o prazer de conviver com ele o descreviam como um homem bom, trabalhador e muito sereno.

Adelson, o filho mais velho, tinha apenas dez anos de idade quando seu pai faleceu. E mesmo na tenra idade, recebeu de seu pai a missão de levar adiante, junto com sua mãe, a criação dos cinco irmãos. A única recomendação de Antônio Venâncio foi que eles permanecessem unidos, por toda a vida.

Júlia viveu os últimos anos de vida na cidade de Capanema, com sua filha Olivia Barbosa, vindo a falecer no dia 21 de abril de 1980. Os filhos de Antônio e Júlia já são todos falecidos, restando apenas os netos, bisnetos, trinnetos e outros que virão para perpetuar suas existências.

Em meio à essa trajetória, os olhos de mar de Maria Enita Peixoto se cruzaram aos olhos de rio de Adelson Barbosa Vieira e as famílias “Peixoto” e “Vieira” se enlaçam em Capanema para ditar os novos rumos dessa História.



Registro fotográfico de Júlia
Barbosa Vieira, em Capanema-PA.

¹¹ Entrevista realizada com Maria Enita Peixoto Vieira em 28 de setembro de 2020.

(AUTO)BIOGRAFIAS DA FAMÍLIA PEIXOTO VIEIRA

UNIÃO DE ALMAS

Rose Mari Peixoto Vieira
Sandriéllem Natália Vieira do Nascimento

Em 21 de outubro de 1927, alguns anos após a fundação do município de Capanema, nascia – no Km 5 da BR 316 – Adelson Barbosa Vieira. Desde muito pequeno já ajudava seus pais nas tarefas do campo, plantando arroz, feijão, milho, hortaliças e na criação de animais de pequeno porte. A família Vieira, composta de 6 filhos, vivia de uma forma muito simples e sua alimentação era baseada na caça, pesca e na sua pequena produção agrícola.

Aos 10 anos, como já foi dito, Adelson passou por um momento muito difícil de sua existência, a perda de seu querido pai Antônio Venâncio da Silva. Isso o levou a amadurecer muito cedo. De todas as missões que Adelson tinha, sua maior era manter a família unida. Antes de falecer, seu pai enfatizou isto dizendo a ele algo que Adelson sempre nos repetia “*meu filho, uma vara sozinha é muito fácil quebrar, mas várias, juntas, são difíceis, por isso permaneçam sempre unidos que dificilmente vocês irão se perder nesse mundo*”.

Nesse mesmo período, Maria Enita Pessoa Peixoto dava seus primeiros passos na altura dos seus dois anos de idade. Nascida em 3 de março de 1935, na localidade conhecida como Travessão, no Município de Bonito-PA. Da mesma forma que a família Barbosa, a família Peixoto vivia de produção agrícola de subsistência.

Enita e seus irmãos eram muito unidos e todos colaboravam com seus pais nas tarefas a serem executadas pela família, as mulheres nos afazeres domésticos e os homens acompanhavam seu pai na agricultura familiar. Maria da Conceição, sua mãe, era costureira e repassou seus conhecimentos de costura às suas filhas. Naquele contexto havia uma rígida divisão sexual do trabalho e, conseqüentemente, uma reprodução dos lugares constituídos de gênero. A infância de Enita foi regada de aventuras em um grande açude na sua residência, onde criou um grande vínculo com a natureza que se estendeu ao longo da sua vida. Desde cedo, sua mãe lhe ensinou rezas e benzeções – uma cultura milenar, passada de geração em geração.

Aos 14 anos, Enita foi a uma festa de aniversário na vizinhança com sua família. Ao chegar no local, Adelson estava com seus irmãos Jaime e Valmir, todos de terno e gravata. Já nesse primeiro contato, mesmo que

rápido, Adelson e Enita trocaram seus primeiros olhares. Ele passou pela moça e resolveu perguntar de onde ela e sua família eram, mesmo tímida, respondeu-lhe educadamente.

Como na época não existia namoro com muitos carinhos, abraços ou beijos, qualquer conversa já era motivo de polêmica. Dessa forma, assim que o rapaz de baixa estatura se afastou, as irmãs da moça resolveram dizer aos seus pais que Enita estava de “paquera”, apenas por responder, na sua inocência, uma simples pergunta.

A partir daquele momento, Adelson, na época com 23 anos, decidira que pediria aquela linda jovem dos olhos azuis em namoro, e assim o fez. Após seu trabalho, sempre passava na casa dos pais de Enita, mesmo que fosse apenas para vê-la de forma rápida.

O namoro se dava através de olhares e cumprimentos à distância, sempre na presença dos pais da moça. Até hoje Enita se lembra com carinho daquela época e sempre conta que ele falava para todos ao redor, que, bastava vê-la, para ficar feliz o resto do dia.

Namoram aproximadamente três anos, e no dia 17 de dezembro de 1952 casaram-se em Capanema-PA, na antiga igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que ficava ao lado da atual Igreja Matriz (construída posteriormente com o mesmo nome). Ambos foram a cavalo. A festa de casamento aconteceu na casa dos pais da noiva, um momento de muita alegria para todos.

A primeira morada dos recém-casados foi construída ao lado da casa de Júlia, para que Adelson pudesse acompanhar seus irmãos, que o tinham como um pai, ficava na Travessa do km 5, BR 316. Lá, havia muitas árvores e animais silvestres (tatu, paca, preguiça, cutia e outros) ao redor. Adelson trabalhava na roça durante o dia e a noite caçava e pescava, enquanto Enita cuidava da casa e dos filhos pequenos.

Nesta casa, nasceram seis de seus dez filhos: Nazaré, Antônio, Dão Jorge, José, Edinaldo e Socorro. Como não havia nenhuma escola nas proximidades, e, apesar da maioria dos outros pais não terem a cultura da educação escolarizada dos filhos, Adelson decidiu levar sua filha mais velha à região urbana de Capanema para começar seus estudos.

Esse fato muda toda a trajetória dessa enorme família, já que todos os filhos posteriormente aprenderam a ler e a escrever, e mesmo os que pararam no ensino fundamental, incentivaram seus filhos (netos de Adelson e Enita) a se formarem. Assim, Adelson lutou muito para que seus filhos pudessem ter uma qualidade de vida melhor e, mesmo ele não tendo tantos anos de estudo, entendia a importância de garantir a educação escolarizada aos seus filhos.

Em fevereiro de 1966, a família resolveu vir do interior para a cidade de Capanema, a pedido da filha mais velha e pelos outros filhos mais novos que já estavam em idade escolar. Vieram morar na Rua Coronel Leandro

Pinheiro, Bairro Tancredo Neves. No período, essa rua era na verdade uma estrada de terra cercada por árvores e cortada pelo rio Garrafão. Mesmo morando na cidade, Adelson continuava trabalhando na roça, tendo que percorrer uma longa distância para isso.

Muito sábia e vendo todo o sacrifício do esposo, Enita resolveu falar com um vizinho sobre a possibilidade de conseguir emprego para Adelson, na cidade. E em 9 de maio de 1966, Adelson começou a trabalhar na fábrica de Cimentos do Brasil S.A. - CIBRASA, permanecendo até sua aposentadoria.

Com as bolsas de estudo que seu trabalho proporcionava, seus filhos tiveram oportunidade de estudar no Colégio São Pio X¹.

Adelson sempre foi um trabalhador muito pontual, dedicado, esforçado e muito cordial com todos, tanto que recebeu vários prêmios como funcionário exemplar.

Todas as tardes, a chegada do pai em casa era uma grande festa para a criançada que esperava ansiosa por isso, pois todas as noites ele cantava e contava muitas piadas para divertir a família. Já morando na cidade de Capanema, nasceram outros quatro filhos, Ângela, Sandra Helena, Rose Mari e Paulo. Com tantos filhos, eles tiveram muitas dificuldades financeiras, sendo necessário muito trabalho para poder alimentá-los e vesti-los.



Identificação trabalhista de Adelson, funcionário da CIBRASA. Ano: 1966.



O casal Enita e Adelson, em casa, com seus 10 filhos reunidos. Ano: 1989.

¹ Instituição privada de educação básica, sob a direção da Congregação das Irmãs do Preciosíssimo Sangue, localizada no bairro São Pio X, em Capanema-PA

Enquanto Adelson trabalhava na fábrica, Enita além dos afazeres domésticos, costurava as roupas dos filhos, cortava seus cabelos e organizava as finanças da família. Pelos exemplos desses Capanemenses, todos os seus filhos se tornaram honestos e responsáveis.



Bodas de Ouro de Adelson e Enita e aniversário de 78 anos de Adelson.

Celebração Eucarística na Igreja Matriz de Capanema-PA. Ano: 2005..

Na mesma ocasião comemorou-se os 78 anos de Adelson, em 22 de outubro de 2005. Como a família sempre gostou muito de homenagens, os netos cantaram no altar da Igreja Matriz a música “Meu querido, Meu velho, Meu amigo”, de Roberto Carlos e Erasmo Carlos, para homenagear Adelson no auge de seus cabelos brancos. Na nossa família, a alegria, a união e a festa sempre estiveram muito presentes, qualquer oportunidade é motivo para um “lanchinho feliz”.

Nesse contexto de vida familiar, a fé sempre foi parte da rotina. Nas missas, nos terços em família, na oração antes das refeições e, principalmente, nas tantas rezas de dona Enita.

No dia 18 de setembro de 2007, Enita teve que dizer adeus para o seu grande amor. Aos 79 anos, em meio a algumas doenças que se complicaram, Adelson partiu segurando a mão de seu filho mais velho. Permaneceu em sua casa até o fim da vida, pois não era seu desejo morrer prostrado em uma cama de hospital. E assim foi feito. Seus filhos respeitaram seu desejo e todos estavam ao seu redor no momento que fez sua passagem.

Após a partida de nosso patriarca, Enita permaneceu a forte mulher que sempre foi. Em sua casa permaneceram morando, ela, seu irmão Solone Peixoto – que faleceu alguns anos mais tarde – e seu filho mais novo Paulo Peixoto.

Depois de oito anos sem grandes comemorações na família e por 80 anos ser uma idade significativa, Enita foi homenageada com uma grande

festa. Filhos, netos e bisnetos fizeram leituras de belos textos, entregaram-lhe flores e participaram de um vídeo, projetado aos presentes, no qual falavam palavras de amor e afeto à essa mulher tão amada por todos.



Aniversário de 80 anos de Enita, com seus dez filhos, em Capanema-PA. Ano: 2015.

Tal como seu esposo fez em vida, Enita sempre nos ensina sobre amor, humildade e união. Assim, a família continua muito unida e feliz, mesmo com toda sua diversidade. Enita, até hoje, ao falar de Adelson, não contém as lágrimas e sabe que o amor por ele será eterno, pois viveram não apenas uma união física, mas uma união de almas.

Nos próximos capítulos, vocês poderão conhecer um pouco mais de cada um dos seus dez filhos e das famílias que foram constituídas a partir deles.

A PRIMEIRA PROFESSORA DA FAMÍLIA

Maria de Nazaré Vieira Costa

Era 26 de abril de 1954, o relógio marcava oito horas da manhã de uma segunda-feira. Numa área rural, a cerca de 5 km da cidade de Capanema, eu nasci. Fui a primeira dos 10 filhos de Adelson e Maria Enita. Nossa casa ficava à margem de um ramal, a cerca de 1 km de distância da estrada de acesso à cidade de Capanema. Mais tarde, ela daria lugar a BR 316, principal elo entre o Norte e o Nordeste brasileiro. Nossos vizinhos mais próximos eram minha avó paterna Júlia e minha tia Olívia, irmã de meu pai.

O meio de transporte mais comum, entre os lavradores, eram os animais de montaria, sendo o cavalo o mais utilizado. Por esse meio de transporte meu pai se locomovia, vendia os gêneros agrícolas que produzia, e, adquiria na cidade o que faltava para suprir nossas necessidades. O acesso à capital nesse período dava-se através da Estrada de Ferro de Bragança, conhecida apenas por ferrovia Belém-Bragança.

Tive uma infância normal, dentro da realidade do viver no meio rural, na década de 50. Muito cedo as crianças aprendiam com os pais as atividades do lar, assim como a ajudá-los na arte de lavrar a terra. O melhor dia da semana para mim era o sábado, quando meu pai ia para a cidade e trazia pão e bombons para ser dividido entre nós. A melhor diversão era quando havia uma reza na vizinhança, pois, no final, sempre havia biscoitos e chocolate. E o melhor passeio era ao sítio de meus avós maternos, embora a viagem fosse cansativa, pois quase sempre era feita a pé, uma vez que o cavalo era conduzido pelo papai e a prioridade eram os irmãos menores. Tais lembranças marcaram minha vida.

Minha mãe conta que faltando quatro dias para eu completar quatro anos de idade, juntei-me a outras crianças e iniciei minha trajetória escolar. A escola ficava há mais de 1 km da nossa casa, e foi ali que aprendi a ler e a escrever. Minha primeira professora chamava-se Francisca Reis. Aos sete anos, lembro de ter lido e memorizado o livro “Meu Pequeno Catecismo” para realizar minha Primeira Eucaristia, em uma celebração que ocorreu em nossa própria casa. Nesse mesmo dia, meu irmão José também foi batizado.

Nossa escola funcionava com uma única professora para todas as séries, classe multisseriada, e era rotina as aulas serem suspensas no segundo semestre, quase sempre devido a problemas de saúde da professora.

Nos anos de 1961 e 1962, na 1ª e 2ª série do ensino primário, atual ensino fundamental, precisei vir para a cidade de Capanema concluir o ano escolar. Morei nesses dois períodos com a família de meu tio-avô Alexandre

Barbosa e estudei na Escola Municipal Coronel Leandro Pinheiro, na época localizada no atual espaço da Praça Moura Carvalho. Esse prédio já havia sido um Mercado Municipal, construído pelo poder público municipal, na década de 1940.

No ano de 1963, na 3ª série do ensino primário, consegui finalizar o ano escolar sem necessitar ser transferida para a cidade, embora, por alguns meses, tivesse que estudar em outra escola da zona rural, a cerca de 10 km. No final desse mesmo ano, as aulas retornaram na nossa escola, pois um jovem professor assumira o magistério. Ali realizamos as últimas revisões e as provas finais para que, no ano seguinte, pudéssemos cursar uma nova série.



Nazaré com o uniforme do Colégio São Pio X, aos 12 anos. Ano: 1966.

Vale ressaltar que esse professor se tornaria, anos mais tarde, pela graça de Deus, a pessoa escolhida para ser meu esposo, companheiro e pai de meus quatro filhos. No ano seguinte, agora na 4ª série, fui matriculada no Colégio São Pio X. O ano de 1964 marcou meu retorno à cidade de Capanema – dessa vez na casa da minha tia e madrinha Emília Peixoto, irmã de minha mãe.

No meio do ano, voltando das férias escolares, os alunos que tinham bom aproveitamento foram convidados a cursar a quinta série no segundo semestre, fazendo assim duas séries em um mesmo ano. Se aprovados no teste de admissão ao final do período letivo, já fariam o curso ginásial, equivalentes aos últimos quatro anos do ensino fundamental.

Apesar de morar na casa de familiares, na cidade, e passar as férias na zona rural ajudando meu pai no plantio e na colheita da lavoura, fui aprovada ao próximo ano escolar pois tinha um bom rendimento. Aos onze anos, ingressei no ginásial. Dessa vez, morei com um primo de meu pai, Oliveira Barbosa. No final desse ano, sentindo a necessidade dos meus irmãos estudarem, meus pais compraram em Capanema uma pequena casa com um grande quintal na Rua Leandro Pinheiro. Na mudança, poucos objetos e seis filhos.

Os anos prosseguiram e concluí o curso ginásial que durava quatro anos. Ingressei no segundo grau, atual ensino médio, no Curso Pedagógico que formava jovens para assumir o Magistério. Em 1972, após minha aprovação no vestibular, ingressei na Universidade Federal do Pará - UFPA, núcleo de Bragança, para cursar Estudos Sociais (Licenciatura Curta em História e Geografia). Nesse mesmo ano, iniciei como professora no

Colégio São Pio X, onde havia estudado por oito anos, permanecendo ali, como docente, até o ano de 1980.

No ano de 1973 fui aprovada no concurso público da SEDUC, alcançando a terceira colocação geral, no estado do Pará. Passei a dividir meu tempo entre dar aulas na Escola Estadual Dom João VI e Colégio São Pio X. Trabalhei ao longo dos anos como professora de Geografia e História também nas escolas estaduais Padre

Sales, América Leão Condurú e João Santos, onde me aposentei por tempo de serviço em 1996.



Casamento de Nazaré e Claudemiro, na Igreja Matriz de Capanema-PA. Ano: 1976.



Formatura em Licenciatura em Geografia (UFPA/Castanhal-PA). Ano: 1988.

Na tarde do dia 14 de março de 1974, onze anos depois de ter sido meu professor da 3ª série do primário, Claudemiro dos Reis Costa – filho de Quintino Ferreira da Costa e Raimunda dos Reis Costa – passou por minha rua.

Aconteceu o reencontro e o encanto. Eu iria completar vinte anos e ele, trinta. No mesmo dia iniciamos um namoro que já dura décadas. Nosso matrimônio realizou-se em 17 de dezembro de 1976, presidida pelo Frei Hermes Recanati. Alguns anos depois, fiz a Licenciatura Plena em Geografia (apenas a complementação), no núcleo da UFPA, em Castanhal.

Da abençoada união de 44 anos, nasceram nossos quatro filhos: Norma Cristina (1977), Neidson Cláudio (1979), Nivia Maria (1981) e Nilton César (1984). Nossos filhos nos deram dois genros, duas noras e nove netos: Ryan Mateus, Romenson Filho e Maria Enita (Norma e Romenson); Flávia Nicole e Neidson Filho (Neidson e Fabricia); Alice de Fátima e Arthur Wilson (Nivia e Andrei); Ana Beatriz e Ana Bella (Nilton e Bartira).

Fui a primeira professora da família Peixoto Vieira, depois de mim, alguns irmãos, meus quatro filhos e muitos sobrinhos também assumiram o magistério como profissão, e, observo que há uma grande alegria em ser

docente e contribuir para a formação das pessoas. Acreditamos que, por meio da educação, transformamos a sociedade.



Família reunida. Ano: 2021.

O CUIDADOSO

Caroline de Lima Vieira
Clara de Lima Vieira

Antônio Peixoto Vieira é o segundo filho do casal Adelson Barbosa Vieira e Maria Enita Peixoto Vieira. Nasceu em 21 de novembro de 1956, no interior do município de Capanema-PA, na comunidade conhecida como km 5 da BR 316, onde passou boa parte de sua infância. Antônio sempre foi um irmão responsável. Por ser um dos mais velhos, recebeu a difícil missão de auxiliar nos cuidados dos mais novos. Ainda muito jovem, começou a ajudar nos trabalhos da roça, sendo um grande companheiro do pai.

Em 1966, aos 10 anos de idade, o menino mudou-se para Capanema onde suas vivências se tornaram outras. Novos lugares, nova rotina. Depois de certo momento da sua história, Antônio passou a ser chamado por “Tota” ou “Totinha” - como tantos outros Antônio da época também foram apelidados.

Sempre muito apaixonado por futebol, na adolescência se tornou torcedor fiel de um grande time paraense: o Paysandu Esporte Clube. Também permaneceu colaborando com o sustento da família Peixoto Vieira nos trabalhos agrícolas. Ele se lembra com orgulho que, mesmo após sua família ter se mudado para a cidade, ajudava seus pais na colheita das últimas safras da lavoura. Eles faziam um longo percurso – muitas vezes a pé – e levavam produtos naturais como coco e mamão para vender no centro da cidade de Capanema. Posteriormente, o jovem Tota passou a vender tapioca, pão, pamonha, beiju, entre tantos outros produtos, para auxiliar seu pai nas despesas familiares em função do grande número de irmãos em sua casa.

O tempo passou e o garotinho cresceu tal como seus sonhos. Aos 19 anos, em 1975, Totinha conquistou seu primeiro trabalho formal ao ingressar na empresa Cibrasa - a mesma em que trabalhava seu pai. Por lá, passou 4 anos. Aprendeu a dirigir e não parou mais. O menino “ganhou o mundo”!

Nos anos seguintes tornou-se caminhoneiro. Seu primeiro emprego na função foi na empresa Serra Almeida, em Santa Inês-MA. Depois trabalhou na Camargo Correa, mais especificamente na obra da barragem da Usina Hidrelétrica de Tucuruí - PA. Em 1982, já mais maduro e experiente, foi morar em Manaus e trabalhou na empresa Andrade Gutierrez, dessa vez para a construção da barragem de Balbina, onde ficou por três anos. A

referida empresa possuía obras em três diferentes países: Venezuela, Bolívia e República do Congo. Tota foi um dos escolhidos a ser transferido para o Continente Africano para trabalhar na República do Congo, neste país desempenhou a função de motorista para obras de terraplanagem, para construção de estradas, ali ficou por cerca de seis meses.

Assim, temos um marco na história familiar: a primeira pessoa a ter uma experiência fora das terras brasileiras e em um outro continente. Um dos poucos Capanemenses, na época, a conhecer uma cultura diferente da sua e a passar por muitos desafios de adaptação. As festas nos funerais africanos, por exemplo, chamavam sua atenção, pois havia comemorações durante sete dias quando alguém morria. Há o mito de que, se o morto não ficar satisfeito com seu enterro, se não for devidamente honrado, pode voltar para assombrar os parentes vivos¹. Em países como Congo, Gabão e Angola, o morto passa a ser visto como um ancestral que cuida dos que ficaram. Daí a necessidade de uma despedida com toda a pompa.



Antônio e esposa na Igreja Matriz de Capanema-PA.
Ano: 1991.

Apesar de ter viajado bastante, foi na cidade de Capanema que Totinha conheceu seu grande amor, Francisca Maria de Lima Vieira - filha de José Vieira Lima e Maria Loreto Lima, com quem casou depois de aproximadamente dois anos de namoro.

O dinheiro que Tota conseguiu economizar em sua viagem à África ajudou a comprar sua casa própria, um carro e uma moto. Todo seu esforço foi recompensado, pois pôde dar algum conforto e cuidar do bem-estar de sua família.

Tempos depois, em 26 de outubro de 1987, nasceu a primeira filha do casal: Caroline de Lima Vieira. Nessa época, trabalhava como motorista na empresa Terramar, onde permaneceu por 5 anos. Logo em seguida, passou a trabalhar na empresa Cobel e no Grupo JM, exercendo sempre a mesma função de motorista.

¹ Informação retirada do site: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/mundo/noticia/2020/05/funerais-na-africa-tem-valor-de-casamentos-pandemia-os-esvaziou-ckaaxiiep00mf01mj7qey6opy.html>.

Em 28 de junho de 1994, mesmo ano da Copa do Mundo em que o Brasil alcançou o tetracampeonato, nasceu a segunda filha do casal: Clara Letícia de Lima Vieira. Nesse período, Totinha trabalhava fazendo o transporte alternativo da empresa Boa Esperança, fazendo linha para as cidades de Recife, Natal e João Pessoa durante 3 anos. Em 1997, decidiu ser autônomo e se dedicar à profissão de taxista, a qual exerce até os dias atuais, com amor e satisfação.



Além de gostar de lavar seu carro e mantê-lo limpo para receber seus clientes, ele também tem um grande passatempo, que é o de jogar futebol com os amigos de longa data, aos finais de semana, e assistir a jogos de futebol sempre que possui uma folga.

Totinha próximo ao caminhão da empresa Terramar. Ano: 1987.

Suas filhas Caroline e Clara são grandes admiradoras de seu pai, o consideram um homem honesto, trabalhador, dedicado à família, responsável e o grande amor de suas vidas.

Antônio passou por três momentos que foram inesquecíveis em sua trajetória. O primeiro ocorreu há aproximadamente 20 anos, quando sua mãe fez um trato com ele: ela pararia de fumar (hábito que ele detestava) se ele parasse de consumir bebidas alcoólicas. E assim foi feito!

Outro fato marcante aconteceu em 18 de setembro de 2007, em uma terça-feira de muito sol. Seu pai, seu herói, grande exemplo de honestidade e bondade, faleceu. Em meio a uma grande dor, teve a certeza de que sempre esteve ao lado de seu velho, segurando sua mão durante toda a vida, inclusive no momento de sua passagem para a morada eterna.



Totinha e sua neta Luna Vieira na Toka da Preguiça. Ano: 2020.

Com a morte de seu pai, Totinha passou a ser considerado responsável pela família Peixoto Vieira. Amado por uns e nem sempre bem compreendido por outros, a certeza da personalidade forte é reconhecida por todos que tem a oportunidade de conviver com ele.

Em maio de 2013, sua filha primogênita casou-se com Shalon Samuel Alencar da Silva, genro querido de Tota. Em 17 de abril de 2016, nasceu sua neta Luna Vieira Alencar da Silva, aquela que transformou a vida desse homem “durão”, ensinando-o o valor da paciência, tornando-o extremamente dedicado e amoroso. Esse foi o terceiro grande momento de sua vida, pois se tornou um super avô.



Tota e família no aniversário de 1 ano da neta.

Ano:2017.

Totinha segue morando na cidade de Capanema, na qual passou a maior parte da sua vida. Constituiu sua família trabalhando na profissão que escolheu por amor, segue torcendo pelo seu time de coração e exercendo com destreza o legado deixado por seu pai, o de cuidar da família e de todos à sua volta.

Merece ainda destaque o fato de que Totinha dedica parte do seu tempo a cuidar e alimentar os animais, em especial os pássaros que, todas as manhãs, voam até seu quintal para receber alimentos de suas mãos, centenas deles, é admirável observar a amizade entre ele e os pássaros, que, mesmo livres, sempre voltam. Ainda nutre grande amizade pelos cachorros e animais em geral, dedicando-lhes muito afeto.

É cuidadoso, na essência da palavra, com todos os seres!

Totinha segue alegre, atleta e muito conversador, sempre levando histórias e lições de vida para quem encontra pelo caminho.

SIMPLESMENTE UM SONHADOR

Alessandra Vieira dos Santos

No dia 9 de março de 1959, nascia Dão Jorge Peixoto Vieira. Terceiro filho de Adelson e Enita, veio ao mundo em sua casa no km 5, da BR 316. Estava sob os cuidados da parteira Zenobre Alves, e dos olhares amorosos de sua avó Júlia e de sua tia Olivia.

Seu nome, um tanto incomum, foi escolhido por sua mãe. Durante o período de gravidez, sua avó paterna sempre cantava com sua bela voz uma música agradável. Tratava-se da canção popular “Juliana e Dom Jorge” – baseada em um romance português – que possui diversas versões¹. Na versão cantada por Júlia, narrava a história de dois primos que namoravam, Juliana e Dom Jorge, onde este anunciava que iria se casar com outra pessoa, conforme trecho da música “De que choras, minha filha? É Dom Jorge, minha mãe, que com outra vai casar”. Encantada pelo nome que ouvia, Enita decidiu que seu filho se chamaria Dão Jorge.

Durante os primeiros meses de vida não teve problemas de saúde, porém, ao completar nove meses, ficou seriamente doente. Por esse motivo, sua mãe precisou deslocar-se até a cidade de Capanema em busca de atendimento médico. Ao passar pela consulta no Serviço Especial de Saúde Pública - Fundação SESP, constatou-se que, devido a gravidade de seu problema, precisaria ser hospitalizado. Como não havia hospital na cidade, foi encaminhado para internação no Hospital Santo Antônio Maria Zacarias, na cidade de Bragança.

Diante da enorme preocupação com o estado de saúde de Dão Jorge e com os filhos que ficaram aos cuidados da sogra, Enita decidiu fazer uma promessa ao Santo Padroeiro da cidade, São Benedito. Mulher de muita fé, prometeu ao santo que se a saúde de seu filho fosse restabelecida, convidaria para ser seu padrinho de Crisma uma pessoa com a mesma cor de pele de São Benedito, conhecido popularmente como o “Santo Preto”, em sua homenagem e gratidão. Vale ressaltar que na época as crianças recebiam o sacramento da Crisma ainda pequenas.

Depois de alguns dias de internação, Dão estava curado. E pela graça e misericórdia de Deus, o pedido de Enita foi atendido. De volta

¹ Nascimento (1973) assinalou versões da canção “Juliana e Dom Jorge” nos estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Santa Catarina, Sergipe e São Paulo.

ao lar, apressou-se em cumprir sua promessa: convidou para padrinho do filho seu “Zé Pretinho”. Este, por sua vez, aceitou com alegria o convite de sua agora comadre Maria Enita.

Nosso protagonista viveu boa parte da infância no sítio da família, onde dividia seu tempo entre pequenas tarefas e as brincadeiras com os irmãos e primos. Gostava muito de pescar, correr e tomar banho de rio. O rio cacimbão era destino certo nas horas livres. No entanto, um fato triste marcou sua infância: a morte trágica de João Alves. Era um rapaz que passou um período morando com a família para ajudar em algumas tarefas, e, apesar da pouca idade, Dão lembra com clareza como tudo aconteceu.

De acordo com seu relato, estava no rio cacimbão na companhia de sua mãe e seu irmão Tota quando seu pai chegou correndo, muito nervoso e pediu que retornassem ao sítio, pois João havia sofrido um grave acidente. João foi atingido fatalmente pela parede da casa que estava demolindo, sua família ficou profundamente abalada e a tristeza tomou conta de todos.

Ao completar sete anos de idade, sua família mudou-se para Capanema e passaram a residir na rua Leandro Pinheiro. Iniciou seus estudos no Colégio São Pio X, onde permaneceu até a 5ª série. Um pouco mais crescido, passou a vender vários produtos, assim como o seu irmão Tota, a fim de contribuir com a renda familiar. Vendeu tapioca, pupunha, pirulito, entre outros. Durante algum tempo, trabalhou como entregador de pães. Acordava muito cedo, antes das 5h da manhã já estava de pé para fazer as entregas. Trabalhou também em uma olaria, onde aprendeu a fazer tijolos.

Desde muito cedo, aprendeu o valor do trabalho e de seu suor. Todas as experiências vividas por ele, moldavam seu caráter. Dão crescia responsável e batalhador. Nas horas livres, gostava de soltar pipa e jogar futebol com os amigos, estes, aliás, nunca lhe faltaram, pois sempre teve facilidade para conquistar novas amizades.

Aos olhos dos pais, Dão sempre foi um bom filho e bom irmão. Cuidava com carinho e zelo dos mais novos, pois sempre teve grande afeto pelos pequenos. Seus irmãos mais novos o viam como protetor, pois sempre que aprontavam, era ele que tomava suas dores e os defendia. Por vezes tomava palmadas destinadas a eles, pois os protegia com seu próprio corpo, para que não recebessem as palmadas de correção.

Seu irmão caçula, Paulinho, não dormia se ele estivesse ausente. Muitas foram as noites em que sua mãe tentou por longas horas fazê-lo dormir, mas ele só dormia depois que Dão retornasse e o colocasse no colo, cantando músicas de ninar.

Frequentou as escolas Oliveira Brito, Padre Sales e D. João VI. Porém, como já trabalhava, tornou-se difícil conciliar as tarefas com os estudos. O cansaço muitas vezes foi maior que a vontade de estudar. Por esse motivo, abandonou os estudos ao concluir a 8ª série.

Aos 16 anos, em um parque de diversão, conheceu aquela que seria sua companheira ao longo da vida: a gentil Gracinha. Maria Gracinha Rodrigues do Nascimento - filha de Raimundo Luiz do Nascimento e Maria de Nazaré Rodrigues do Nascimento, era técnica em enfermagem e trabalhava no Hospital São Joaquim, profissão que exerceu por muitos anos.

Ao completar 18 anos, Dão Jorge mudou-se para Belém em busca de emprego e passou a trabalhar na empresa Viação Bandeirantes (Boa Esperança) como ajudante de lubrificador. No ano seguinte, retornou a Capanema e passou a trabalhar na empresa H. Veríssimo (Radisco) como auxiliar de depósito.

Nesse período, após 4 anos de namoro, Dão e Gracinha decidiram que era hora de oficializar a união. Casaram-se no dia 8 de novembro de 1979.

Depois de casados, passaram a residir na rua Duque de Caxias, em uma pequena casa de vila. Muitos eram os sonhos no início da vida a dois. Entre eles, aumentar a família e conquistar a casa própria eram os mais almejados.

O primeiro sonho estava próximo de se tornar realidade, pois Gracinha esperava sua primogênita. Tudo ocorreu bem durante o período de gestação. Até que, no dia 26 de fevereiro de 1980, Gracinha passou a sentir dores. Por esse motivo, dirigiu-se ao Hospital São Joaquim e, ao ser examinada, constatou-se que estava no início de trabalho de parto. Mesmo assim, foi orientada a voltar para casa. Dois dias depois, ainda com dores, voltou ao hospital onde novamente foi examinada. Pela segunda vez pediram que retornasse para sua residência. No terceiro dia, quando as dores se tornaram intensas, retornou ao hospital e lá permaneceu em observação.

Enfim, Maria estava chegando. Entretanto, a espera pelo parto normal foi longa demais. Só depois que se esgotaram todas as possibilidades, o médico decidiu realizar a cesariana. Maria, que tanto esperou para nascer, faleceu ainda no ventre de sua mãe. Grande foi a dor e a tristeza do casal. O corpo de Maria foi velado na casa de seus avós paternos e o sepultamento



Casamento de Dão Jorge e Gracinha, com a avó materna de Dão, na Igreja Matriz de Capanema-PA. Ano: 1979.

foi realizado no cemitério São José. Dão e Gracinha, naquele momento, viraram pais de um anjo.

Apesar da dor, a vida precisava continuar. Agora, o objetivo do casal era conquistar a casa própria. Passaram a economizar tudo o que podiam e, depois de algum tempo, adquiriram um terreno próprio. Lá, iniciaram a construção do tão sonhado lar.

Aos poucos a casa tomava forma. Dão e alguns amigos trabalhavam duro na construção aos finais de semana. Depois de algum tempo, a casa estava pronta. E como era bela a casinha, um verdadeiro sonho realizado!

Gracinha engravidou novamente e no dia 25 de maio de 1981, Alessandra nasceu forte e saudável. Entretanto, de volta ao lar, Gracinha passou a sentir um grande desconforto. Depois de dois dias retornou ao hospital e lá permaneceu por mais quatorze dias, pois estava com eclampsia pós-parto, que trata-se de um grave distúrbio da pressão arterial.

Durante os dias em que ficou hospitalizada, Alessandra ficou aos cuidados de sua avó Enita. Apesar da ausência da mãe, a vovó cuidou com tanto amor e carinho de sua neta que Gracinha se surpreendeu ao reencontrar a filha, sua menina estava muito bem e, mesmo sem ser amamentada, já havia ganhado peso.

Nesse período, Dão passou a trabalhar na loja Celilar, como cobrador. Depois de alguns meses, retornou à Radisco e passou a ocupar o cargo de auxiliar de depósito.

Dão e Gracinha foram novamente agraciados. Ela esperava seu terceiro filho. No dia 20 de julho de 1984 Anselmo nasceu muito doente. Os médicos não sabiam ao certo o que ele tinha, seu caso era tão grave que seus olhos já estavam paralisados.

Ao ser questionada sobre o motivo da paralisia, a médica responsável lhe informou que já era indício de morte cerebral. Sua futura madrinha, muito preocupada com a possibilidade de o bebê vir a falecer, solicitou ao Frei André que realizasse seu batismo. Anselmo foi batizado ainda no hospital e recebeu as bênçãos de seus padrinhos e tios, Nazaré e Claudemiro. Alguns meses mais tarde,



Imagem do batizado de Anselmo,
na Igreja Matriz de Capanema-PA.

Ano: 1985.

seus padrinhos e seus pais, foram até a igreja fazer o complemento do sacramento do Batismo de Anselmo.

Mas o casal Dão e Gracinha não podiam simplesmente aceitar o diagnóstico médico e esperar que o filho morresse. Decidiram enfrentar os riscos e levaram seu filho para Belém em busca de atendimento médico especializado. Uma amiga do casal, a enfermeira Graça, os acompanhou.

Durante o percurso a Belém, Dão fez uma promessa a São Francisco de Assis. Pediu que intercedesse junto a Deus pela vida de seu filho. Prometeu que, se ele sobrevivesse, Anselmo iria em seus braços por 11 km, até a igreja de São Francisco de Assis, localizada na BR-308. Ao chegar à capital Anselmo foi hospitalizado e, como por um milagre, melhorou rapidamente. Depois de alguns dias, recebeu alta médica e retornou para casa.

No ano seguinte, como havia prometido, Dão Jorge vestia uma túnica franciscana para seguir em romaria com Anselmo nos braços até a igreja de São Francisco de Assis, em agradecimento pela benção recebida: a vida de seu filho.

O tempo passou, Anselmo cresceu. Um dia, sem motivo aparente, desmaiou. Depois, os desmaios passaram a ser frequentes. Algumas vezes era acometido também por fortes convulsões.

Depois de muitas idas à capital para consultas e realização de vários exames, surgiu o diagnóstico: Anselmo sofria de epilepsia. Os cuidados agora seriam redobrados e o uso de medicação controlada se fazia necessário. Mesmo assim, algumas dessas crises foram tão fortes que, por duas vezes, Anselmo precisou ser reanimado. Foram tempos difíceis!

Enita, ao ver o sofrimento de seu neto, mais uma vez valeu-se da fé e fez outra promessa ao mesmo santo de outrora. Se seu neto fosse curado, seu filho Dão Jorge e Anselmo levariam uma cabeça de cera e a depositariam no altar da igreja de São Francisco de Assis, em Canindé-CE, como forma de agradecimento. Aos poucos as crises diminuía, até que um dia cessaram.

Não podemos afirmar que a promessa de sua avó o curou, mas podemos acreditar que a fé move montanhas e que para Deus, nada é impossível. Depois de alguns anos, na companhia de Anselmo, Dão e Gracinha foram a Canindé para agradecer a graça alcançada.

No ano de 1988, Dão passou a ocupar o cargo de motorista. Depois de algum tempo, passou a trabalhar também com vendas externas nos fins de semana. Durante esse período, teve a oportunidade de conhecer vários lugares. Em alguns deles, construiu fortes amizades.

O Penha foi um dos lugares que conheceu. Gostou tanto do lugar que na primeira oportunidade levou a família para conhecer. Seus filhos

se apaixonaram pela prainha e sempre que podia, a família estava lá. Seus amigos José Rodrigues e Creuza sempre os recebiam com alegria.

Nessa época, Dão guardava no coração um sonho: melhorar de vida. Resolveu então tentar a sorte em São Paulo. E mesmo com os conselhos do pai e as lágrimas da mãe (que não concordavam com sua decisão), decidiu partir. Deixou para trás esposa e filhos, uma vez que não tinha como levá-los consigo.

Chegando ao seu destino, foi ao encontro dos primos que lá moravam. Seu primo Fernando na época era proprietário de uma empresa que fabricava semi-jóias: a Fersoni. Lá, Dão trabalhou por aproximadamente quatro meses. Porém, as dificuldades enfrentadas por ele e a saudade de casa o fizeram retornar.

De volta a Capanema, passou a trabalhar na empresa M. M. Barros (Eletrodomésticos) onde passou a ocupar o cargo de chefe de depósito. Permaneceu na empresa por aproximadamente três anos. Em junho do ano de 1995, retornou à Radisco onde passou a ocupar o cargo de gerente. Nessa época, Dão guardava outro sonho em seu coração: abrir seu próprio negócio.

Em uma de suas viagens como vendedor externo, conheceu a cidade Boa Vista do Gurupi, no Maranhão. Encontrou ali a oportunidade de realizar seu sonho. Depois de dois anos, amadureceu a ideia. Desligou-se da empresa, juntou suas economias, alugou um pequeno ponto comercial na rua do comércio e, em fevereiro do ano de 1997, inaugurou sua loja.

Muitas foram as dificuldades no início, mas Dão recorreu às experiências e conhecimentos que adquiriu ao longo da vida. Com muito trabalho e dedicação, seu comércio crescia. Aos poucos, sua loja prosperava. No início, comercializava apenas móveis; depois de algum tempo, passou a comercializar também eletrodomésticos. Posteriormente, decidiu que era hora de expandir e inaugurou duas filiais. Nesse período, a família também cresceu.

Hoje, o casal tem três grandes amores: seus netos. Da união de Alessandra e Sérgio, nasceram Vitória Larissa e Sérgio Gabriel. E da união de Anselmo e Marcilene, nasceu Luana Vitória. Vitória Larissa nasceu no dia 08 de fevereiro de 2002 e atualmente cursa Enfermagem; Sérgio Gabriel nasceu no dia 05 de janeiro de 2004 e cursa o 3º ano do Ensino Médio; Luana Vitória nasceu no dia 25 de julho de 2005 e cursa o 2º ano do Ensino Médio.

Conforme os negócios prosperavam, Dão passou a investir em outro ramo: construção. Na cidade do Gurupi teve a oportunidade de construir alguns pontos comerciais e residenciais. Construiu também o prédio onde hoje funciona sua loja e a casa onde fica parte da semana.



Família de Dão Jorge reunida nos 80 anos de sua mãe, Maria Enita. Ano: 2015.

Ao lado de seu sítio, há um cemitério público. Seu espaço físico já estava no limite de ocupação.

Por esse motivo, Dão fez a doação de uma parte de seu terreno e nele construiu uma capela que também foi doada aos moradores da cidade do Gurupi.

Em Capanema, adquiriu um terreno em frente a sua antiga casa onde construiu uma residência maior na qual mora atualmente. Porém, o amor pela casinha antiga persiste. Muitas vezes, o casal ainda observa da varanda, com gratidão, o lugar onde tudo começou.

Dão Jorge é um construtor de sonhos, construiu a casa de seus filhos, um ponto comercial em Capanema, e, no momento, está envolvido com seu mais novo projeto, a construção de um novo prédio.

E quais serão seus próximos projetos?

O tempo dirá! Por hora digo, com muito orgulho, que:

- O menino da tapioca sonhou,
- O menino da tapioca cresceu,
- O menino da tapioca lutou,
- O menino da tapioca venceu, por ser, simplesmente, um sonhador!

O GRANDE VENCEDOR

Jamerson Lopes Vieira

José Peixoto Vieira nasceu no dia 11 de julho de 1960, na cidade de Capanema, estado do Pará. Ele é o quarto filho do casal Adelson Barbosa Vieira e Maria Enita Peixoto Vieira. O principal personagem dessa história não costuma relatar suas vivências aos filhos e esposa, mas, impulsionado pela ideia de deixar registrada sua trajetória de lutas e vitórias, decidiu narrar alguns momentos vividos. São histórias que estão diretamente interligadas ao passado e ao presente de pessoas que fizeram ou ainda fazem parte de sua existência.



Fotografia de José Peixoto Vieira.
Ano: 1978.

Seus primeiros anos de vida ficaram marcados pela simplicidade no sítio dos seus pais. De acordo com os relatos dos que viveram naquela terra, conta-se que Adelson cultivava malva, feijão, milho, mandioca, mantinha um grande açude com peixes e administrava um pequeno comércio que atendia as famílias que viviam no entorno de sua propriedade. Enita era responsável pelos animais, cultivava ervas medicinais, hortaliças e cuidava das crianças.

Das lembranças mais remotas que traz daquele tempo, descreveu a confecção da carrapeta, um brinquedo construído de modo artesanal, onde ele “*abria uma brecha na coité¹ e afixava um pedaço de madeira. Ficava parecendo um pião, ela rodopiava no forno de fazer farinha*”; lembrou ainda do galamarte², uma brincadeira feita através da utilização de “*uma madeira em cima do tronco da embaúba*”, em que as crianças se sentavam em pontas opostas e simulavam uma gangorra.

A meninada gostava das corridas pelo roçado, de apreciar os peixes do grande açude e de saborear as deliciosas pitombas da frondosa árvore que lá existia. São resgastes de memória que retratam um modo de vida de ser criança muito diferente dos dias atuais.

Explicou que seu pai decidiu mudar-se para o espaço urbano no ano de 1966 com o propósito de garantir que todos os filhos tivessem acesso à

¹ Árvore da família das bignoniáceas (*Crescentia cujete*), de cujos frutos se fazem cuias e cabaças. Disponível em <http://www.aulete.com.br>

² Gangorra. Disponível em <http://www.osdicionarios.com/c/significado/joao-galamarte>

escolarização. A primeira residência da família foi uma casa de taipa, localizada na rua Leandro Pinheiro.

Iniciou seus estudos no Colégio São Pio X e encerrou sua vida escolar na 6ª série do Ensino Fundamental na Escola Maria Amélia de Vasconcelos. Embora não tenha demonstrado entusiasmo em relatar suas experiências escolares com maior profundidade, disse que *“tudo que aprendi na escola foi suficiente para viver no mundo, saber ir e vir e não deixar a família passar fome”*.

Se a rotina escolar não foi tão significativa, as brincadeiras de rua ganharam maior valor simbólico em sua narrativa de vida. Brincava de “peteca”(bola de gude), “pira-se-esconde”, pula-corda, pião, “empinava papagaio” (pipa), jogava futebol e ainda encontrava tempo para construir uma gama de engenhocas que serviam como instrumentos para as mais variadas diversões.

Entre as brincadeiras mais divertidas, José destacou as corridas de perna de pau nos barrancos que existiam próximos a residência dos vizinhos Dona Chiquinha Teixeira e do Senhor Antônio Miguel; os carros de roladeira construídos a partir de latas de leite, borracha de sandália e um fio ou arame fino; e a brincadeira com roda de bicicleta, que funcionava da seguinte forma: todos os meninos e meninas da vizinhança assumiam a responsabilidade de conseguir uma antiga roda de bicicleta e uma vareta para conduzi-la, o objetivo era descer a rua Leandro Pinheiro levando aquele objeto com o apoio da vareta. O reboleço da meninada era grande, pois tinham que desviar dos buracos e raízes de árvores encontrados no caminho, até completar o desafio. O troféu mais valioso estava próximo ao extremo daquela rua: o banho no rio Garrafão.

O rio foi por muito tempo um dos maiores atrativos da Leandro Pinheiro. As senhoras serviam-se de suas águas para lavar roupas, as crianças tomavam banhos, homens e mulheres pescavam diferentes peixes e aos finais de semana eram feitos piqueniques embaixo das altas e sombrias árvores que ali existiam.

A vida não se resumia apenas em brincar. Por alguns anos, José vendeu tapioca, pupunha, açaí, picolé e chope³ como alternativa de geração de renda para comprar produtos essenciais à família. Trabalhou na carpintaria do Sr. João Bandeira, lixando e envernizando móveis, e, posteriormente, como ajudante de pedreiro.

Sua adolescência ficou marcada pelas festas juninas realizadas na residência do vizinho Sr. Antônio Miguel. Momento oportuno para dançar

³ Uma espécie de picolé artesanal, preparado dentro de pequenos sacos plásticos, conhecido também, nas diferentes regiões do país como sacolé, geladinho, gelinho, chup-chup ou dindim. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sacolé>.

muitos forrós e paquerar as belas moças que por lá transitavam. Recordou ainda de outros momentos da fase adolescente, quando “*pegava os ingressos de cinema doados pela Cibrasa aos filhos dos funcionários e os vendia em frente ao Cine para garantir um dinheiro extra*” e que por diversas vezes “*corria da polícia quando ia ver a meninas do Cabaré do Coco*”.

Em seu depoimento, fez referência às viagens que realizou na intenção de aprimorar suas habilidades profissionais. Em 1980 teve seu primeiro contrato de trabalho como servente na empresa Construção Civil Transporte e Projetos Econômicos – CTE, em Belém-PA. No mesmo ano, trabalhou como pedreiro na C. R. Engenharia e Construções, em Santa Luzia-MA. Em 1982, foi contratado como servente de obras pela Construtora Norberto Odebrecht, no município de Marabá-PA. No ano de 1988, trabalhou como pedreiro na Maserva Engenharia, em Barcarena-PA.



O dia do casamento de José.
Ano: 1983.

Com a perspectiva de formar uma família, casou-se em 1983 com Helena Lopes de Assis - filha de Olímpio Moreira de Assis e Cosma Lopes de Assis. Foram morar na antiga casa de taipa de seus pais. Na oportunidade, possuíam apenas uma cama de solteiro, um fogão emprestado, uma mesa para refeições, um guarda-roupa, um guarda-louças, uma tarrafa⁴ para pesca e as ferramentas de pedreiro.

Sua esposa nasceu na área rural do município de Santa Maria do Pará e deixou o lugar ainda jovem para aventurar-se em Capanema. Tentou dar continuidade aos estudos, porém a necessidade de trabalho foi mais relevante. Laborou como empregada doméstica em algumas casas de família.

No ano de 1986, com dois filhos, Jamerson - autor desse texto - e Jackson, mudaram-se para uma casa de alvenaria construída a partir das economias do casal. Residência localizada na Trav. Tamóios, bairro Tancredo Neves, onde viveram por muitos anos.

Naquele tempo, os serviços de pedreiro não eram tão valorizados e as poucas oportunidades que surgiam já não eram suficientes para custear as despesas de uma casa, com dois filhos e uma esposa grávida. Com a

⁴ Tarrafa é uma rede de pesca circular com pequenos pesos distribuídos em torno de toda a circunferência da malha. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tarrafa>.

intenção de melhorar a renda familiar, decidiu realizar uma nova viagem a trabalho. A seguir, encontram-se os relatos sobre sua jornada.

Quando o “Poró” e o Edilson (vizinhos) foram para Porto Velho -RO, eu resolvi acompanhá-los. Tua mãe e eu não tínhamos dinheiro, então decidi vender as duas bicicletas para pagar as passagens. Na véspera da viagem, tua mãe fritou umas carnes de porco, juntou com uma farofa e colocou em uma lata de Mucilon. Eu fui comendo com refrigerante até Goiânia. Tive que pernoitar no terminal, peguei uma geada que quase morri. No outro dia, fui de ônibus até Cuiabá e depois para Porto Velho. Chegando lá, não arranjei trabalho de pedreiro. Consegui um trabalho na Usiminas fazendo serviços gerais: nos alojamentos eu trocava os lençóis e as colchas de cama, no refeitório eu ajudava a servir a comida da “piãozada” e levada as comidas em marmítas, para o pessoal da noite. Quando a empresa encerrou os trabalhos, minha intenção era seguir para o Acre, mas fiquei sabendo, por um telefonema da Socorro, que minha filha tinha nascido, por isso resolvi voltar. No retorno, ao chegar em Santa Maria do Pará, perdi o ônibus que vinha para Capanema. Comprei uma cachaça e fiquei lá no ponto de ônibus bebendo. No outro dia, cheguei em Capanema e vi minha filha caçula. (Depoimento concedido em 02/11/2020)

O nascimento de sua filha, Jeisa Maria, foi um acontecimento que ainda hoje mantém-se vivo na memória da família Peixoto Vieira, pois foi a única neta que nasceu na casa de Adelson e Enita. O dia 08 de setembro de 1987 foi retratado por Helena como um dia muito especial, conforme relato que segue,

Já era por volta das quatro horas da manhã, a Sandra estava dormindo comigo, para me fazer companhia, a chamei para avisar que estava com muita dor e achava que a Jeisa ia nascer. Deixamos vocês dois dormindo e seguimos andando pelo quintal em direção à casa de dona Enita. Quando cheguei embaixo da mangueira, parei e disse para ela correr que a criança estava nascendo. A Sandra saiu correndo para chamar a Socorro pela janela do quarto e continuei andando. Quando a Dona Enita abriu a porta da cozinha, eu agarrei no pescoço dela pedindo socorro. Prontamente ela me deitou na cama e a Jeisa nasceu. Lembro que ela tinha um pano amarrado na cabeça, ela tirou e usou para fazer a limpeza da minha filha. Depois, o Edinaldo e o Tota foram chamar a parteira Dona Edmilsa. Quando ela chegou, usou um álcool para fazer a esterilização da tesoura e de um pedaço de punho de rede e amarrou o umbigo da Jeisa. Graças a Deus, e à Dona Enita, minha filha nasceu com saúde. (Depoimento concedido em 02/11/2020).

Durante a infância e adolescência de seus filhos, o casal assumiu o compromisso de garantir o sustento da prole com muito esforço e dedicação. A esposa ajudava nas despesas familiares através da venda de tacacá, comercialização de panos feito em linha de crochê, almofadas, bonecas feitas em lã e prestando serviços de manicure. Era responsável por cuidar da casa, das galinhas no quintal, levar as crianças à igreja e auxiliá-los nas tarefas escolares.

José sempre foi um pai batalhador e lutava honestamente pelo pão de cada dia. Acordava cedo, tomava um gole de café, fumava um cigarro, arrumava as ferramentas de trabalho na garupa da bicicleta e seguia em direção à taberna mais próxima para tomar uma dose de cachaça. Por fim,

seguia para o local de trabalho. Retornava para sua casa ao meio-dia, com a pele avermelhada do sol e demonstrando certa fadiga da rotina.

Aos finais de semana, conduzia os filhos na garupa da velha bicicleta para tomar banho nas águas limpas e profundas dos rios Garrafão, Jatoba, Bomba da Cibrasa e Tubão do Ramal. Os mesmos rios que serviam para o banho eram utilizados por ele para as pescas realizadas às sextas-feiras. Saía pela noite com a tarrafa ou com a sua vara de pesca e retornava com o balaio⁵ cheio de traíra, jundiá e anujá.

Nos momentos de desobediência da criançada, ele só gritava. Essa era a correção que ele dava. Um ser humano respeitoso, amigo de todos e um pai e esposo de poucos abraços, pequenos diálogos, mas muito verdadeiro em seus conselhos.

A maior batalha enfrentada por José foi libertar-se dos vícios do alcoolismo e tabagismo. Em certo momento de sua vida, foi diagnosticado com pancreatite, uma inflamação no pâncreas que tem o álcool como principal desencadeador. Naquela época, precisou internar-se em um hospital da capital. Nos momentos em que sentia dor, clamava repetidamente *“Ai meu Deus, ai meu Deus! Nunca mais vou beber porque eu quero viver!”*. Dos remédios, das rezas, das massagens realizadas por sua mãe, da sua fé e do apoio incondicional da esposa e filhos, veio a cura da doença e o abandono do consumo de álcool. Restou a gratidão aos familiares pelo apoio, durante momentos tão difíceis.

O tempo passou, a família adquiriu uma nova residência na rua Leandro Pinheiro. Ele abdicou da profissão de pedreiro e desistiu do consumo de cigarros. Os filhos chegaram à vida adulta, concluíram os estudos em nível superior, casaram e constituíram suas famílias.

⁵ Cesto de cipó ou palha, geralmente em forma de alguidar. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/balaio/>



José e família reunidos no Natal. Ano: 2018.

Atualmente, ele e sua esposa residem em um belo sítio, denominado de Sítio Santa Helena, localizado em área rural do município de Santa Maria do Pará. O lugar permite ao casal mais qualidade de vida e distanciamento do agito da cidade. É o lugar preferido para o descanso dos filhos, noras, genro e para as brincadeiras dos seis netos: Júlia, Ana Beatriz, Clarice, Álvaro, Gael e

Eduardo, conforme é expressado no relato de suas netas: *“Eu gosto de brincar com o vovô Zé e com a vovó Helena, de tomar banho no rio e de brincar na areia”* (Clarice, 5 anos); *“Eu gosto do rio, da vó Helena e do vó Zé, de brincar no rio, de brincar na areia, de pega-pega e no balanço com a Júlia e a Clarice”* (Ana Beatriz, 6 anos); *“Eu gosto de nadar no rio, de correr no caminho dos coqueiros, de fazer castelo de areia com a Ana e a Clarice. Eu gosto de ver o tetéu fazendo teco, teco”* (Júlia, 6 anos).

José Peixoto segue uma vida de calma, ao lado de sua esposa, dedicando seu tempo à plantar o próprio alimento, ter um contato muito próximo e respeitoso com a natureza, sempre confiante em Deus e agradecido por todas as conquistas ao longo de sua vida, uma vez que todos os desafios enfrentados por ele serviram como instrumentos para potencializar novas habilidades e sentimentos. Essa é a história de um grande vencedor!

O VALENTE CORAÇÃO

Sammara Enita Corrêa Vieira

Era manhã naquele 13 de fevereiro de 1962. As frequentes chuvas do inverno amazônico deram passagem a um dia ensolarado. Maria Enita amargava, desde a madrugada, as dores das contrações pré-parto. Os nove meses completos daquela gestação trariam ao mundo seu quinto filho. O bebê não subia, nem descia. Comadre “Nobre”¹ assegurava “*a criança virou uma bola!*”. As dores eram tamanhas que Maria Enita achava que morreria. Somente às dez em ponto, a “bola” desceu. Mais um menino! “*Curtinbo e grosso*”². Olhos claros. Pardo. Cabeludo. O choro do bebê trouxe alívio imediato. Mãe e filho passavam bem.



Edinaldo na bicicleta rodeado de irmãos. Ano: 1975.

Enita quis chamá-lo de Edinaldo – achava o nome lindo! Contrariou os conselhos de sua cunhada Raimunda Barbosa que, ainda durante a gravidez, sugeriu que se a criança fosse um menino deveria colocar o nome de “Ademir” em homenagem a Adelson Vieira – pai do bebê – e que, se fosse menina, deveria se chamar “Edinalva”, pois começava com E de Enita. Mais tarde, Raimunda Barbosa e seu esposo Lourival Peixoto seriam escolhidos como padrinhos do bebê.

Antes de completar três meses, Edinaldo foi batizado. No momento de seu batismo, no entanto, o Vigário Pe. Mons. José Maria do Lago³ não concordava batizá-lo somente com o nome de Edinaldo, precisaria estar acompanhado de um nome originariamente bíblico ou proveniente da fé católica, conforme os costumes da época.

Assim, o Vigário propôs que o nome do bebê fosse Edinaldo José, tendo Enita respondido “*Padre, já tenbo um filho José*”. O Vigário, educadamente, insistiu “*A senhora pode colocar Edinaldo Antônio*”, ao que ouviu

¹ Parteira/ “Doula” que auxiliava nos partos das redondezas.

² Textuais de Maria Enita Peixoto Vieira ao visitar suas lembranças.

³ Primeiro Padre Vigário da Paróquia N. Sra. do Perpétuo Socorro (Capanema/PA).

“*Padre, já tenho um filho Antônio*”. Por fim, sem perder sua fé, tentou uma vez mais “*Põe Edinaldo Jorge!*”, tendo ouvido “*Padre, já tenho um Jorge!*”

O dilema parecia não ter fim, quando repentinamente, senão milagrosamente, veio à memória de Maria Enita a lembrança de São Francisco de Assis – santo pelo qual seu esposo Adelson possuía grande devoção. Imediatamente, exclamou ao Vigário “*Pronto, Padre! Coloque de Francisco! Edinaldo Francisco!*”.

Dessa forma, batizou-se e registrou-se Edinaldo Francisco Peixoto Vieira, o protagonista desta história!

Aproximadamente aos quatro anos, mudou-se com a família da zona rural⁴, local onde nascera, para a sede da cidade, especificamente para a rua Coronel Leandro Pinheiro⁵.

Desenvolveu-se na infância como toda boa criança danada. Gostava de jogar peteca (bolinha de gude), empinar rabiola (pipa), jogar bola na rua com seus irmãos e vizinhos, mas, sobretudo, pescar e tomar banho no rio marcou sua infância. O rio Garrafão!

Concomitantemente às brincadeiras, desde cedo começou a trabalhar. Vendia tapioca no tabuleiro e amendoim no paneiro nos festejos da cidade. Também vendia açaí que apanhava no igapó e levava para sua mãe preparar. Lavava no rio Garrafão as caçambas encrustadas de cimento, terra e concreto da Cibrasa⁶. Revendia o pão da padaria do bairro⁷. Toda pequena retribuição financeira advinda era repassada a seus pais como forma de auxiliar no sustento da família.

Na simplicidade daqueles tempos, com os poucos recursos que dispunham, Adelson e Enita transmitiam a seus filhos valores que outrora foram transmitidos a eles por seus pais. Com mais cinco filhos que nasceram depois de Edinaldo, faziam o milagre da multiplicação. Todavia, nem sempre era possível fazê-lo com relação à paciência. Em alguns casos, a palmada aquietava as azucrinações da meninada.

Quando seus avós maternos Conceição e Aderaldo passaram a residir próximo da família, na “casa da cidade”, pouco trouxeram consigo. Na modesta bagagem, para a surpresa da garotada, veio o Kalá! Cachorro de pelagem clara e olhar tão profundo que parecia conversar com quem dele se aproximava. Kalá parecia ser gente!

⁴ Travessa do km 5, situada na Rodovia Pará-Maranhão.

⁵ Na época aparentava um ramal com árvores que lhe cortavam o percurso.

⁶ Cimentos do Brasil S/A – Histórica fábrica de cimento, areia e concreto, sediada em Capanema/PA.

⁷ Passava um dia antes nas casas do bairro perguntando a quantidade e o tipo de pão que a família almejava. No dia seguinte, antes do sol nascer, ia à padaria, pegava os pães e deixava pendurado nos portões e/ou janelas das casas em sacolas de papel. Quando os moradores acordavam, o pão já estava a sua espera para o café da manhã.

De pronto, o cachorro do avô Aderaldo tornou-se grande companheiro de Edinaldo nos banhos, pescarias e caçadas. Não raras vezes, Edinaldo e seus irmãos levavam para casa caças obtidas através do precioso auxílio de Kalá.

Num desses contumazes dias, Edinaldo foi pescar nos tubos da ponte do ramal da Cibrasa⁸ quando Kalá resolveu atravessar a ponte para se aproximar de um grupo de amigos que se encontrava do outro lado. Bruscamente, na travessia, foi atingido por uma caçamba. Rapidamente, Edinaldo saiu correndo ao encontro de seu amigo na esperança de que nada grave lhe houvesse acometido. Ao se aproximar, contudo, Kalá o fitou serenamente nos olhos, balançou o rabinho e partiu. Tristeza maior que a do menino, só a de seu avô.

Na adolescência, aproximadamente aos 13 anos, Edinaldo aprendeu o ofício que lhe acompanharia durante boa parte de sua vida. Passou a desempenhar, junto com seu irmão José Peixoto (“Zé”) a função de ajudante de pedreiro. Quando não, auxiliava seu pai Adelson na roça da família, local onde eram cultivados e colhidos macaxeira, feijão, milho, melancia e maxixe, os quais contribuía na subsistência alimentar.

Apesar do incentivo dos pais, concluiu somente o ensino fundamental. Queria mesmo era saber de trabalhar!

Após atingir a maioridade, por intermédio de seu irmão Antônio Peixoto (“Tota”), obteve seu primeiro emprego de carteira assinada como pedreiro. Foi também a primeira vez que saiu do Estado do Pará. Durante cinco dias no navio, as águas dos rios do Norte o levaram de Belém a Manaus. O destino eram as obras da Usina Hidrelétrica de Balbina⁹, local onde por sete meses integrou a equipe de construção das casas da vila de trabalhadores da usina. As mesmas águas o trouxeram de volta.

Alguns anos depois, conheceu o amor. Apresentou-se na forma de uma jovem magrinha, de pele morena acobreada, cabelos longos e pretos que brilhavam como os olhos da face. Tinha nome de santa: Terezinha de Jesus!

Por ocasião da construção em alvenaria da casa da família de Terezinha, os pais da jovem – Maurício de Sousa Corrêa¹⁰ e Edite Pereira Corrêa (“Didi”) – contrataram Edinaldo.

Ali, os dois se viram pela primeira vez. Terezinha, de início, não demonstrou muito interesse pelo jovem pedreiro com fama de boêmio

⁸ Onde atualmente é situada a Avenida Centenário.

⁹ Hidrelétrica situada no rio Uatumã, sob jurisdição do Município de Presidente Figueiredo/AM.

¹⁰ Primeiro-Ministro da Ordem Franciscana Secular -OFS / Fraternidade Nª Srª do Perpétuo Socorro – Capanema/PA.

namorador. Mas, depois de certo cortejo e cartinhas apaixonadas, enamorou-se.

Em meio a edificação da casa, outra obra se erguia no coração dos jovens, aquela construída sobre os alicerces da eternidade.

Namoraram durante um ano e logo noivaram. Onze meses depois, numa “noite clara de verão”¹¹ de 08 de julho de 1988, casaram-se na Igreja Matriz de Capanema sob as bênçãos de Deus e de Frei Hermes Recanati¹².

O amor dos recém casados ansiava por frutificar. Ser dois era bom, mas desejavam ser mais. Assim, no verão do ano seguinte, em uma noite estrelada de 31 de julho de 1989, nasceu a primogênita do casal. Uma menina, como Edinaldo tanto sonhava! Ao ver a bebê, saiu correndo gritando pelos corredores do hospital “*Nasceu minha princesa! Nasceu minha princesa!*”. Escolheu para sua primeira filha o nome de sua mãe, chamou-a de Sammara Enita.

Ser três era bom, mas desejavam ser mais. Foi assim que, em 09 de janeiro de 1991, nasceu uma “*peixotinha nata!*”. Os raios de sol daquele dia coloriram o cabelo da bebê como o de sua avó Enita. O combinado com Terezinha era que a menina se chamaria Sâmela, mas, ao registrar a bebê, Edinaldo lembrou-se de uma talentosa cantora da música popular brasileira cujo nome ele achava lindo! Para surpresa de sua esposa, chegou em casa com a certidão de nascimento em nome de Elis Regina.

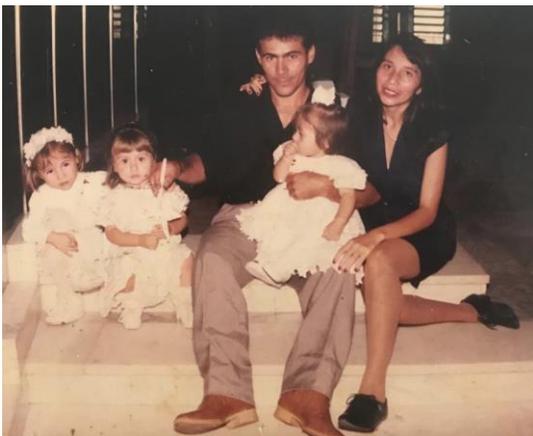
No inverno seguinte, em 05 de fevereiro de 1992, confetes e serpentinas anunciavam o despontar de uma manhã de carnaval. Edinaldo e Terezinha (grávida de nove meses), se dirigiram à casa de Dona Santa¹³ para ajustar seu acompanhamento hospitalar na data vindoura da cesárea. Inesperadamente, a bolsa estourou naquele momento e o parto teve que ser realizado ali mesmo. As mãos de uma parteira trouxeram ao mundo sua terceira filha. Da barriga da mãe, ainda ensanguentada, a bebê foi direto para os braços do pai. Fez-se folia em seu coração. Terezinha quis chamá-la de Edimara em homenagem a Edinaldo. Com Edimara Bianca sentiram-se completos. Tinham sua “escadinha”. Daí para frente, seriam cinco.

¹¹ Trecho da música “Tudo que se quer” (All Ask I You). Compositores: Hart – Vs. Nelson Motta, R. Stilgoe e Andrew L. Webber.

¹² Pároco Interino da Paróquia N. Sra. do Perpétuo Socorro (Capanema/PA) nos anos de 1964 a 1965 e Pároco da referida Paróquia nos anos de 1967 a 1988.

¹³ Parteira/ “Doula” e Enfermeira. Na época, ao se fazer um parto cesariano, as parturientes apenas poderiam estar acompanhadas de enfermeiras para cuidar do pós operatório.

Obstinado, Edinaldo começou a construir a casa¹⁴ da família ainda durante o namoro com Terezinha. Sempre criativo, aproveitou o pátio de sua residência para construir uma taberna¹⁵ e assim atender as necessidades das casas do entorno, algo inovador para época, embora o comércio não tenha prosperado por muito tempo. Seguiu trabalhando como pedreiro, enquanto Terezinha trabalhava como professora.



Edinaldo e família na Igreja Matriz de Capanema-PA.

Ano: 1993.

Desde cedo, Edinaldo e Terezinha levavam suas filhas para igreja. Na medida que cresciam, liam, cantavam e encenavam peças teatrais nas missas.

Pelos idos de 1994, o Brasil passava por um período de hiperinflação que já se estendia por diversos anos através de planos econômicos fracassados até então. Com o descontrole inflacionário dos preços

dos produtos e mercadorias, a procura por pedreiros na cidade caiu drasticamente. Eram tempos difíceis.

Em meio às preocupações de Edinaldo, um chamado vindo da então conhecida como “terra das oportunidades” fez germinar a esperança. Tal como fizeram seus ancestrais e milhares de brasileiros em busca de um futuro melhor, Edinaldo migrou para a grande metrópole, São Paulo. Seu primo materno estava construindo uma escola de grande porte e precisava de mão de obra. Prometeu além de carteira assinada, casa e comida. Sem pensar duas vezes, Edinaldo viajou de ônibus por três dias da “terra do cimento” para a “terra da garoa”!

Passados alguns meses, Terezinha, Elis e Bianca percorreram o mesmo caminho. Sammara ficou sob as asas de anjo de sua avó Didi até concluir a pré-escola e depois juntar-se a família.

São Paulo era diferente de tudo que já haviam visto. Imensas construções arranhavam o céu. Carros e pessoas transitavam sem parar. Não tinha açaí, nem tinha tacacá. O frio deixava a saudade ainda maior.

¹⁴ Situada na Trav. dos Tamoios no Bairro Tancredo Neves.

¹⁵ Vendia gêneros alimentícios e bebidas.

Foi um começo árduo em condições precárias. Quase desistiram! Foi quando Nossa Senhora de Nazaré enviou uma representante com o mesmo nome que o seu: Maria Nazaré. A esposa de Jonas Peixoto, com seu coração divino, foi uma mãe para a família recém chegada e que quase nada sabiam daquela cidade grande.

Com o tempo, tudo se aprumou. Terezinha conseguiu um emprego. A obra do colégio findou e Edinaldo seguiu trabalhando na manutenção do prédio. Junto a sócia-proprietária da escola, conseguiu que suas filhas lá estudassem sem custos. Por diversas vezes, pedia aos alunos das séries posteriores livros usados na série anterior ou uniformes que não mais lhe serviam para suas filhas. Carregava *“nos ombros a graça de um pai”*¹⁶. Os custos eram imensos, mas Edinaldo e Terezinha, aguerridos, venciam. A vida foi melhorando.

Por pelo menos duas vezes, a família veio passar férias no Pará. Sempre foram recebidos pela “Peixotada” com muita alegria e comilança! Na hora do retorno, o choro lavava o rosto de quem ficava e de quem partia.

Foram nove anos de muitas alegrias e aprendizados, mas também de muita saudade. Cartas e ligações telefônicas amenizavam a falta que sentiam de sua gente, mas não aquietavam a vontade de voltar para os seus.

Numa dessas ligações, Enita perguntou a Terezinha se a família não sentia vontade de retornar. Ouviu de sua nora que esse era o maior desejo de seus corações, mas não tinham teto! Enita contou o ocorrido para Adelson que, mesmo com a saúde já fragilizada, providenciou a compra de uma casa – quase em frente a sua – para ter o único filho que morava longe, perto.

Foi o gigante Adelson que fez Edinaldo vencer a batalha contra o vício que carregava consigo desde a juventude, o alcoolismo. Seu pai o fez prometer, antes de retornar para Capanema, que ao colocar os pés em sua terra nunca mais colocaria uma gota de álcool na boca. Assim se fez.

Era início do ano de 2004, quando fogos de artificios anunciavam a chegada da família à rua Leandro Pinheiro. Estavam prontos (e maduros) para este recomeço.

Logo, a família ganhou um novo integrante: o Sheid! Cachorro de pelagem amarelada e olhar esverdeado e profundo feito o Kalá! Sheid integraria a família por pelo menos quinze anos, sendo o fiel companheiro de Edinaldo nas aventuras pelo quintal de sua nova casa.

Um ano depois, um grande susto mudaria para sempre a vida de Edinaldo. Uma dividida de bola numa partida de futebol com amigos fraturou a tíbia e a fíbula da perna direita do nosso jogador. Se viu

¹⁶ Trecho da música “Oração Pela Família”. Compositores: Pe. Zezinho, SCJ.

desesperado e perdido. Com uma das pernas comprometida, como trabalharia para sustentar sua família?

Foi então que a família Peixoto se uniu em uma grande corrente do bem. Uns doaram alimentos; outros, dinheiro. Até que, vencidas as adversidades iniciais, com muita fé e a inabalável companhia - na alegria e na tristeza, na saúde e na doença - de sua Terezinha as coisas foram se ajustando. A vida seguiu seu caminho.

Nesse percurso, em 2007, despediu-se de seu amado pai. Edinaldo embalava-o em sua cadeira de balanço, quando *“olhando seus cabelos tão bonitos”*¹⁷ o viu, serenamente, fazer sua passagem. O grande coração de Adelson não cabia em seu peito. Edinaldo ainda o vê atravessando a rua com sua bengala e seus firmes passos em direção a sua casa para olhar seu quintal do alto. De cima, ele ainda olha.

Sem diploma ou conhecimentos acadêmicos, Edinaldo perdeu as contas de quantas casas edificou. Como todo bom artista caprichoso, a exposição de suas obras se estende pelas ruas de Capanema. Da Balbina. De São Paulo. Mas certamente, a construção que ele mais se orgulha é sua “escadinha”. O pedreiro viu suas três filhas receberem, uma a uma, seus diplomas de nível superior. Sammara formou-se em Direito. Elis e Bianca, graduadas e mestras em História.

Segue na simplicidade de seus dias tentando não criar expectativas, mas cactos. E galos e galinhas! Ancinando religiosamente seu quintal, como seu pai também fazia. Torcendo, perseverante, pelo seu “Timão” e pelo seu “Papão”. Dedicando-se aos trabalhos pastorais da igreja. Nunca abandonando sua farinha “baguda”, por mais sofisticado que seja o prato. Inventando narrativas e músicas à revelia de seu talento como cantor. Ajudando sua “nêga” nos afazeres domésticos. Tirando, todos os dias, como todo bom



Edinaldo e seu “jardim”. Ano: 2021.

¹⁷ Trecho da música “Meu Querido, Meu Velho, Meu Amigo”. Compositores: Erasmo Carlos e Roberto Carlos.

Peixoto Vieira, sua sagrada sesta depois do almoço. Cuidando de suas flores com suas mãos calejadas pelo tempo. Sonha, ainda, em migrar, como os passarinhos que tanto ama, fazem a cada estação.

Essa é uma história que não termina aqui. O raiar de novos verões e o desaguar de outros invernos, muito contarão desse valente coração. *“Quem viver, verá!”*¹⁸.

¹⁸ Bordão que Edinaldo constantemente verbaliza, especialmente com sua mãe Maria Enita.

A GUERREIRA

Socorro Natalina Peixoto Vieira

Nasci no dia 25 de dezembro de 1964, sou a sexta filha do casal Adelson Barbosa Vieira e Maria Enita Peixoto Vieira. Também nasci no Km 5 da Rodovia Pará - Maranhão. Vim para Capanema com pouco mais de 1 ano de idade.

Quase toda minha vida escolar foi no Colégio São Pio X. Da minha infância, tenho as mais belas lembranças envolvendo meus pais e meus amados irmãos. Os dias mais felizes eram quando meus avós vinham do interior para nos visitar. Meu avô baixava do cavalo um grande caçoar (cangalha) com frutas e carnes de caça (paca, tatu etc).

Nas férias escolares, a Tia Edite, irmã de minha mãe, vinha de Belém com toda a família passar o mês de julho conosco. Já éramos doze pessoas e abrigávamos mais sete. Eram dias de muitas brincadeiras, cada um com sua personalidade: uns bravos, uns brandos, uns brincalhões e outros severos até demais. Mas todos eram felizes e faceiros, pois éramos muito amados por nossos pais.



Socorro na casa de seus pais.

Ano: 1988.

Com poucos estudos e poucos recursos financeiros, meu pai nunca nos deixou faltar alimento para o corpo e para alma. Ele se esmerava o ano inteiro para que nada faltasse. Sinto uma saudade imensa de sua presença física. Nossos irmãos mais velhos Nazaré e “Tota”, de certa forma, também assumiam os papéis de pai e mãe.

Da minha juventude, pouco tenho a contar, foi de muita simplicidade, poucas brincadeiras, travessuras e com muitas cobranças. As moças tinham que ser boas, prenyadas, ter juízo e muito respeito. Naquele tempo, eu queria mesmo era soltar pipa, jogar peteca e futebol, mas meu pai não permitia, pois eram brincadeiras exclusivas de menino. Ajudava minha mãe nos afazeres domésticos e nos cuidados com os irmãos mais novos, principalmente o Paulinho.

Casei aos 24 anos e fui mãe no ano seguinte. Meu primeiro filho foi José Leonardo, que nasceu de uma cesariana muito complicada. Era pós-maturo, visto que passou aproximadamente um mês da data planejada para

seu nascimento. O fato foi comprovado pelos médicos que fizeram o atendimento do meu bebê em um hospital da capital.

Meu segundo filho, José Leonairon, nasceu também de uma cesariana logo após o oitavo mês de gestação. Foi outro transtorno, mas com as preces e confiança no Deus do impossível, os dois já estão criados, formados e trabalhando diariamente.

Devido minha devoção a São José, pai adotivo de Jesus, meus dois filhos possuem esse prenome.

Por falar em filhos, não poderia deixar de falar em outros três filhos amados e presenteados por Deus: Renan da Silva e Silva, Rosana Oliveira Gaia e Sarah Family Gaia Castro. São outros três amores que, somados aos outros dois, me fazem uma mulher realizada. Recordo de cada um, o período da infância, características individuais, personalidade, afetividade, assim como de suas travessuras e nossos passeios. Como irmão mais velho, o Léo sempre gostou de ajudar os outros irmãos, principalmente o Nairon. Lembro de quando eu chegava do trabalho, tomávamos banho e depois íamos assistir à TV juntos, com imagem preto e branco.



Filhos de Socorro, e sua nora Natália, nos 80 anos de Enita. Ano: 2015.

Meus filhos são para mim o que não fui para meus pais: verdadeiros amigos. Ora assumem papel de médicos e enfermeiros, ora de conselheiros e admiradores. Elogiam e não medem esforços para eu me sentir bem. São filhos que me beijam, abraçam, como se estivessem abraçando uma criança. Costumam me dizer “*que mulher cheirosa*” e que mesmo com os cabelos tão brancos pareço uma “*bebê*”. Todo esse cuidado abranda e aquece meu coração.

Lamento pela ausência na vida deles durante a infância, pois tive que trabalhar muito para criá-los, mas agradeço a Deus pelo trabalho, pois me ajudou e continua me ajudando a sustentar a família.

Trabalho na Câmara de Dirigentes Lojistas de Capanema – CDL¹ há 34 anos. Esse foi meu primeiro e único emprego. Tenho três grandes

¹ As Câmaras de Dirigentes Lojistas (CDLs) são entidades integrantes do Sistema CNDL, com representação em âmbito municipal. Inicialmente recebeu o nome de Clube de Diretores Lojistas. Disponível em <https://site.cndl.org.br/institucional/cdl/>.

amigos que me ensinaram a trabalhar, a ser forte e a gerenciar meu local laboral. Antônio Kauati, Antônio Filho e Manoel Barros são meus melhores amigos.

Andreлина de Fátima é minha melhor amiga. Ouvinte diária, também trabalha comigo na CDL. Parceira de todas as horas, em dias tristes e felizes. Ela está sempre ao meu lado me ajudando em todos os momentos, sendo sempre uma mão amiga.

Registro neste livro meu protesto sobre a aprovação da Reforma Trabalhista, sancionada em 13 de julho de 2017 pelo Presidente Michel Temer, Lei Nº 13.467, que me prejudicou como trabalhadora. Pois mesmo com tempo de contribuição e longos anos de dedicação e trabalho, não poderei me aposentar no tempo previsto!

Passsei por altos e baixos. Casei-me duas vezes, sou divorciada, perdi meu pai, mas não perdi minha alegria pois meu maior exemplo carrego no coração. Perdi meu amor, mas não me perdi. Encontrei-me no amor dos meus filhos, pois compreendi que eles são meus verdadeiros amores.



Socorro nos quinze anos de Sarah. Ano: 2019.

Tenho outro amigo estimado desde a infância e também compadre. Edson (Poró) é alguém que guardo no coração e permanece amigo de meus filhos até os dias atuais.

Costumo dizer que quando Deus criou o homem deu a ele a oportunidade de se arrepender e de se perdoar. Assim, posso dizer que me arrependo grandemente de não ter priorizado os estudos e concluído o nível superior, mas me perdoou por isso também, pois minha maior vitória foi ter criado meus filhos. Vê-los bem e vivos é minha maior felicidade.

Minha neta Maria Elisa Vieira Cardoso – filha de Leonairon e Natália – chegou em nossas vidas no dia 13 de janeiro de 2021, em meio a uma pandemia de Covid-19. Foi uma neta muito desejada porque, embora eu já me sentisse avó de duas netas e um neto de coração, temia deixar essa vida sem ter a alegria de segurar no colo, cuidar e educar meus netos consanguíneos e, assim, perpetuar minha descendência nesta Terra.

Fiquei muito aflita de que algo pudesse acontecer durante a gestação de minha nora, por conta da pandemia. Mas Deus, em sua infinita bondade, permitiu que Natália tivesse uma gravidez sem intercorrências e, para minha grande alegria, minha neta Elisa nasceu bem e com muita saúde!

Elisa é um ser de luz. Com ela, realizei meu sonho de ser avó consanguínea. Ela ilumina minha existência e meus dias. Sempre te amarei minha netinha e estarei para sempre ao seu lado, como sua vó ou, um dia, como seu anjo.

Gosto de cozinhar, ler livros e assistir filmes. Minhas maiores considerações são meus sobrinhos e irmãos. Eles são meus anjos, pois quando minhas asas estão cansadas, eles me põem de pé para voar novamente. Sinto-me uma guerreira, pois as dificuldades que enfrentei me tornaram mais forte e cada vez mais determinada.

O que mais amo – A VIDA!

O que mais admiro – O AMOR!

A vida é bela, a vida é uma festa. Viva a vida!!



Maria Elisa no terceiro dia de nascimento, na casa de seus pais.
Ano: 2021.

O AMOR ME ESCOLHEU

Maria Ângela Vieira de Oliveira
Rubens de Souza Oliveira

Nasci no dia 30 de setembro de 1966, na cidade de Castanhal. Sétima na filiação de dez filhos provenientes da união de Adelson Barbosa e Enita Peixoto. Sou Maria Ângela Vieira de Oliveira.

Meu nascimento foi muito difícil; dizem que sou uma sobrevivente, ou seja, um milagre. Quando minha mãe estava no sétimo mês de gravidez, foi picada por uma cobra quando lavava roupas junto com algumas vizinhas no rio Garrafão. Na época, os recursos médicos em Capanema eram muito escassos e o incidente com a minha mãe foi tratado, a princípio, de forma caseira por meio de ervas aplicadas no ferimento pelo meu pai.

No final do período gestacional, o estado de saúde de minha mãe se complicou, tendo que ser levada ao SESP, pois ela dizia sentir muita dor em todo o corpo. Entretanto, segundo os médicos que a atenderam, não caracterizava que ela estava em trabalho de parto.

Devido a gravidade de sua situação, minha mãe foi encaminhada pelo Dr. Jorge Costa, médico e ex-prefeito de Capanema, para a Maternidade do Povo na cidade de Castanhal-PA. Acompanhada por meu pai, havia indicação de ser operada, mas ela não aceitou pois gostaria de ter seu bebê de parto normal. O sofrimento continuava, as dores não passavam e o inchaço só aumentava. A possibilidade de morrer já se tornara quase inevitável. Esse estado de desânimo só melhorou depois de uma conversa que ela teve com meu pai que lhe disse para não perder a fé e que acreditasse em Deus.

Ao realizar um exame para avaliar a evolução da gravidez, a enfermeira informou que eu estava nascendo. E assim eu vim ao mundo em volta de muito líquido. Era tão pequenina que pesava apenas 900 gramas! Para os recursos médicos da época, era quase impossível que eu fosse sobreviver.

Meu sofrimento só estava começando. Após o nascimento, passei os primeiros quarenta dias em casa entre a vida e a morte. Meu falecimento era esperado todos os dias. Meus pais e minha irmã Nazaré nunca desistiram de mim, por isso estou hoje aqui contando minha história. A eles serei eternamente grata.

Meu nome foi dado pela minha mãe em homenagem a uma freira da congregação do Preciosíssimo Sangue que na época residia no Colégio São Pio X, na cidade de Capanema-PA.

Tive uma infância muito feliz. Apesar das dificuldades, eram tempos muito bons e eu não me preocupava com nada, apenas em ir para escola e brincar no quintal de casa com as minhas irmãs. Nessa época, não tínhamos brinquedos industrializados e nem a tecnologia que se tem hoje; brincávamos de “pira-se-esconde”, “cemitério” (queimada), “bandeirinha”, “cabra-cega”, “pula corda”, “casinha”, subíamos nas árvores e tomávamos banho de chuva. Escrevendo essas memórias da minha infância, percebi que com pouco recurso e quase sem brinquedos, éramos livres e felizes no nosso melhor parque de diversão: o nosso quintal.



Ângela aos 18 anos. Ano: 1985.

O que aprendi com meus pais? Tivemos uma educação muito rígida, mas nunca faltou amor, perdão e compreensão. Nossa criação foi realizada com muito sacrifício. Meu pai trabalhava de sol a sol para nos dar o melhor. Apesar das dificuldades, nossos pais sempre foram muito amorosos. Com eles, aprendi que tudo na vida tem seu custo e aprendi a compartilhar.

Tempos difíceis! Lembro-me que muitas vezes usei roupas grandes quando eu ainda era pequena, pois durava mais tempo e as outras irmãs também podiam aproveitá-las. Usávamos o mesmo sapato e o mesmo uniforme para ir à escola. Uma usava pela manhã; a outra, à tarde.

E foi apagando o que estava escrito nos livros da escola que alguém havia usado antes de mim, que aprendi a dar valor às pequenas coisas.

Meus pais me passaram valores e princípios que me tornaram a mulher que hoje sou: companheira, batalhadora, determinada, honesta e alegre. Uma mulher de fé, apesar de qualquer tempestade, pois tenho certeza de que Deus sempre está comigo. Com certeza, meus pais me ensinaram valores que talvez a geração de hoje, até mesmo a que se formou através de mim, dificilmente conhecerá; tendo em vista os tantos benefícios e facilidade dos novos tempos.

Aos 12 anos de idade, fui morar na casa de minha irmã Nazaré. Lá, continuei meus estudos e participei do Movimento Jovem Treinamento de Liderança Cristã – Mini TLC. Era um movimento da igreja católica direcionado para jovens e adolescentes do qual participei por alguns anos e fiz vários amigos que levo por toda a vida.

Estudei no Colégio São Pio X, graças ao convênio que a escola tinha com a Cibrasa. Depois, fui transferida para a Escola Estadual Dom João

VI. Minha irmã Nazaré se tornou um grande exemplo para mim. Foi fundamental na minha formação como ser humano. Exemplo de filha, mãe e esposa. Ela é minha grande referência de mulher.

Com apenas 18 anos de idade, no dia 22 de fevereiro de 1985, casei-me com Rubens Souza de Oliveira. Filho de Maria Benedita de Oliveira e Pedro Fernandes de Oliveira. Rubens tinha 22 anos, trabalhava no comércio local e alguns meses depois foi aprovado no concurso público e ingressou na Superintendência de Campanha de Saúde Pública – SUCAM (atualmente extinta e com os servidores federais cedidos para estado).

Em setembro do mesmo ano de meu casamento, nasceu o meu primeiro filho: Alex. Hoje, com 35 anos de idade, casado e pai de Maria Laura. Três anos depois, em junho de 1988, nasceu Rubens Filho, meu segundo filho. Atualmente, com 32 anos, é casado e pai de Enzo Gabriel e Maria Cecília. E, em 1991, nasceu o Rômulo Eduardo, meu terceiro filho.

Encerrei o meu ciclo materno com três filhos. Esse sempre foi meu desejo. E afirmo que o nascimento dos meus filhos foram os acontecimentos mais importantes da minha vida.

Durante vinte e um anos, meu esposo viajava a trabalho e passava a semana em outros municípios. Algumas vezes, bem mais tempo que isso. Cabia a mim a responsabilidade de cuidar dos filhos, acompanhar nas tarefas escolares, levar ao hospital quando necessário, além de cuidar das tarefas domésticas. Depois que meu esposo conseguiu transferência permanente para trabalhar em Capanema-PA, nossa vida ficou bem mais tranquila pois tinha finalmente, depois de anos, toda a minha família reunida em casa. Meu esposo voltou a estudar e passou em dois vestibulares: Química (UEPA) e Biologia (UFPA). Optou pelo curso de Licenciatura em Biologia, da UFPA/Campus Bragança, formando-se no ano de 2011.



Ângela na formatura de Rubens (Licenciatura em Biologia). Ano: 2011.

Com 36 anos de casada com o Rubens, afirmo que nós não procuramos o amor; ele nos escolheu. E que não buscamos o local de nosso encontro, ele simplesmente aconteceu e tem perdurado até hoje, graças a Deus. A vida de esposa e de mãe foi um grande desafio, cheia de altos e baixos, de alegrias e tristezas que me fizeram crescer como pessoa e como mulher.



Ângela e sua família. Ano: 2021.

modo com a minha mãe, com quem vejo ou falo todos os dias, e que continua sendo meu porto seguro.

Em setembro do ano de 2015, realizei o meu desejado sonho de ser avó com o nascimento de Enzo Gabriel. Em outubro do mesmo ano, nasceu Maria Laura. Foi um momento único em minha vida. Dois anos depois, nasceu Maria Cecília.

Hoje me sinto uma mulher privilegiada, pois já recebi muitas bênçãos nesta vida. Mas nada se compara com a experiência de ser avó. Com os meus netos eu brinco, me divirto, educo e aprendo todos os dias uma nova forma de amor. Costumo dizer que eles são o melhor presente que os meus filhos poderiam ter me dado na vida.

Hoje tenho no céu uma estrela que ilumina minha vida: meu pai. Sempre fomos muito amigos. Todos os dias meu pai vinha me visitar. Apenas deixou de vir quando adoeceu. Em seus últimos meses de vida tive a oportunidade de estar sempre ao seu lado, cuidando, conversando e alegrando seus dias. Ele partiu, mas permanece sempre comigo, em tudo o que faço. Como a casa de meus pais é próxima de minha casa, nosso convívio sempre foi muito estreito e diário, permanecendo até hoje do mesmo

Mensagem aos meus netos



Ângela e Rubens, com seus netos.
Ano: 2021.

Enzo Gabriel, Maria Laura, Maria Cecília e aos netos que vierem: “Se vocês têm o direito de ter sonhos, também têm o direito de realizá-los. Basta lutar, se esforçar e dar o seu melhor sempre, com humildade, perseverança, respeito ao próximo e fé em Deus. Nunca desistam! Sejam firmes e acreditem que vocês vão vencer! Amem e respeitem seus pais e irmãos, e lembrem que a família sempre está em primeiro lugar. Vocês são e serão eternamente nossos amores.

Vovó Ângela e Vovô Rubens

A RESILIENTE

Sandra Helena Peixoto Vieira
Sandriéllem Natália Vieira do Nascimento

Sandra Helena Peixoto Vieira, oitava na ordem de filiação, branquinha, cabelos lisos, castanhos e volumosos, uma criança chorona e dengosa, e uma adulta determinada. Nascida de parto normal na residência de seus pais, no dia 29 de março de 1968, em um ano bissexto.

Desde a infância, gostava muito de cantar. Quando seu tio Berto (como chamava carinhosamente o irmão do seu pai, Alberto) chegava em sua casa, sempre a pegava no colo e a sentava sobre a mesa dizendo “*canta cantadeira*”, e ela começava a cantar a canção de Antônio Marcos “O homem de Nazaré”.

Uma infância regada de brincadeiras de roda e de rua como “pira-pegá”, “31 alerta¹”, “caí no poço”. Sem contato com tecnologias do tipo celular, televisão, computador etc. Quando começaram a surgir as primeiras TVs, ela adorava assistir alguns programas na vizinha. Porém, seu pai não gostava nada da ideia de incomodar a vizinhança.

Em uma das fases da sua infância e inocência, Sandrinha pegou seu único copo plástico vermelho (cor preferida) que dona Enita havia comprado e colocou milho que servia de alimento para as galinhas dentro. Pôs no fogo pensando que iria se transformar em pipoca. No fim das contas, Sandrinha ficou sem seu copo e sem as pipocas. Chorou muito.

Foi uma criança muito medrosa. Tinha medo de escuro, de fantasmas e de andar à noite por aí. Não gostava de atravessar a ponte do rio Garrafão que levava à casa de parentes.

Aos 10 anos, descobriu que tinha catarata congênita no olho esquerdo. Porém, achava que todos enxergavam como ela até então. No mesmo período, Sandra resolveu lutar contra o que ela acreditava ser uma “gagueira”, presente também na fala de outros irmãos na época. Hoje, sabemos que ela sofria de *dislalia* (distúrbio da fala, caracterizado pela dificuldade em articular as palavras). Ela falava “o-eiro” em vez de “coqueiro”, por exemplo. Foi sua própria fonoaudióloga e conseguiu, depois de muitas repetições e esforço, falar corretamente, pois era algo que a incomodava muito, principalmente pelos coleguinhas da escola que lhe

¹ É uma brincadeira antiga parecida com pira-se-esconde que uma pessoa conta até 31 e vai procurar as outras crianças que estão escondidas.

caçoavam e repetiam o que ela falava. Uma infância sofrida, humilde e difícil que ela diz não ter vontade de voltar.

Aos 15 anos, ganhou sua primeira bicicleta. Era uma tradição de família, simbolizava a passagem para a juventude. Uma moça que sonhava em completar 18 anos para poder trabalhar e ter seu próprio dinheiro. Em janeiro de 1988, conseguiu seu primeiro trabalho, no CDL, por intermédio de sua mãe que conversou com Antônio Kauati na época. Também teve muito apoio do seu irmão Dão, com quem tem uma forte ligação afetiva até hoje.



Sandra em seu primeiro trabalho no CDL, em Capanema-PA. Ano: 1988.

Nesse mesmo ano, no mês de abril, conheceu seu então futuro esposo, Ataídes Eduardo do Nascimento – filho de Agenor Raimundo do Nascimento e Maria Freitas do Nascimento. Um rapaz franzino, de bigode (sua marca registrada até hoje), conhecido apenas por “Tatá”, funcionário da Fundação Nacional da Saúde – FUNASA, antiga SUCAM.

Se conheceram em uma festinha de *baby chá* de uma prima dela. Ele não havia sido convidado, mas estava passando pela frente do local e parou para dar uma olhada. Foi quando uma das irmãs de Sandra, que já o conhecia, o chamou para dançar com a futura namoradinha.

Ao final da festa, já interessado, o rapaz acompanhou Sandra e duas de suas irmãs até sua residência. Mas, antes disso, durante o trajeto, não hesitou em falar para a moça “*vou casar com você*”. Namoraram alguns meses e resolveram formar uma bela família. Casaram-se na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, às 9h da manhã, no dia 17 de dezembro de 1988, mesmo dia que em anos anteriores tinham se casado Adelson e Enita (seus pais) e sua irmã mais velha.

A festa de casamento ocorreu no período da manhã, no grande quintal dos pais da noiva (quintal este que marcou a história da grande família Peixoto Vieira com tantos momentos bons e festivos), onde recepcionaram os convidados com um almoço bem farto. A noiva na época tinha 20 anos e o noivo 25 anos. Começaram uma vida simples em uma das casas da vila do pai da noiva, lá moraram por 4 anos. Na mesma rua, já moravam sua irmã Ângela e seu irmão Totinha.

Nesse período, nasceram seus dois primeiros filhos. No dia 23 de julho de 1989 nasceu seu primogênito que recebeu o nome paterno Ataídes Eduardo do Nascimento Júnior. Um menino robusto, pesando 4,600kg. E, no dia 24 de dezembro de 1992, nasceu seu presente de Natal mais

esperado: sua filha Sandriéllem Natália Vieira do Nascimento (Sand). Nasceu bem pequena e Sandra costuma dizer, que era do “*tamanbo de um caroço de manga*”.



Família de Sandra, com seus filhos pequenos.
Ano: 1990.

“tacobol”, “pipa”, “pira-se-esconde”, “peteca”, “pira-cola”, “queimada”, “volêi”. Os três irmãos sempre tiveram muitos amigos e primos (que moravam próximos e facilitava a rotina de brincadeiras). Tomaram muitos banhos de piscina no clube da SUCAM (onde seu pai era sócio) e de rio, nos sítios da família e rio Caeté.

Júnior foi uma criança um pouco enraivada, de pavio curto, mas muito persistente no que queria. Se não conseguia colocar sua pipa no céu, não sossegava. Era sua brincadeira preferida. Sand foi sempre calma e tranquilidade. Muito estudiosa, amava ler e brincar com suas bonecas. Ailon foi muito chorão e meio carinha fechada. Mas todos foram sempre muito amados e felizes, pois uma das grandes missões que Sandra colocou para si foi ser uma mãezona; missão essa que sempre cumpriu com louvor.

Com relação aos estudos, Sandra sempre cobrou muito dos seus filhos. Ensinou a escrever e calcular em casa mesmo. Sempre esteve presente, pois sabia a importância da educação. Tanto que se tornou professora.

Com o passar do tempo, Tatá foi construindo a casa da família na rua paralela a que estavam morando. Até que, em dezembro de 1993, mudaram-se. Na nova casa, tiveram seu terceiro e último filho para completar sua alegria. Ailon Eduardo Vieira do Nascimento, nascido no dia 05 de julho de 1995 e pesando 4,900kg.

A infância das crianças foi de muitas brincadeiras na rua e no seu grande quintal:



Família de Sandra reunida na véspera de Natal.
Ano: 2015.

Ainda em 2000, começou seu segundo trabalho como professora de séries iniciais no então Colégio Genius Universidade Infantil, onde sua sobrinha Nívia Maria era coordenadora na época. Com o passar dos anos, sentiu uma necessidade de ter um nível maior de escolaridade para atuar em outros níveis de ensino.

Foi então que em 2007 realizou mais uma conquista, formando-se em Licenciatura Plena em Matemática pela Universidade Vale do Acaraú (UVA).

O caminho não foi muito fácil, mas com muita garra e determinação conseguiu superar os desafios da vida de professora. Até o momento, ela continua atuando como professora de matemática do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, no agora Colégio Genius Universidade de Construção e Aprendizagem.

Sandra sempre impulsionou seus filhos a serem grandiosos como ela, seguirem seus sonhos e assim poderem escrever uma bela história nessa vida. Todos passaram no vestibular. Júnior e Sand cursaram Ciências Biológicas na UFPA - Campus Bragança, passando juntos na turma de 2010; e Ailon cursou Educação Física pela UEPA - Campus Conceição do Araguaia, começando em 2013. Apesar de todo sacrifício que é ter filhos, Sandra se sente muito agraciada por ter sido contemplada com suas 3 joias. Segundo ela, seu grande sonho sempre foi ser mãe e as pessoas que ela mais ama na vida são eles.

Com relação a sua vida matrimonial, como em qualquer outra, teve seus altos e baixos. Houve momentos difíceis e a família teve que enfrentar o alcoolismo do seu esposo Tatá. Até que, finalmente, no ano de 2008, ele conseguiu se libertar do vício e se mantém sóbrio até hoje. Pouco antes disso, ainda no fim de 2007, Sandra teve uma de suas maiores perdas: seu pai Adelson partira para o plano espiritual. Ela se sentiu muito perdida, pois seu porto seguro já não estaria mais presente.

Há aproximadamente 12 anos, juntamente com seu esposo, ela decidiu se engajar em um grupo da igreja Católica Apostólica Romana em que professam a fé. Na Pastoral Familiar, puderam fortalecer os vínculos com a igreja. O grupo religioso trouxe a eles um conhecimento maior sobre espiritualidade e fé em família. Conheceram muitos casais Capanemenses com quem puderam trocar experiências e reforçar seus princípios. Do mesmo movimento, participam seus irmãos Nazaré e Edinaldo, além de seus respectivos cunhados Claudemiro e Terezinha.

Em 2016, Sandra sofreu uma segunda grande perda, a maior dor que uma mãe pode ter nessa vida: a partida do seu çapula Ailon.

No dia 03 de março, mesmo dia do aniversário de sua mãe, estavam ela e alguns membros da família junto com a matriarca comemorando a data em uma churrascaria quando souberam do acontecido. Sand estava em

Bragança se preparando para se graduar no dia seguinte, pois como havia ido para um intercâmbio não se formou junto com Júnior. O filho mais velho estava em casa aguardando os pais, Ailon estava no último ano de curso, em Conceição do Araguaia.

Naquele dia, Ailon havia corrido como de costume e estava jogando futebol de salão com os amigos quando sofreu uma parada cardíaca. E, apesar dos esforços deles em fazer massagem cardíaca, ele não resistiu. Partiu fazendo uma das coisas que ele mais gostava: a prática de esportes.

Muitos dos seus amigos acompanharam o velório; tanto os jovens de Capanema quanto os de Conceição do Araguaia estiveram presentes. Até hoje, todos relembram com carinho do “Ailinho da Educação”. O velório foi repleto de homenagens importantes, memórias e muitas lágrimas.

Esse ocorrido mudou completamente a vida não só do núcleo familiar de Sandra, como também de toda a família Peixoto Vieira que até então não havia perdido nenhum de seus jovens. Desestruturou toda uma dinâmica que havia sido estabelecida e tiveram que se acostumar com sua ausência. Jamais esquecem de citá-lo em alguma reunião de família ou de lembrar do seu jeito de ser.

O choro ainda permanece até hoje no seio familiar, porém Deus e o Senhor Tempo se encarregaram de enxugar as lágrimas e diminuí-las. Sandra chegou a pensar em desistir de ser professora, perdeu muito da sua alegria e só foi começar verdadeiramente a viver depois da chegada de outro “serzinho” em sua vida: o Donte.



Sandra com seus filhos e esposo, no aniversário de Sand. Ano: 2019.

Donte é o filho/neto de 4 patas. Vindo de Bragança, foi um presente que chegou quase sem querer na sua vida. O poodle pretinho com mechinhas brancas que posteriormente seria apelidado de Princeso, Pretinho, Dontico e Dontizeira ganhou um lar cheio de amor e mais de uma pessoa para cuidar e brincar. Sandra e família ganharam uma terapia em

forma de cachorro.

Sandra, de forma resiliente, não hesita em ressaltar que *“hoje nós somos 4, porém sempre seremos 5, pois existe um anjo no meio de nós”*.

A DESTEMIDA

Rose Mari Peixoto Vieira

Minha história começa nos anos 70, precisamente em 17 de abril de 1970, nascia no hospital São Joaquim, na cidade de Capanema, uma pequena menina de olhos verdes e cabelos loiros. Numa grande família de dez irmãos em que era a nona na ordem de filiação.

Nasci em um período com muita dificuldade em nosso país, e não mudou muito nos tempos atuais, onde a maioria das famílias precisavam lutar muito para a sobrevivência, e conosco não foi diferente. Tivemos que desde cedo aprender a dividir com os irmãos o que tínhamos, pois era tudo muito escasso. Em contrapartida, posso afirmar que tive uma infância feliz com boas brincadeiras embaixo de uma grande sombra da mangueira que havia no nosso quintal e, sobretudo, pelo fato de ser amada pelos meus pais.

Na bela infância de minha vida, não posso esquecer das noites em que íamos brincar na rua de “pira-se-esconde”, “31 alerta”, “cemitério” (queimada), “vôlei pong”, etc. Era uma linda época em que nossa rua Leandro Pinheiro não tinha asfalto, nem violência; e o trânsito não dava medo em ninguém. Por isso corríamos soltos enquanto nossos pais assistiam as novelas. Depois da diversão, o banho gelado num poço que tínhamos no quintal da casa era nosso caminho certo e uma boa noite de sono nos aguardava, sem ter com que nos preocupar.



Rose Mari, aos 11 anos.
Ano: 1981.

Não posso deixar de lembrar das belas manhãs dos banhos de rio no nosso Garrafão. Foram especiais, pois enquanto minha mãe ia lavar roupa, eu ficava a banhar nas frias águas daquele rio, naquele lugar, em um tempo que não volta mais. Mas, esses doces momentos se perpetuarão para sempre na minha memória e por isso nunca passarão.

Iniciei meus estudos no Colégio São Pio X, pois também era bolsista. Depois, fui para a escola Escola Estadual América Leão Condurú, onde cursei o Ensino Fundamental. Concluí o antigo Segundo Grau, hoje chamado de Ensino Médio, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Oliveira Brito (E.E.O.B).

Tenho muito orgulho de dizer que de quase tudo que aprendi foi advindo da escola pública. Foi lá, na minha adolescência, que tive um interesse ainda maior pelos estudos, período que mais me dediquei na busca do conhecimento, em especial por entender que através dos estudos poderia melhorar a condição econômica e social. Tal visão sempre destacada pelo meu pai.

Em 1989, iniciei minha vida profissional como professora, trilhando o meu caminho pela educação. Cedo, fiz magistério e tão logo comecei a lecionar. Aos 19 anos, fui docente em uma pequena escola (Escola Dilce Souto de Azevedo) no Km 7 da BR 316, ensinando em uma turma de multisseriado (uma só sala com alunos de várias séries). E, diga-se de passagem, meu meio de transporte era uma bicicleta em que pedalava 14 km, entre ida e volta, em um sol escaldante. Parecia tudo muito sacrificante, mas para mim era tudo normal e até prazeroso, pois no caminho havia um contato com a natureza, rios, flores, florestas e pássaros que quase sempre me acompanhavam ao longo do trajeto.



Rose Mari e seu pai Adelson (paraninfo), em sua colação de Grau do Curso de Licenciatura em Geografia no Instituto Santa Terezinha em Bragança-PA. Ano: 2001.

Comecei a trabalhar muito cedo, em uma época que o curso técnico de Magistério era o nosso passaporte para atuar na educação. No entanto, para que pudesse continuar na rede de ensino, precisava passar no concurso para professor primário (AD1); e passei. Fui aprovada no vestibular da UFPA/Campus Bragança para o Curso de Licenciatura em Geografia, no ano de 1995, e, ao terminar a faculdade, passei no concurso da SEDUC para

nível superior (AD4). Assim, continuei minha carreira profissional como professora de Geografia.

Casei-me aos 21 anos, no dia 7 de setembro de 1991 e desse relacionamento realizei o meu grande sonho: o de ser mãe. No mesmo ano que ingressei na faculdade tive a felicidade de engravidar do meu primeiro grande amor, minha menina Vívian Maria, que nasceu no dia 5 de fevereiro de 1996, no Hospital das Clínicas, em Capanema.

No período do seu nascimento tive que conciliar meus estudos na universidade com os cuidados ao meu bebê, exigidos por minha nova condição de ser mãe, e por isso foi um tempo muito difícil, mas perseverei e venci.

Hoje estou recebendo frutos dessa luta, pois minha filha logo ao concluir seu Ensino Médio, passou no vestibular e se formou em Licenciatura em Letras, na Universidade do Estado do Pará - UEPA e posteriormente fez o Curso de Licenciatura em Pedagogia, pelo Centro Universitário de Maringá - UNICESUMAR. Atualmente cursa Bacharelado em Administração, e está trabalhando.



Rose Mari, Adelson e Vivian.
Ano: 2005.

Depois de alguns anos, recebi meu segundo grande presente. O meu menino nasceu no dia 23 de novembro de 2002, no Hospital Saúde Center, em Capanema. Quis fazer uma homenagem ao meu pai, que ainda era vivo na época, colocando seu nome em meu filho, como forma de dar continuidade à sua existência. Adelson, chamado pela família por Adelsinho, já concluiu o Ensino Médio e está se preparando para fazer o Exame Nacional de Ensino Médio - ENEM.



Rose Mari, filhos e seu genro Neto. Ano: 2021.

Em 14 de setembro de 2019, minha filha se casou com José Lima Vieira Neto, na igreja de Santa Terezinha do Menino Jesus, no bairro Tancredo Neves, em Capanema. Houve uma linda, jovial e emocionante festa em que toda família Peixoto Vieira esteve presente.

O que posso dizer da minha vida é que tudo nela foi muito bem vivido e que de nada me arrependo; somente o que eu não fiz... Por isso, ainda pretendo fazer muito, pois considero a vida inacabada e o ser humano um construtor de sua própria existência.

Essa é a história que construí, de forma destemida, e da qual muito me orgulho, pois me considero uma pessoa feliz.

Nos próximos capítulos de minha vida vou viver ainda mais, na esperança e na lucidez de uma vida serena, tranquila e mais inspiradora.

Recém aposentada, aos 50 anos, novas histórias serão escritas e novos caminhos serão traçados. E os conselhos que meu velho pai dizia sobre respeito, honestidade, determinação, luta, fé, perseverança e UNIÃO serão sempre seguidos, todos os dias de minha vida.

OBRIGADA, DEUS!!!!!!

O MENINO-AMOR

Jamerson Lopes Vieira
Nivia Maria Vieira Costa
Sammara Enita Corrêa Vieira

Essa é uma história sobre o amor em sua forma mais genuína. Aquele que se doa, que dá atenção, que se preocupa, que valoriza as pequeninas coisas, que tem compaixão, que abraça e olha nos olhos. O chamamos pelo nome de Paulo Peixoto Vieira ou, para os íntimos, Paulinho!

O nosso menino-amor é daquelas pessoas que sabe estar em todos os lugares e logo faz amigos por criar ao seu redor um ambiente de leveza no ar. Tem tantos amigos, que por onde passa sempre terá alguém que o cumprimente e diga: “Oi, Paulinho!”.

Não precisa de muita convivência para logo se perceber algumas marcas especiais que Paulinho carrega consigo. Recebe a todos que chegam a sua casa com imensa receptividade, expressada através de um largo sorriso e braços abertos que convidam para o abraço. É bastante antenado às tecnologias, manuseando com perfeição todos os comandos de seu aparelho de celular. Participa do grupo de mensagens instantâneas da família ativamente. Cuida da segurança da casa com especial atenção e responsabilidade.

Mas, certamente, uma das características mais especiais de Paulinho é a de jamais esquecer a data de aniversário de seus familiares! Não abre mão de fazer homenagens, além de frequentemente entregar cartinhas produzidas por seu próprio punho.

Ama seus aniversários! Simplesmente conta os meses e dias para celebrar a data mais importante do ano para ele: o dia do seu nascimento! Quanto mais homenagens forem feitas, com áudios, textos e presentes, mais feliz ele fica. Afinal, quem não gosta de ouvir o quanto é querido e amado? É fã número um de futebol e acompanha todos os jogos: estaduais, nacionais e internacionais. Conversa com extrema sabedoria sobre os



Paulinho e o sobrinho Jamerson Vieira.
Ano: 1985.

resultados dos jogos, discute os lances dos jogadores e sabe a colocação geral dos clubes. Torce por três times de futebol de outros estados: Ceará (CE), São Paulo (SP) e Vasco da Gama (RJ). Mas, sem dúvida, seu coração tem duas cores bem definidas: *“Uma lista branca, outra lista azul, essas são as cores do Papão da Curuzú...”*. Paulinho torce apaixonadamente por um clube de futebol paraense: o Paysandu! Tem blusas, boné, bandeiras. E se alguém em tom de brincadeira der uma blusa do principal time adversário (Remo), ele educadamente rejeitará o presente.

Paulinho gosta de ser chamado por seus sobrinhos-netos de tio-avô. Quando lhe pedem a benção, ele sempre diz *“tio não, sou seu tio-avô”*. Além disso, sempre corrige seus sobrinhos e sobrinhos-netos quando fazem alguma tolice, com a rigidez de um tio que cuida, educa e protege. Como todos os filhos de Adelson e Enita, recebeu os sacramentos do Batismo, Eucaristia e Crisma.

Mas precisamos falar de seu nascimento, pois sua chegada, de início, foi uma verdadeira surpresa para todos, em especial para sua mãe. Depois de seis anos do nascimento de sua última filha, Enita achou que já não fosse mais ter filhos, mas engravidou novamente.

O dia 28 de maio de 1976 marca a data do nascimento de Paulinho. Sua mãe recorda que naquele dia seguiu sua rotina diária. Pela manhã, realizou pequenos afazeres domésticos e, no turno da tarde, ocupou-se em fazer beiju e farinha, alimentos oriundos da mandioca e muito consumidos em Capanema-PA.

Sua mãe teve uma gravidez muito tranquila e sem nenhum problema. Por volta das 19h, sentiu as primeiras contrações. Acompanhada de sua filha mais velha, Nazaré, se dirigiu ao extinto Hospital São Joaquim, tradicional estabelecimento de saúde de nosso município.

Enita foi instalada na maternidade. Sua filha foi chamar uma enfermeira para dar assistência a sua mãe que já estava em trabalho de parto. Ao entrarem no quarto, o bebê já havia nascido, às 22h. Logo foi levado para ser pesado, higienizado e avaliado pelo médico.

Antes de ser encaminhado aos braços de sua mãe, o médico chamou em particular Nazaré e disse-lhe que a criança havia nascido com Síndrome de Down¹. Na ocasião, a palavra utilizada pelo médico para se referir à

¹ A síndrome de Down é causada pela presença de três cromossomos 21 em todas ou na maior parte das células de um indivíduo. Isso ocorre na hora da concepção de uma criança. As pessoas com síndrome de Down, ou trissomia do cromossomo 21, têm 47 cromossomos em suas células em vez de 46, como a maior parte da população. Disponível em: <http://www.movimentodown.org.br/sindrome-de-down/o-que-e/>

criança foi “Mongoloide”² - um termo antiquado e pejorativo que era utilizado para se referir às crianças com tal síndrome.

O médico informou que o bebê teria algumas dificuldades para falar e aprender, mas que se fosse bem acompanhado teria um bom desenvolvimento, como qualquer outra criança.

Os recém-nascidos com síndrome de Down apresentam características típicas em seu rosto, pescoço, mãos e pés. O grau de deficiência cognitiva varia de um indivíduo para outro, não impedindo a pessoa de desenvolver todas as habilidades possíveis ao longo de sua vida, como estudar, trabalhar ou constituir sua própria família.

Ao voltar para o quarto de Enita, sua filha repassou o que o médico havia dito sobre o bebê. Enita chorou bastante sem saber como lidar com essa nova realidade, pois não tinha nenhum conhecimento sobre a síndrome de Down. No dia seguinte, tiveram alta hospitalar e Enita seguiu com seu bebê para casa.

Quando seu esposo Adelson viu o bebê pela primeira vez, disse que nunca tinha visto criança mais linda. Disse que era o filho mais bonito que ele havia tido. Naquele momento, escolheu o nome “Paulo”, em homenagem ao grande apóstolo de Jesus, um dos maiores propagadores do Evangelho de Cristo.



Paulinho em atividade da APAE. Ano: 1990.

Na esperança de que Paulinho tivesse um bom desenvolvimento ao longo de sua vida, Enita resolveu fazer uma promessa ao Divino Espírito Santo, comprometendo-se em deixar os seus cabelos e os do recém-nascido crescerem até alcançar os cinco anos da criança. Além de vesti-lo apenas na cor branca durante esse período.

Paulinho começou a dar os primeiros passinhos após um ano e dois meses de seu nascimento. Sua fala desenvolveu-se lentamente e, aos cinco anos de idade, começou a dizer algumas palavras. Seus pais sempre tiveram a preocupação de tratá-lo como os demais filhos, sem excesso de cuidados; com a mesma disciplina e educação, deixando-o livre para vivenciar diferentes experiências como qualquer criança de sua idade.

² Que apresenta características físicas semelhantes às dos mongóis, grupo populacional constituído por povos nativos da Ásia Central, do Extremo Oriente e das regiões árticas da América do Norte. Forma imprópria para designar a Síndrome de Down (Trissomia 21). Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mongol%C3%B3ide>.



Paulinho com suas medalhas.

Ano: 2002.

Paulinho jogava bola, brincava de “peteca” (bola de gude), “papagaio” (pipa), tomava banhos de rio, além de subir em árvores e brincar em especial com seus sobrinhos, no quintal de seus pais, embaixo da frondosa mangueira.

Aos nove anos de idade, iniciou seus estudos na Associação de Pais e Amigos Excepcionais – APAE³, em Capanema-PA. Através da instituição, ele teve a possibilidade de socializar-se com outras crianças com alguma necessidade educativa especial. Todo o processo

corroborou para que os aspectos cognitivos e relacionais fossem trabalhados numa perspectiva inclusiva.

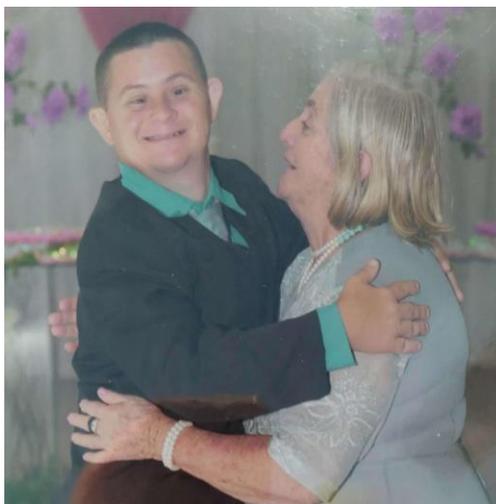
Sempre participou dos eventos festivos realizados pela escola, tais como Páscoa, Festas Juninas, Excursões, Feira de Ciências, Desfile da Independência do Brasil, Semana das Pessoas com Necessidades Educativas Especiais, além de diversas outras programações.

Concomitante às aulas e atividades pedagógicas da APAE, em 2019, cursou até o 6º ano do Ensino Fundamental na Escola Estadual América Leão Condurú. Participou, em 2002, da XVI Olimpíada Nacional das APAES em Feira de Santana (BA). Em 2004, representou os alunos excepcionais na XVII Olimpíada Nacional da APAES em Goiânia (GO) e na VI Olimpíadas Especiais das APAES, em 2012, na capital paraense. Participou também de todos os jogos internos promovidos pela APAE de Capanema-PA e coleciona com orgulho suas diversas medalhas conquistadas por seu amor ao esporte.

Paulinho é um filho dedicado e cuidadoso com sua mãe. É o único filho que mora com ela. Tem um amor respeitoso e sente-se responsável por zelar por sua segurança e saúde. Paulinho dorme em uma cama ao lado da cama de sua mãe, pois caso ela precise de qualquer coisa, ele sempre estará disponível para ajudar como um verdadeiro anjo da guarda.

³ A APAE surgiu no Brasil em 1954, no estado do Rio de Janeiro. Caracteriza-se por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral à pessoa com deficiência intelectual e múltipla. A Rede Apae destaca-se por seu pioneirismo e capilaridade, estando presente em mais de 2 mil municípios em todo o território nacional. Informações Disponível em: <https://apae.com.br/>

Nessa grande família de professores, Paulinho é nosso grande mestre. Nosso menino-amor nos ensina, diariamente, a enxergar nossa simples existência como um milagre de Deus. A nos extasiarmos com um presente e com o presente. A nos doarmos sem nada pedir em troca. A escancarar o afeto que por vezes tanto nos privamos. A gargalhar frente aos reveses da vida. A ver, através da pureza do seu olhar, que grande homem é aquele que nunca perde seu coração de menino!



Paulinho na celebração dos 80 anos de Maria Enita.
Ano: 2015.

PARTE II

NARRATIVAS E CAUSOS DA AMAZÔNIA

Na segunda parte do livro apresentaremos as vivências e as trajetórias de um grupo social familiar que transita por incontáveis histórias, causos, saberes e simbologias presentes pelas relações construídas.

Os saberes culturais de quem vive na Amazônia estarão figurados nas narrativas sobre os seres encantados da natureza, benzedeadas, brincadeiras de infância, cultura dos apelidos, além de textos que versam sobre os encontros em família, ora em festas juninas, ora em algumas celebrações especiais, sempre regados a banhos de rio, com uma farta mesa de alimentos e em espaços juntos à natureza.

Fatos, crenças, fé, ludicidade, constituirão as narrativas transgeracionais da família Peixoto Vieira. Os textos foram escritos por várias mãos, o que faz deste livro uma obra de grande valor social.

Aqui destacamos, em uma das narrativas, a pandemia de Covid-19 que vem assolando a população mundial e exterminando um número considerável de pessoas, narrado por meio das vozes de parte das pessoas da família que adoeceram ao contraírem o vírus.

Ao falar dos netos de Adelson e Enita, falaremos a seguir dos “Peixotinhos” – os bisnetos, que são aqueles que terão a missão de dar continuidade à história familiar e escrever, no futuro, os próximos capítulos dela. Desse modo o livro não pretende ter fim, pois a história continua a ser escrita, dia após dia.

Cada capítulo possui sua autonomia, embora estejam costurados pelas vivências e experiências de vida de uma família alegre e unida. Mergulhe conosco nas histórias que seguem, se risos forem soltos ou lágrimas rolarem, não estranhe, isso fará parte da experiência compartilhada e da leitura interativa.

OS SERES ENCANTADOS

Nivia Maria Vieira Costa

Conta-se, sem aumentar, nem enfeitar, que nossos avós Adelson e Enita vivenciaram experiências com seres folclóricos, encantados e protetores da natureza: o Curupira e a Mãe d'Água. Na Amazônia, onde moramos, em especial em locais próximos das matas e rios, esses seres são respeitados pelo cuidado que possuem com a flora e a fauna. São considerados seres conservacionistas, foram criados pelas populações tradicionais como forma de manejo e proteção de todo ecossistema.

Adelson e Enita tinham uma vida campesina, moravam há alguns quilômetros da cidade de Capanema, e viveram por alguns anos, após se casarem, como pequenos agricultores: caçavam, pescavam e cultivavam para sua subsistência e de seus filhos. Como na localidade em que moravam não havia água encanada nem luz elétrica, a vida era simples e a natureza lhes fornecia o necessário para a sobrevivência.

Adelson, filho mais velho de seis irmãos, era um homem corajoso que enfrentava seus medos com extrema valentia. Certo dia, no retorno de uma pescaria, com uma feira¹ de peixe em mãos e uma lua que o acompanhava naquela mata fechada, Adelson viu algo se mexer, era grande e qualquer um diria se tratar de uma assombração. Adelson colocou bem devagar a feira de peixe no chão e, sem tirar os olhos da aparição sobrenatural, desembainhou seu terçado da cintura e foi em sua direção, qual fora a sua surpresa ao chegar bem perto e se deparar com uma folha de sororoca² que, com a luz da lua e o vento que soprava, se balançava e parecia ser gente! Adelson sorria ao contar essas e outras histórias da sua juventude.

Adelson também contava que quando ia caçar, por vezes seus cachorros passavam perto de algo que os fazia gritar e uivar como se estivessem sendo açoitados, ele dizia em voz alta “[...] *me deixe caçar para levar comida para casa que amanhã trarei seu tabaco*”, logo, tudo voltava ao normal e seus cães não viam nem sentiam mais nada os perseguir. No dia seguinte, como prometido, vovô Adelson levava o tabaco e dias depois, ao passar pelo mesmo local, o fumo havia desaparecido.

¹ Objeto feito de galhos de um arbusto que são cuidadosamente cortados a um tamanho de três a quatro centímetros e serve ao pescador para pendurar seus peixes. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/feira/>.

² Arbusto semi-herbáceo da família *Musaceae*, encontrada no norte do Brasil. Tem folhagem ornamental com 3 a 5 metros de altura. Folhas grandes, ovalado-alongadas. Disponível em: <https://www.esalq.usp.br/d-plant/taxonomy/term/177>.

Para vovô Adelson e muitos outros colonos da Amazônia esse ser que protege as matas e cuida dos animais se chama Curupira e nada além do necessário pode ser retirado do seu habitat, pois, de outro modo, ele se enfurece e, como pode transformar-se em qualquer espécie animal, tentará impedir de forma violenta.

A lenda do Curupira é uma das mais antigas registradas no Brasil, já mencionada inclusive pelo padre jesuíta José de Anchieta, em 1560, que o chamava de “demônio” e reforçou o temor que os povos indígenas tinham em relação a esse ser da floresta, esse medo era o motivo pelo qual ofereciam presentes ao Curupira³.

Em carta escrita e reproduzida pelo historiador Luís da Câmara Cascudo, José de Anchieta faz referência a esse ser encantado,

É coisa sabida e pela boca de todos corre que há certos demônios e que os brasis [indígenas que habitavam o Brasil] chamam Curupira, que acometem aos índios muitas vezes no mato, dão-lhe açoites, machucam-nos e matam-nos. São testemunhas disto os nossos irmãos, que viram algumas vezes os mortos por eles.⁴



Imagem do Curupira.
Desenho autoral de Nicole
Costa. Ano: 2021.

O Curupira é um personagem originário da cultura indígena brasileira, dizem ser um garoto de cabelos compridos e vermelhos, cuja característica principal são os pés virados para trás, por isso, perder-se nas matas costuma ser arte do Curupira, que confunde as pessoas com seus passos invertidos.

A explicação mais aceita para justificar o surgimento do seu nome vem do Tupi-guarani em que “curu” seria uma contração de curumim, “menino” ou “criança”, e “pira” que significa “corpo”, ou seja, Curupira quer dizer “corpo de menino”.⁵

Adelson contava que se engana o Curupira fazendo pequenos nós em cipós e jogando-os para trás, por cima dos ombros. Ao desfazer os nós, como uma brincadeira, aproveita-se da distração do Curupira para encontrar o caminho de volta para casa.

³ Disponível em: <https://escolakids.uol.com.br/historias/curupira-1.htm>

⁴ CÂMARA CASCUDO, Luís da. Dicionário do folclore brasileiro. São Paulo: Ediouro, s/d, p. 332.

⁵ Disponível em: <https://www.significados.com.br/curupira/>

Uma figura lendária e famosa chamada Mãe d'água também entrou para nossa história familiar. Vovó nunca a viu pessoalmente, em sua forma de mulher, mas presenciou fatos que atribui serem promovidos por ela.

Certa vez quando ia buscar água em um local próximo de sua casa chamado 'cacimbão' viu centenas de cobras coral. Correu assustada, com muito medo do que seria aquilo e chamou Adelson para ver o que estava acontecendo, ao chegar lá não havia nada, nenhuma cobra se quer...coisas de Mãe d'água. Ainda em uma dessas idas ao 'cacimbão', em cima de um tronco surgiu um gigantesco siri, como poderia ter um animal desses naquele local, se nem mangue ou água salgada havia por perto? Era Mãe d'água, pregando mais uma peça.

Antes dos filhos serem batizados Enita só os levava para o rio com um dente de alho amarrado em sua fralda, para que nenhum mal lhes ocorresse, pois dizem que alho e Mãe d'água não se dão muito bem.

Mãe d'água ou Iara - como também é chamada, vive em águas doces dos rios amazônicos e todos os fins de tarde deixa sua casa no leito das águas para encantar e cuidar dos animais aquáticos. Dizem ser uma linda mulher, mas também pode se transformar em qualquer ser da natureza. Costuma ser descrita por possuir longos cabelos pretos, olhos esverdeados e usa o seu canto hipnotizante para seduzir pescadores e levá-los para o fundo do rio.

O seu nome tem origem do Tupi-guarani "y-íara", no qual "y" significa "água" e "íara" quer dizer "senhora", "senhora das águas", também é identificada como Uiara ou simplesmente Mãe d'água⁶.

Antes de se transformar em um ser mitológico, segundo a lenda, Iara era uma linda guerreira índia, filha de um pajé. Por ser admirada por todos, seus irmãos resolveram matá-la, por inveja. Iara percebeu o plano e matou antes todos eles. Com medo do pai ela fugiu, mas ele a encontrou e por castigo a jogou nas águas. A lenda diz que os peixes do rio salvaram a índia, transformando-a em uma sereia, dando origem ao mito⁷.

Há quem acredite em sua existência e nunca tome banho no rio às seis horas da tarde, por temer ser 'flechado' por ela. A "flecha" trata-se de quando ela



Imagem da Mãe d'água.
Desenho autoral de Nicole
Costa. Ano: 2021.

⁶ Disponível em: <https://www.hipercultura.com/lenda-da-iara/>

⁷ Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/folclore/iara.htm>

joga um feitiço ou encanto e ocorrem dores de cabeça, febre, diarreia, falta de sono, inflamações no corpo, e apenas com orações de rezadeiras ou benzedadeiras a “flecha” pode ser retirada. Outros levam consigo um dente de alho e mergulham tranquilos, e há os que simplesmente não acreditam em Mãe d’água ou em nenhum outro ser da natureza, espíritos encantados, mas também não sabem explicar os inúmeros mistérios que ocorrem.

Com o passar do tempo muitas histórias desses seres encantados foram esquecidas, ou até são desconhecidas por muitos brasileiros. Com o advento tecnológico e o desenvolvimento das cidades houve a migração dos povos do campo para áreas urbanas em busca de melhores condições de vida, elevação da escolaridade e oportunidade de emprego. E como o contato com a natureza foi bruscamente reduzido, as histórias vividas ou relatadas pelos antepassados parecem ter ficado para trás, dada a correria dos tempos modernos.

Todavia, os povos tradicionais que habitam na Amazônia permanecem junto às florestas e matas nativas ajudando os seres preservacionistas em sua luta pela manutenção da vida animal, vegetal e mineral. Nessas comunidades, ainda hoje, ao entrar na mata ou nos rios, se pede licença aos seres encantados, que são inúmeros, além da Mãe d’água e Curupira. Muitos ainda fazem uma oração para que tenham sua caça ou pesca abençoados, dado é o respeito por eles.

Adelson e Enita sempre respeitaram esses seres e sabiam que enquanto eles existirem no imaginário popular a espécie humana estará a salvo, pois homem e natureza são um só. O casal viveu 56 anos juntos, vieram para a cidade com seis dos dez filhos que tiveram. Na cidade de Capanema não viveram nenhuma outra experiência com esses seres encantados, apesar de terem um grande quintal, com muitas árvores que produzem sombra e frutos, uma delas - uma mangueira, ainda hoje é o local favorito para Enita fazer suas orações junto à natureza e, segundo ela, são todas atendidas. Adelson partiu serenamente para outra vida, deve dar boas risadas de nos ver recontando suas histórias e as imortalizando neste livro.

BENZEDEIRA? QUEM É ELA?

Norma Cristina Vieira

As benzedeadas são mulheres que possuem um dom divino de cura, de benzer, apreendido pela prática da observação de outras mulheres que também têm o mesmo dom. São mulheres que acumularam saberes sobre diferentes perspectivas: do uso de plantas, da sazonalidade do tempo, do comportamento humano, especialmente das crianças. São sensíveis às energias do universo.

A atividade de benzer é uma prática comum na Amazônia, embora tenha se perdido nos últimos anos o hábito de busca das benzedeadas como uma alternativa de tratamento para os males físicos e espirituais, especialmente em locais na qual o capitalismo e suas práticas medicinais estão mais presentes.

Na nossa família temos uma Benzedeadá, Maria Enita Peixoto Vieira, uma mulher de poderes divinos espirituais que se comunica com as plantas, aprendeu a cultivá-las e usá-las nas suas práticas de cura.

Minha avó nasceu com uma alma evoluída para este plano, possui uma sensibilidade incomum, é capaz de fechar os olhos e ouvir mensagens do divino, vozes que sopram ao seu ouvido e aguçam seu olhar sensível sobre as pessoas, sobre o mundo.

Suas mãos divinas e seus conhecimentos são utilizados para benzer especialmente crianças, afetadas por quebranto, mal olhado, ventre caído. Estes males físicos levam-nas, ainda na primeira infância, a sentirem dores, irritações, insônia, alteração nas fezes, entre outros sintomas.

Maria Enita, benzedeadá, passou sua infância e juventude no campo, em comunidade tradicional agrícola. Casou-se aos 17 anos com Adelson Barbosa Vieira e teve 10 filhos, 5 homens e 5 mulheres.

Católica, minha avó sempre teve muita fé. Gosta de manter um altar com diferentes imagens na sua casa como forma de proteção espiritual. No seu quintal Maria Enita tem uma mangueira de aproximadamente 100 anos, uma velha companheira frondosa com quem compartilha suas orações, suas dores, seus sofrimentos.

Grande parte do ofício de benzer Maria Enita aprendeu com sua mãe e seu pai, especialmente. Há relatos que minha bisavó, Maria Conceição Peixoto Vieira, possuía muita admiração de parentes e conhecidos por possuir o dom de benzer. Sua reza era direcionada para diversos males do corpo e da alma. Era comum ela utilizar um tecido com agulha e linha e em

meio a dor e a oração, minha bisavó costurava o tecido como se estivesse costurando o corpo.

Para determinados males ela sussurrava a oração, mentalizada com muita fé: - *espinhela caída, carne rasgada, nervo torto*, enquanto ela e o paciente repetiam por diversas vezes. Conceição Peixoto costurava o tecido perguntando para quem recebia a cura: - *o que eu curo?* Esse dito estava acompanhado das orações cristãs. O horário das seis horas da tarde era tido como ideal para os rituais, geralmente duravam três dias seguidos. Aqui, a fé era o elixir de cura.

Muitos se curavam e voltavam para agradecer minha bisavó, rezava sem cobrar qualquer valor monetário, tal como faz minha avó, porque o dom do benzimento, para elas, é uma dádiva divina, neste caso não deve ser cobrado.

Meu bisavô, Aderaldo, também era rezador na comunidade, sua maior especialidade era rezar em animais doentes (cavalos, vacas, porcos). Pessoas distantes o procuravam para rezar em seus animais mordidos por cobras venenosas e outras enfermidades. Quando não conseguia chegar até o animal, pelas dificuldades de acesso, o pai de Maria Enita rezava pelo animal de sua casa, utilizando além da fé, alguns recursos da natureza (flores, galhos de árvores).

Foi neste contexto que Maria Enita cresceu e aprendeu as atividades do benzer e sua importância para uma população amazônica que não tinha acesso, em grande medida, a outras formas de tratamento. Quase sempre os únicos recursos para a cura das dores físicas e espirituais eram as orações realizadas pelas benzedadeiras.

Os rituais de benzimento são permeados de oração, rezadas com um tom de voz muito baixo e rápido, quase um sussurro. A Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) é evocada através do sinal da cruz. Há uma performance para acomodar a criança no seu colo antes de iniciar a oração.

De maneira maternal, cuja experiência de vida proporciona, minha avó, nossa benzedeira, arruma a criança no colo e faz suas preces, mentalizando a cura daquele ser. Paralelo à oração é utilizado um ramo vegetal como uma forma de atrair toda energia negativa que circula sobre a



Altar da benzedeira Maria Enita.
Ano: 2020.

criança. Esse ramo perpassa delicadamente ao longo do corpo do(a) benzido(a), várias vezes, em formato de cruz. Uma verdadeira conexão do humano com o não humano atravessado pelo divino.



Benzeiramento da bisneta Maria
Laura. Ano: 2015.

Como filha da Amazônia, minha avó busca suas raízes na natureza, ela ama estar próxima da floresta, mergulhar nas águas geladas de um rio de águas correntes. Ama generosamente as pessoas, quer saber com detalhes os fatos e os ocorridos, tem atenção e paciência em ouvir o outro, característica que tem se perdido com a vida acelerada da atualidade, especialmente entre os mais jovens.

As benzedeadas constroem seus saberes a partir desta relação com a natureza, criam vínculos com as águas, com as plantas, com os animais e extraem as energias que possuem, numa verdadeira troca simétrica, e com minha avó não é diferente.

A fé e a troca de energias entre quem reza e quem recebe a oração, possibilita a cura.

O benzer ora funciona sozinho, enquanto cura, ora a própria benzedeadora orienta para que se busque outras formas de tratamento, quase sempre a medicina convencional.

Maria Enita é a benzedeadora da família, rezou nos filhos, nos netos, nos bisnetos. Também foi procurada pelos vizinhos, amigos e outras pessoas. Ela é alegre, otimista e de muita fé. Possui um largo sorriso de paz e um olhar sóbrio de quem enfrentou muitas lutas como mulher, mãe, benzedeadora. Minha avó, de choro fácil, possui emoções afloradas, possivelmente construídas pela sensibilidade ao divino, às suas crenças e às orações. Não é qualquer pessoa que se torna uma benzedeadora.



Maria Enita na Toka da Preguiça. Ano: 2020.

Admiro tanto minha avó e toda sua sensibilidade que a homenageei com o nome da minha filha de Maria Enita, para que ela tenha sua bisavó como uma mulher de referência. Sem contar a beleza e a expressão que

estes dois nomes juntos carregam “Maria” e “Enita”. Ao benzer meus filhos tentei ouvir uma oração ditada, quase sussurrada, pela minha avó. É uma oração específica do ritual. Acredito que o tom baixo de voz é para não ser propositalmente entendida. Penso que minha avó revelará para alguém que se propor a aprender o ofício.

Quem de nós, filhos, netos, bisnetos, dará continuidade ao dom de benzer? Será que nos perdemos no caminho do capitalismo, da tecnologia e deixamos nossa essência para o divino secundarizado? Por onde ficou nossa conexão com a natureza? Ficamos engessados a ponto de não despertarmos nossa sensibilidade ao divino? Nosso divino ficou cético demais para não aprendermos com Maria Enita o ofício do benzimento?

São muitas as interrogações, a única resposta para este texto é que a nossa Maria Enita encontrou o canal entre este plano e as energias do divino. Penso que ela é o canal, portanto, tornou-se benzedeira.

OS DOMINGOS DE NOSSA INFÂNCIA

Neidson Cláudio Vieira Costa

No final dos anos 80 e início dos anos 90, muitos foram os acontecimentos que marcaram a história do nosso país e do mundo. Em 1988, foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil; em 1989, caía o Muro de Berlim (ato simbólico que marcou o fim da guerra fria); no esporte, vibramos com o bicampeonato de Senna e choramos a eliminação da Copa do Mundo para a Argentina em 1990; um ano depois, morria Freddie Mercury, considerado pela ciência o maior cantor de todos os tempos¹.

Tão intensas quanto esses acontecimentos, foram as brincadeiras e aventuras vividas pelos netos de Adelson Barbosa e Maria Enita.

Geralmente nos encontrávamos no domingo, pois era o dia em que nossos pais estavam de folga do trabalho (e nós, da escola). A expectativa era grande durante a semana, pois queríamos fugir da rotina e ir o quanto antes para a casa do vovô e da vovó. Quando chegávamos lá, pedíamos “a benção” com uma naturalidade pouco vista nos dias de hoje.

Depois de abençoados, atravessávamos a casa com uma alegria estampada no rosto. Aquele trajeto representava uma espécie de portal, pois do outro lado havia um mundo novo que nos fazia felizes e realizados. Um quintal imenso que aos nossos olhos parecia não ter fim, uma variedade de árvores frutíferas, um clima agradável ao som do vento e dos pássaros.

Brincávamos de tudo: “tacobol”, “peteca”, “pega-pega”, “esconde-esconde”, “queimada”, “travinha” etc. Tudo acontecia sob a proteção de nossa companhia perfeita, a mangueira, sempre presente com seus braços fortes e seu corpo imponente. Não tínhamos ideia de quantos anos ela tinha, mas sabíamos que eram muitos porque havia crescido tanto a ponto de esconder o céu e dava tantos frutos até cobrir o chão.

Quando começávamos a brincar, percebíamos uma movimentação estranha nos quintais próximos. Eram os “moleques” vizinhos pulando as cercas para brincar conosco. Cada um com um sorriso, cada um com uma história. Nossas raras pausas eram regadas aos frutos da época. Às vezes caju, jaca e ingá; às vezes manga, abiu e jambo. O quintal era tão frutífero que dificilmente não havia três ou mais opções prontas para serem saboreadas.

No fim da tarde, um grito distante nos despertava do transe em que nos encontrávamos. Era a vovó, sempre preocupada com nossa

¹ Disponível em: <https://www.revistapazes.com/a-ciencia-descobriu-freddie-mercury-e-o-melhor-vocalista-da-historia-sua-voz-era-anormal/>

alimentação mesmo depois de todas as frutas que havíamos devorado. Não tínhamos escolha; a imposição de sua voz gerava tanto respeito quanto tínhamos por nossos pais. Quase que em fila indiana, com um breve olhar nos despedíamos dos vizinhos. Enquanto nos aproximávamos da casa, a torcida era grande para que o asseio fosse no poço Amazonas, ao ar livre. Não havia nada mais renovador do que puxar um balde d'água daquela fonte e despejar sobre a própria cabeça.

Depois de banhados, o lanche nos esperava. Sobre a mesa, o café “preto” já estava servido com a mesma quantidade em cada xícara. Acima de cada uma delas, um pedaço de pão “massa grossa” milimetricamente dividido pela quantidade de netos. Não importava se havia quatro ou dez. A multiplicação do pão era feita ali, diante dos nossos olhos.

Enquanto não chegava a hora de ir embora, frequentemente ouvíamos as histórias do vô Adelson. Nós o víamos como um homem forte e valente. O “cabra macho” que não tinha medo de nada, que enfrentava qualquer desafio natural ou sobrenatural. Sua postura vendo televisão era tão emblemática e cativante que às vezes evitávamos desconcentrá-lo por qualquer motivo que não fosse tão importante.

Nos dias de festa, acordávamos cedo para testemunhar a morte do porco. Uma só machadada, um só gemido. O vovô era cirúrgico! A água fervia no latão para que o couro pudesse ser separado da carne com facilidade. Depois disso, as vísceras eram colocadas em bacias para serem lavadas no rio Garrafão onde aproveitávamos para tomar banho com frequência. Os refrigerantes eram comprados em grades com garrafas pequenas e a mesa sempre estava repleta de alfaces bonitos e viçosos. Comíamos muito, brincávamos muito, sorriamos muito.



Netos reunidos no quintal da casa dos avós, Adelson e Enita. Ano: 1994.

Assim eram os domingos na casa dos nossos avós. Quem nos dera se fosse possível voltar no tempo e viver tudo novamente. Lá, éramos felizes e tínhamos o poder de transformar as coisas mais simples em verdadeiras preciosidades. Ficávamos contentes pelo simples fato de estar na presença de pessoas queridas. Sem dúvida nenhuma é um pedacinho do céu aqui na Terra, um paraíso perdido em nossas lembranças...

QUAL É O APELIDO DE SAUDADE?

Sammará Enita Corrêa Vieira
Norma Cristina Vieira

Ei, psiu, vamos rebobinar a história um pouquinho? Precisamos voltar para o ano de 1928, quando numa noite de Natal nascia um importante personagem da nossa família, o solene tio Solone!

Sua pompa e suntuosidade vinha de sua simplicidade. O sétimo filho de Aderaldo e Conceição foi o único que permaneceu com os pais do início ao fim.

Quando ambos fizeram sua passagem para o plano celestial, dentre diversas outras possibilidades, escolheu a nós como sua família e conosco permaneceu até o fim de sua jornada.

Ao redor da mangueira do quintal de sua irmã Maria Enita e de seu cunhado Adelson Barbosa, viu o desabrochar de pelo menos três gerações de “Peixotos” e “Vieiras” que o chamavam carinhosamente de tio.

Um olhar mais apressado sobre ele jamais o decifraria. Era preciso demorar-se para descobrir que em seu interior dois universos o coabitavam.

De um lado, um homem retido, tímido, de outro, um brincalhão nato. De um lado, tinha aparência frágil, de outro, não media esforços para auxiliar de alguma forma quem dele precisasse. De um lado, um homem de poucas palavras, de outro, um mestre em ressignificá-las através de uma habilidade que ele desenvolvia como ninguém, a arte de apelidar!

O ponto de partida dos apelidos sempre foi o ponto de encontro de toda a família, a casa de Adelson e Enita - que também era sua casa. Era daquele recanto sagrado, que tio Solone elevava nossos nomes de registro a uma categoria afetiva única.

Para adentrarmos nesse universo é preciso antes compreendermos que os apelidos são construções culturais ligadas à linguagem, à identidade, à relação de um grupo social. Geralmente eles ocorrem entre os familiares, nas escolas, entre amigos, em comunidades tradicionais.



Solone Pessoa Peixoto. Ano: 1994.

Na Amazônia, como em algumas outras regiões do país, é comum a prática dos apelidos, sobretudo em populações que vivem fora das capitais. Em algumas delas, a maioria de seus moradores recebem um apelido ao nascer ou quando criança que quase sempre são levados para a vida inteira. De modo geral, o apelido, nestes espaços, tem mais significado social que o nome e o sobrenome registrados em cartório, constituindo, em boa medida, a identidade de um grupo social ou de quem habita neles.

São diversas as circunstâncias que os apelidos podem surgir: associação da aparência física do sujeito a um objeto, a um elemento da natureza, a um personagem da história, de novelas ou de filmes; expressões do indivíduo através de uma dança, do uso de roupas ou objetos, da fala, do comportamento; alguns apelidos são consequências de circunstâncias acidentais.

Seja qual for a forma que os apelidos se apresentam no cotidiano de alguém, muitos deles passam a compor a sua identidade subjetiva e assume um caráter coletivo.

É nesse contexto tão significativo, que o tio Solone ressignificou a forma de nos chamar, dentro do seu vasto universo de saberes de um homem do campo.

Nunca o fez em tom depreciativo ou pejorativo. Do contrário, os apelidos sempre foram emitidos e recebidos com muito bom humor, afinal, todo “Peixoto-Vieira” nasce com uma boa dose de alegria no sangue.

Assim, dos elementos da natureza, surgiram o “*dente de paca*” em razão da protuberância dos dentes de um de seus sobrinhos, e a “*zebrinha*”, assim denominada depois que nosso saudoso apelidador viu a esposa de um outro sobrinho vestida com uma roupa listrada em preto e branco. Também surgiu o “*taioca*”, cujo cabelo encaracolado e avermelhado de seu sobrinho-neto, o fazia lembrar dos formigões taiocas constantemente vistos enquanto residia na zona rural.

Dos frutos das palmeiras emergiram o “*voco anão*” e o “*cabeça de tucum*”, haja vista as características arredondadas da cabeça dos apelidados.

Das características físicas, decorreram a “*maria beizola*”, a “*bolinha*”, o “*orelhudo/orelhão*” e a “*papuda*” (bochechas avantajadas), cujos significados são derivados das próprias características. Por vezes, os apelidos apresentavam uma variação decorrente do próprio nome, como é o caso de “*Carora*” e “*Sammaritana*”.

O antenado Solone também apelidava de acordo com as histórias que presenciava ou ouvia por sua residência. Certa vez, uma sobrinha chegou em casa contando um fato ocorrido com uma colega de classe chamada Zumira. Seu outro sobrinho, ao ouvir a história, passou a chamar a narradora de Zumira como forma de azucrinção. Desde então, para o tio

Solone, tal sobrinha foi para sempre “Zumira”, que logo ganhou uma dupla para acompanhá-la na rima, a “Palmira”.

Situação similar, ocorreu quando um de seus sobrinhos se referindo a outro sobrinho verbalizou “*Esse menino parece um Cubano!*”. Bastou, para que esse sobrinho fosse a partir de então, o “Cuba”!

A personalidade de seus sobrinhos-netos, de pronto, também os caracterizavam, assim vieram a “traquina”, o “leque” (de moleque) e o “tete” (de teimoso de feio).

“Matora” apelidou seu sobrinho que trabalhava como taxista, o pai da “bebe” como carinhosamente chamava sua filha caçula e passou também a ser a “bebê” do tio Solone.

“Cotinha”, apelidou sua sobrinha-neta que muito parecia com sua avó materna conhecida como “Cota”.

Dos personagens da televisão, emergiu o “*Sassá Mutema*”, personagem interpretado pelo ator Lima Duarte na novela “O Salvador da Pátria” exibida pela rede Globo em 1989. Tanto o apelidado quanto o personagem, possuíam uma forte característica em comum, o bigode!

Também da televisão, dois sobrinhos-netos ganharam o título de “*Mezenga e Berdinazzi*”, os famosos adversários da novela “O rei do gado”, exibida pela rede Globo nos anos de 1996 a 1997. Os sobrinhos-netos, irmãos, estavam passando o dia com sua avó Enita, quando numa dessas corriqueiras encrencas de criança, a avó foi apartar dizendo “*vocês parecem cão e gato!*”. Um dos irmãos respondeu “*Não, vovó. É Mezenga e Berdinazzi*”. A partir daí os dois ocupariam esse posto para sempre.

Alguns outros tantos apelidos, como “zavara”, “moca”, “pururuca” e “zé de pau”, somente nossa imaginação é que permitirá chegarmos aos seus reais significados dentro do fértil universo criativo da mente do solene Solone.

Tio Solone esqueceu de apelidar a palavra saudade. Quem sabe assim, a falta que sentimos dele, do garotinho ao lado dele na foto e do gigante Adelson, pudesse ser amenizada pela lembrança de uma palavra que reinventasse o aperto deixado no peito.



Solone e seu sobrinho-neto Ailon Vieira. Ano: 2005.

Muito provavelmente, em sua nova morada, Tio Solone já deve ter nos apresentado aos anjos e arcanjos do céu, com os apelidos que nos “batizou” aqui na terra. Certamente, das alturas, tio Solone segue apelidando a nova geração de *“Peixotinhos”*.

FAMÍLIA UNIDA É FAMÍLIA FELIZ:

AS CELEBRAÇÕES EM FAMÍLIA

Jamerson Lopes Vieira
Nivia Maria Vieira Costa

Estar em família é se sentir em casa, acolhido e em paz. Santo Agostinho ao se referir à Deus, dizia “[...] *inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em ti*””, podemos também fazer uso dessa frase e dizer que nosso coração só repousa quieto quando estamos em família.

Nossa família é festiva e alegre, amamos estar juntos, só pelo prazer da presença um do outro. Como toda família, somos muito diferentes. Uns mais calados, outras tagarelas, outros mais sérios e alguns que nunca falam a sério, temos aqueles que não gostam que falemos muito alto e aqueles que possuem as risadas mais engraçadas e estridentes que possamos imaginar. E todos sorrimos juntos, e todos nos divertimos uns com os outros. Imagina como seria se fôssemos todos iguais? Não teria o encanto e a beleza que temos por sermos diferentes.

Assim, as celebrações festivas realizadas em nossa família são organizadas no intuito de promover o fortalecimento de laços de amor e amizade entre todos. São momentos de compartilhamento de alegria, saberes e vivências entre crianças, jovens e adultos.

Ao longo dos anos, fizemos muitos encontros familiares em diferentes locais, que aqui podemos destacar: os quintais das casas de nossos avós, Tia Socorro e Tio Edinaldo, no Sítio Pai, Sítio São Mateus e, mais recentemente, na Toka da Preguiça, que por ser o local atual que mais promove encontros familiares, terá um texto exclusivo.

Nossos avós moram no mesmo local desde quando vieram para a cidade. Nesse local, por conta de um grande quintal foi durante muitos anos, o primeiro e principal centro de reuniões familiares. Íamos almoçar juntos aos domingos, filhos e netos, brincar no quintal embaixo da antiga mangueira que, se pudesse falar, narraria grande parte desse livro.

No quintal foram realizados os casamentos das filhas, que após as celebrações religiosas havia uma grande recepção para muitos convidados, considerando o tamanho da família. Também acompanhávamos juntos alguns jogos da Copa do Mundo, que depois passamos a acompanhar nas casas dos tios. O quintal de nossos avós foi, por muito tempo, nosso principal local de festas familiares até a partida de nosso avô Adelson, a

partir desse dia vovó decidiu que no seu quintal já não haveria festas familiares, tamanha seria a saudade de vovô.

Seguem alguns relatos sobre as festas no quintal de nossos avós,

“A começar pelo meu casamento que foi realizado ali e tantos outros casamentos e momentos de encontro da família. Tudo era motivo de festa e comemoração” (Maria de Nazaré Vieira Costa)

“Em uma das vezes que viemos passear no Pará, fizeram uma grande recepção no quintal, com direito a fogos e muita comida. Nosso núcleo familiar em São Paulo era muito restrito, e quando vínhamos ao Pará achávamos o máximo aquela multidão de tios e primos que demonstravam tanta atenção e carinho conosco” (Sammara Enita Vieira)

“Minhas lembranças do quintal da vovó estão relacionadas com os momentos de brincadeira, principalmente com a Carol, quase toda tarde a gente brincava de casinha (Jeisa Maria Vieira)



Aniversários de 70 anos de Adelson e 10 anos de Caroline.

Ano: 1997.

Depois de algum tempo passamos a nos reunir no Sítio Pai, comprado pelo tio Dão e dado esse nome em homenagem ao seu pai, Adelson Barbosa. Ficava situado no quilômetro 18, da estrada BR 316, município de Santa Luzia do Pará. Era de fácil acesso e íamos com frequência para lá. Aos

domingos fazíamos almoços, churrascos e aproveitávamos o maravilhoso rio para reestabelecer as energias para toda a semana. Nossos avós sempre iam ao Sítio Pai e, em uma das ocasiões comemoramos juntos os 70 anos do vovô Adelson, e os 10 anos da Caroline, ambos na mesma ocasião.

O Sítio Pai foi vendido, mas ficará eternizado em nossas memórias, pelos bons momentos que vivemos juntos nesse local, como vemos em alguns relatos,

“Muitas lembranças agradáveis. Ali vivemos bons momentos ainda na companhia do nosso pai. Os seus 70 anos, o aniversário da comadre Gracinha, os banhos no rio com meus filhos adolescentes e meus sobrinhos crianças a brincar e a sorrir” (Maria de Nazaré Vieira Costa)

“Tenho boas lembranças do Sítio Pai, lugar agradável com aquela linda entrada entre bambus, lembro do aniversário do vovô e da Carol, do momento dos parabéns e das homenagens, lembro de todos os meus primos brincando naquela piscina de água natural” (Jeisa Maria Vieira)

“Lugar amplo e bastante arborizado. Tinha uma espécie de areia clara. Lembro que tinha um rio com uma estrutura de madeira no meio que ficávamos brincando de se jogar na água dela. Almoços

fartos. Tinha uma grande casa. Chorávamos na hora de voltar para casa, pois para criança brincadeira nunca tem fim” (Sammara Vieira)

Algumas festas também foram realizadas no quintal da tia Socorro, lá a família viveu muitos momentos de alegrias, entres eles as Bodas de Ouro de Adelson e Enita, os quinze anos de três sobrinhas: Sammara, Caroline e Jeisa, os 50 anos de seu irmão Antônio Peixoto (Tota), além do Arraial da Peixotada, uma festa junina que iniciou sem muitas pretensões e se tornou uma festa tradicional da família.



Convite do II Arraial da Peixotada. Ano: 2007.

No grande dia do Arraial Junino era possível apreciar um ambiente totalmente decorado, uma grande fogueira, bebidas e todo tipo de iguaria junina. As mesas eram dispostas sob a grande ingazeira e ainda sobrava espaço para as brincadeira e apresentações juninas. Além da grande atração da noite: nossa tradicional quadrilha maluca, composta por filhos, netos e bisnetos de Adelson e Enita. Todos com seus pares, passávamos dias ensaiando para que no dia saísse tudo “nos conformes”.

As festas continuam guardadas na memória afetiva de toda a família e o quintal da tia Socorro, por muitos anos, foi palco de grandes alegrias familiares. O espaço é descrito por Sammara Vieira como “[...] *um lugar projetado para receber festas, amplo, de ótimo aterro e os muros pintadinhos de branco por ocasião das festas. Um corredor conduz ao quintal. No centro dele, havia uma ingazeira, com a melhor ingá que já comi na vida*”. Todas as festas são organizadas, ainda hoje, sob a tutela da Tia Socorro, que com muita dedicação, assume a responsabilidade de dividir as tarefas entre os familiares.

“Muitas recordações de festa junina, de 15 anos ali comemorado, de aniversários surpresa, entretanto a mais marcante para mim foi a comemoração das Bodas de Ouro dos meus pais que foi ali comemorado” (Maria de Nazaré Vieira Costa)

“A minha festa de 15 anos aconteceu no quintal da residência da tia Socorro, foi a primeira festa de 15 anos planejada e organizada no quintal da casa dela. Lembro como se fosse hoje, aquele quintal todo decorado com balões e tecidos bege e branco. No centro das mesas cestinbas feitas de papel ondulado, confeccionadas por mim e pela tia Socorro. Dentro das cestinbas tinham docinhos e

salgados. [...] Momento único e especial, guardados não só em fotos, mas principalmente na memória e no coração. (Jeisa Maria Vieira)

O quintal de nossos avós e da tia Socorro, assim como do tio Edinaldo e casa da tia Ângela, especialmente, foram espaços de grandes celebrações familiares.

Um sítio que também foi um local, por muitos anos, de encontros familiares foi o Sítio São Mateus, em Tracuateua-PA. Pertencente a Sr^a Osvaldina da Silva, ou, simplesmente, Dona Val, sogra da Norma, o sítio foi um espaço que possibilitou muitas festas entre a família, como aniversários e almoços festivos. Íamos geralmente aos sábados para voltar apenas no domingo, somente para ter o prazer de estar juntos, em família, e dormir juntos na varanda, rodeada por redes e colchões infláveis, além de compartilhar do jantar, lanches e cafés da manhã, quase sempre coordenados pela Tia Socorro. Com um rio límpido e um campo de futebol de areia, o sítio foi para a família um local de grande diversão e acolhimento.



IV Arraial da Peixotada. Ano: 2015.

No Sítio São Mateus fizemos as duas últimas edições do Arraial da Peixotada. Por ser um local grande havia espaço para todos, e até alguns convidados participavam de nossos festejos juninos, para além da família. Com direito a fogos, foguetinhos, bandeirinhas, programação junina com muitas brincadeiras e premiações, pescaria para as crianças, e os famosos quebra-pote e a nossa quadrilha. O Arraial da Peixotada se tornou uma festa esperada o ano inteiro pela família. Nossa eterna gratidão à dona Val, Romenson e Norma que sempre fizeram com que todos se sentissem em casa no Sítio São Mateus.

Por fim, não podemos deixar de mencionar um local muito especial, chamado Sítio Santa Helena, atual morada de José e Helena. O sítio está localizado em uma área rural, município de Santa Maria do Pará. Possui uma extensa área de igarapé, com açazeiros, igarapé e um grande espaço de terra para criação de animais e cultivo de milho, mandioca, feijão, árvores frutíferas e outras plantações.

O local tornou-se um espaço de acolhida aos familiares que buscam descanso e contato com o meio ambiente. Quem vai ao Sítio Santa Helena tem a oportunidade de banhar no igarapé, comer pupunha, bolo de macaxeira, pamonha e saborear o delicioso açaí feito pelo casal. Para Nazaré Vieira, é o local “[...] *que está sempre de portão aberto para todos da família. Lugar de silêncio e de paz. Amo ir para lá e rir o dia inteiro das peripécias do Zé, tomando aquele açaí fresquinho da sua produção*”



José, Helena e Enita, sentados (à esquerda). Registro do pôr-do-sol (à direita). Ano: 2020.

As brincadeiras, as prosas, o pouco acesso às tecnologias e as noites tranquilas proporcionam aos seus visitantes uma significativa conexão com a natureza, a exemplo disso, Jeisa Maria Vieira discorre sobre suas experiências enquanto filha do casal José e Helena.

“[...] lugar que desperta alegria das crianças em banhar naquele rio, brincar na areia sem medo, ouvir as histórias do vovô Zé, sentadas nas cadeiras espreguiçadeiras e vendo as estrelas no céu, brincar de balanço, tomar aquele delicioso açaí e conhecer e curtir cada pedacinho do sítio” (Jeisa Maria Vieira).

De tudo o que foi falado no texto, podemos concluir que as comemorações familiares foram, e continuarão sendo, momentos para celebrar a vida, festejar as vitórias e agradecer a Deus por nos manter unidos e festivos.

CARTA DO PAPA JOÃO PAULO II PARA UMA JOVEM CAPANEMENSE

Norma Cristina Vieira

Karol Józef Wojtyła, também conhecido como João Paulo II (1920-2005), nome recebido após assumir a função de papa da Igreja Católica Apostólica Romana, teve o terceiro maior pontificado da história, atuando 26 anos como papa no Vaticano, sede oficial da Igreja Católica. Iniciou seu papado em 16 de outubro de 1978 e só terminou em 02 de abril de 2005 com sua morte. Possuía um perfil conciliador, atravessava de um lugar a outro do planeta pregando a paz.

De origem polonesa, João Paulo II sabia falar vários idiomas. Visitou 129 países durante seu pontificado¹. Esteve 04 vezes no Brasil, realizou visitas a várias cidades e reuniu multidões. Exerceu influência para melhorar as relações entre a religião católica e outras religiões.

João Paulo II esteve no Brasil em três ocasiões oficiais. A primeira delas, em 1980. A segunda aconteceu em 1991 e a última passagem de João Paulo II pelo Brasil foi em 1997. Em 1982 em sua passagem para a Argentina fez escala de voo no Rio de Janeiro e a pedido realizou um breve discurso, esta visita não oficial e rápida também foi relevante para os brasileiros e as brasileiras, especialmente da comunidade católica.

Minha relação com o papa João Paulo II aconteceu no ano de 1991, exatamente na sua segunda visita ao Brasil, com duração de 10 dias (12 a 21.10.1991). Neste ano o Pontífice visitou 10 capitais do país: Natal, São Luís, Brasília, Goiânia, Cuiabá, Campo Grande, Florianópolis, Vitória, Maceió, Salvador. Em Florianópolis, João Paulo II realizou a beatificação da Madre Paulina do Coração de Jesus Agonizante, freira nascida na Itália, mas educada em Santa Catarina (canonizada em maio/2002). Do conjunto de atividades realizadas pelo papa nas 10 capitais, esta foi tida como a mais importante.

Em 1991 eu tinha 13 anos e exercia a função de catequista de crianças na Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no município de Capanema, localizado a 160 km de Belém, capital do estado do Pará.

Frei Luís Giudice, padre da Ordem Franciscana, foi responsável pela Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no período de 1989 a 1994. Italiano, optou em dedicar parte da sua vida sacerdotal na Amazônia. Em reunião com os catequistas, em que na ocasião eu estava presente, o mesmo comentou que se preparava para ir ao encontro do papa em São

¹ Disponível em: https://www.ebiografia.com/joao_paulo_ii/.

Luís do Maranhão no mês de outubro daquele ano. Tal comentário transbordou meu coração de esperança porque frei Luís poderia ser uma ponte viva entre eu e o papa.

Alimentava uma grande admiração por João Paulo II, cresci acompanhando suas viagens e suas mensagens pelo mundo. Quando me deparei com alguém que estaria próximo a ele, não perdi a oportunidade, resolvi escrever-lhe uma carta. Pedi ao frei Luís que levasse consigo e, se possível, entregasse ao papa as palavras de afeto escritas por mim em um papel de carta escolhido especialmente para este fim. O papel era parte de minha coleção.

Nesta época não existiam *e-mails*, *redes sociais* ou *celulares*, as cartas eram importantes canais de comunicação escrita. Por isso, era comum as adolescentes de Capanema e provavelmente do país, colecionarem papéis de carta, geralmente coloridos, cheirosos, aroma agradável de flores quando novos. Havia pastas exclusivas para as colecionadoras. Desconheço se os meninos realizavam estas coleções, mas entre as meninas existiam trocas de papéis.

Com seu coração generoso frei Luís acatou a missão, embora soubesse o quanto seria difícil realizar a entrega da carta e fazê-la chegar às mãos do pontífice, a considerar a multidão que estaria acompanhando a tão esperada visita a São Luís do Maranhão, no dia 14 de outubro. Minha carta foi escrita em 12 de outubro de 1991, às vésperas da viagem do nosso pároco.

Em São Luís o papa voltou-se aos Maranhenses por intermédio da homilia celebrada, em missa, para os fiéis da arquidiocese de São Luís. Apresento uma parte da homília, cujo foco principal foi a igualdade e a justiça social, discussão muito atual e importante para a sociedade brasileira,

“O Deus santo mostrar-se-á como tal, fazendo justiça”. O Evangelho do reino traz consigo esta verdade fundamental. Deus é infinitamente santo. Sua santidade constitui também a referência definitiva de qualquer justiça. A esta santidade de Deus, que é também a justiça definitiva, se opõe qualquer injustiça, quer nas relações entre o homem com seu próximo, quer em qualquer aspecto da vida social. No ano passado, ao receber em Roma um grupo de Bispos brasileiros em visita “ad limina”, recordava-lhes o grande desafio do contraste entre dois Brasis: um, altamente desenvolvido, pujante, e lançado no rumo do progresso e da opulência; outro refletindo-se em desmesuradas zonas de pobreza, de doença, de analfabetismo e de marginalização (Cfr. Eiusdem Allocutio ad quosdam Brasiliae episcopos, 3, die 24 mar. 1990: Insegnamenti di Giovanni Paolo II, XIII, 1 (1990) 745). Falava-lhes também, do fosso que divide a sociedade brasileira, que hoje necessita do empenho de todos, a fim de que se beneficiem de uma mais ampla solidariedade, no respeito ao bem comum. Amados Irmãos e Irmãs, não há como não ver nesta disparidade, a existência de fatores de verdadeira injustiça que, entre outros, estão ligados aos problemas da distribuição da terra e do seu aproveitamento racional. Sabe-se que o Brasil é um país de migrantes, com milhões de trabalhadores rurais sem terra ou com terra insuficiente para prover ao sustento das suas famílias, devendo por isso, migrar em massa para os Estados mais ricos da República. É bem conhecido o problema dos

assalariados temporários, moradores das cidades e explorados no campo (PAPA JOÃO PAULO II, SÃO LUÍS, 14 DE OUTUBRO DE 1991) ².

Perguntando para um e para outro sobre as possibilidades de caminhos que levassem a entrega da carta da menina capanemense, em meio a uma multidão de pessoas, dentre elas sacerdotes e religiosas, frei Luiz Giudice cumpriu sua missão, a carta chegou às mãos do Santo Papa. Quanta felicidade!

Recordo-me do dia em que frei Luis chegou até mim, vestindo uma calça de tecido marrom e uma blusa de meia branca, acompanhado de um largo sorriso e esfregando as mãos uma sobre a outra, para narrar seu esforço de entrega da minha carta. Confesso que construí a partir da sua fala uma representação de como tudo aconteceu, como se eu estivesse lá, presente, participando de cada momento desta entrega.

Para completar a minha alegria, ainda no mesmo ano, no dia do meu aniversário, 29 de novembro, chegou a resposta da carta datada em 15 de novembro de 1991, diretamente do Vaticano e assinada pelo assessor do papa Mons. C. Sepe. Juntamente com a carta veio uma imagem, em papel, do Pontífice com uma linda mensagem no verso e uma medalha pequena de Nossa Senhora, mãe de Jesus.



Resposta da carta do Papa. Ano: 1991.

² A homilia completa você pode encontrar em: Homilia do santo padre na missa celebrada para os fiéis da arquidiocese de São Luís do Maranhão. São Luiz 14 de outubro de 1991. Endereço: http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1991/documents/hf_jp-ii_hom_19911014_sao-luis.pdf.

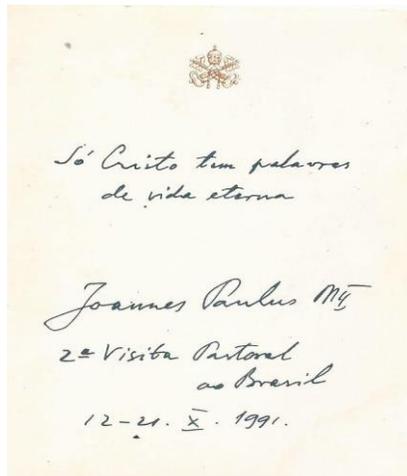
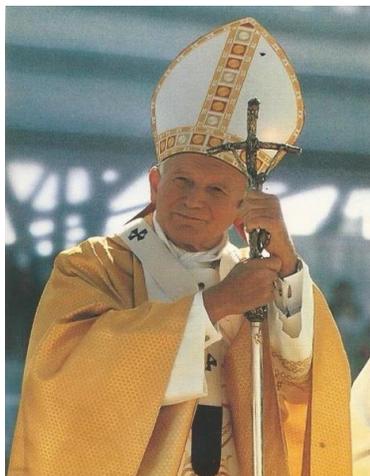


Imagem do Papa João Paulo II com mensagem no verso. Ano: 1991.

Após a sua morte, em 02 de abril de 2005, papa João Paulo II foi proclamado beato por seu sucessor no cargo, o papa Bento XVI. No dia 27 de abril de 2014, no Domingo da Divina Misericórdia, o papa Francisco canonizou João Paulo II na presença do Papa Bento XVI. Atualmente João Paulo II é santo da Igreja Católica.

Bento XVI foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação ao cargo. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma.

Uma nova eleição para a escolha do substituto de Bento XVI foi realizada em Roma, mais especificamente no Vaticano³, ainda em 2013. No dia 13 de março de 2013, o novo papa se dirige à janela da Basílica de São Pedro para saldar a multidão que o esperava na Praça de São Pedro. O nome Francisco foi escolhido por Jorge Mario Bergoglio em referência a São Francisco de Assis, pela sua simplicidade e dedicação aos pobres⁴.

Para além da alegria de ter recebido um retorno da carta ao papa, algumas transformações foram provocadas em mim a partir daí. Passei a acreditar que tudo é possível de realizar quando se tem fé. Que a amizade é uma joia preciosa. Que precisamos nos tornar pessoas melhores, mais humanos, mais humildes, mais generosos. Tornei-me uma mulher forte, corajosa, que acredita na igualdade social e de gênero, nos diferentes tipos de saberes, no respeito à diversidade, bem como na proteção e defesa ao meio ambiente.

³ Sugiro o filme de ficção “Dois papas” para ajudar a entender esta parte da história da Igreja.

⁴ Informações retiradas do site: https://www.ebiografia.com/papa_francisco/.

Impossível ser cristão sem considerar estes elementos. O cristão precisa ser um denunciador da injustiça, da desigualdade, da violência, como bem fez João Paulo II em suas homilias pelo mundo. O cristão precisa ser um anunciador da justiça, da equidade, da paz, tal como foi e nos ensinou Jesus Cristo. Se não for assim, não há o Cristo em tudo que o termo cristão carrega consigo, porque ser cristão é seguir Jesus Cristo.

TOKA DA PREGUIÇA: LUGAR DE PAZ

Vívian Maria Vieira Lima

A penúltima filha de Adelson e Enita, que se chama Rose Mari (minha mãe), tinha um sonho, mas não era um sonho qualquer. Neste, continham algumas características que eram muito específicas para que ele pudesse ser realizado. O sonho precisaria ser materializado em forma de lugar, neste precisaria conter um rio, e este rio precisaria “banhar” e reunir toda a sua família.

Por muitos e muitos anos este era apenas um sonho. No decorrer de sua vida, minha mãe enfrentou muitas batalhas para que pudesse chegar a realização do mesmo. Primeiro precisou estudar muito, trabalhar, passar no tão sonhado concurso e criar seus filhos. Vinda de uma vida muito simples, sem muitas oportunidades, ela se destacou por sua determinação. Após ter passado pelas suas maiores fases, chegou então o momento de ir atrás do seu sonho maior.



Toka da Preguiça. Ano: 2020.

Então, começamos a busca por um terreno, que fosse próximo da cidade de Capanema-PA, cidade em que a maioria da família reside, para que assim todos pudessem se locomover facilmente. Dessa forma, em algumas de nossas

“andanças” em busca do terreno (eu, Neto ‘meu esposo’, Adelson ‘meu irmão’ e mamãe), algumas não muito felizes, outras duvidosas, chegamos neste lugar mágico. A energia que dominava o lugar era diferente. Transmitiu paz, liberdade, recomeço, equilíbrio, sem sombra de dúvidas o lugar mais incrível que já havia conhecido.

Após a compra, aos poucos cada integrante da família foi conhecendo nossa “Toka” que até então não tinha nome. Foi assim que nos surgiu mais uma dúvida: Qual nome iríamos escolher? Precisaria ser um nome significativo, que ao se remeter ao mesmo, automaticamente todos ligassem àquele lugar. Após alguns meses da compra, o lugarzinho continuava sem nome. Foi assim que em uma de nossas reuniões em família, meu tio Antônio Peixoto, no caminho para a Toka encontrou uma preguiça. Ao se deparar com a cena, parou seu carro, resgatou o animal e a trouxe para a

toka. Ao chegar lá, a soltou na natureza para que assim pudesse viver livre e feliz em seu habitat natural.

Mas o nome ainda não se deu neste momento, foi necessário acontecer um episódio parecido novamente. Também, em mais um de nossos encontros em família, meu primo Neidson Cláudio, também no caminho para a toka, se deparou com outra preguiça, sua atitude também foi a mesma, resgatou o animal, levou para o terreno e soltou na natureza.

E assim, intitulamos “Toka da Preguiça” que para muitos significa refúgio, pedacinho do céu, encontro mais próximo com Deus, onde recarregamos nossas baterias para recomeçarmos. Lá temos liberdade para brincar, rir, comemorar datas especiais, onde podemos nos deliciar com uma comilança maravilhosa, especialmente preparada por nossas tias e logo após um belo banho no rio, deitar na rede, dormir de tardezinha e acordar com o cheirinho do café.

Segue abaixo alguns relatos de familiares, que em específico, são encantados pelo lugar,



Preguiça encontrada no caminho para a Toka. Ano: 2019.

“Chamo carinhosamente de “Pedacinho do Céu” aqui na terra. Gosto muito daquele ambiente e o motivo pelo qual gosto de lá é porque estou com minha família, junto com todos os membros total ou parcial de nossa esplendorosa família PEIXOTADA” (Ataídes Eduardo do Nascimento)

“A toka representa um momento de paz, de descanso, um lugar que eu me conecto com a natureza e me desconecto do mundo tecnológico. Eu adoro ouvir as histórias do papai, da tia Socorro, e do Nairon. E acho que muitas vezes mesmo quando nos encontramos por aí não temos conversas tão sinceras como as que temos por lá. Acho que estamos todos emocionalmente ligados a este lugar mágico, parece que liga uma chavinha e todos tiramos nossas capas duras para entrar lá, ficamos todos leves” (Sandriéllem Natália Vieira do Nascimento)

“Representa meu refúgio nos finais de semana. É um lugar que me traz paz em meio a natureza, lá sinto a presença do próprio Deus” (Sandra Helena Vieira do Nascimento)

“Refúgio da família. Nosso ponto de encontro oficial, especialmente aos finais de semana. Remédio para os males da alma. É da Tia Mari, mas graças a ela, é um pouco de cada um de nós. Sinto que Tia Socorro, Tio Tatá e o Tio Tota são os mais apaixonados pela Toka e dedicam seu tempo e atenção em zelar das mais diversas formas por ele” (Sammara Enita Corrêa Vieira)

“É um lugar lindo, tranquilo e que nos transmite paz. O banho no rio é maravilhoso, as crianças adoram e se divertem bastante. E sem falar das comidas são todas gostosas.” (Jeisa Maria Lopes Vieira)

“Lembro da tia Mari ter comprado um lindo sítio, com um belo rio. Não havia casa, apenas algumas árvores e o rio. Queria destacar o lindo coração da tia Mari que comprou o sítio, mas sempre disse que seria de todos, e assim ocorreu. A vovó que amava o Rio Caeté agora tem seu próprio rio, também Caeté, para fazer seus banhos e ficar até o entardecer apreciando a natureza” (Nívia Maria Vieira Costa)

“A toka representa Felicidade. Sim! É sempre feliz um dia na toka. Lugar encantado, altas histórias imaginárias, reais e as festas cada uma melhor que a outra. Sinônimo de alegria, de paz e aconchego me sinto leve na toka, em paz. Vivi momentos na toka que vou lembrar para sempre.” (Maria Ângela Vieira de Oliveira)

“A toka para mim e para o Edinaldo, é como se fosse um “spa”, do mais luxuoso, requintado, onde lá não tem isso tudo, mas tem o que nós precisamos, a paz que vem de Deus, a energia que vem da natureza, que emana, que nos contagia e que nos renova. Aquele lugar que sempre está de braços abertos a nos acolher, aquele rio é que nos purifica, que leva todas as energias negativas. A toka é sempre como uma mãe que está sempre à espera de seus filhos” (Terezinha de Jesus Corrêa Vieira)

“Representa nosso ponto de encontro da família. Ali temos vivido juntos uma grande experiência de amor e união. Os inesquecíveis banhos de rio, o descanso nas redes esticadas na varanda, os momentos de oração e partilha, tudo ali é descontração e regozijo. Não tenho dúvidas que a compra daquele lugar pela minha irmã Rose Mari foi uma inspiração divina pois nos aproximou cada vez mais como família que somos” (Maria de Nazaré Vieira Costa)

Estes são relatos de alguns familiares que são apaixonados pelo lugar. A Toka é tudo isso e muito mais. Somente quem está lá consegue sentir a energia boa, a presença do Espírito Santo. Lá não tem maldade, somente bondade. A natureza é um encontro direto com o próprio Deus e banhar no rio é como se sentir abraçado (a) por Nossa Senhora. Lá recebemos nossos familiares, amigos queridos e também colegas que por tanto ouvir falar sobre, despertam a curiosidade em conhecer.



Família Peixoto Vieira reunida na Toka da Preguiça. Ano: 2020.

A Toka da Preguiça tem um lindo início, assim como toda história, mas não um fim, pois lá ainda serão escritas muitas outras histórias, viveremos muitos momentos juntos, em comemorações familiares, com comidas gostosas, cochilos nas redes, cafés da tarde, banhos de rio e quando nossa geração tiver partido, que os próximos vivenciem as mesmas experiências, sempre juntos, em família.

Deixo aqui registrado, que o lindo sonho da minha mãe realizou muitos outros, trouxe o aconchego e o refúgio para alguns. Trouxe a felicidade de se ter um lindo rio para chamar de seu,

“...esses sonhos que também permeavam as minhas noites tinham sempre a presença de meu pai...e eu dizia ‘pai quero um lugar com rio’. Sempre estando em meus sonhos, nunca perdi a esperança de encontrar esse lugar. No entanto, quem trazia a beleza desse espaço era a presença dos meus, minha família. Por isso nunca pensei um lugar para mim e sim para nós, nossa família...” (Rose Mari Peixoto Vieira)

A Toka da Preguiça é o nosso lar, e ninguém tem dúvida alguma.

A FAMÍLIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Nívia Maria Vieira Costa
Flávia Nicole Moreira Costa

Estamos no ano de 2020. Fomos pegos, logo na virada do ano, por uma das maiores pandemias que a humanidade já presenciou. Trata-se da pandemia da COVID-19, que teve seu início em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, na China, e que rapidamente tomou proporções mundiais.

Devido a pandemia, os dias da semana, os meses do ano e horas correram de maneira diferente, pois muitos de nós passamos a ficar isolados em nossas casas, para evitar o contágio. O tempo parecia ser o mesmo, todos os dias. Mesmo trabalhando ou estudando de casa, perdemos a noção do tempo. Pelas luzes em algumas casas e alguns enfeites observamos que o Natal já estava chegando. Sim, o Natal!! Estamos no mês de novembro e o Natal parece se apressar em chegar para logo findar o fatídico ano de 2020. Já ouvimos falar em vacinas, na verdade, não se fala em outra coisa. Para esse ano a vacina parece ser uma utopia, mas até o próximo ano desejamos estar todos vacinados.

No dia 13 de novembro de 2020, quando este texto foi escrito, de acordo com dados oficiais¹, já estamos no Brasil em quase seis milhões de pessoas infectadas e 164.332 óbitos por consequência da Covid-19. No estado do Pará mais de 250 mil pessoas já foram infectadas e 6.743 morreram vítimas do vírus. Em Capanema, cidade que habita quase toda nossa família, 1.342 pessoas até o presente momento foram infectadas e 65 óbitos pelo novo vírus - de acordo com os dados oficiais, mas sabemos que extraoficialmente os números são muito maiores.

Em nossa família Peixoto Vieira algumas pessoas foram contaminadas pelo Covid-19, mas, como uma benção divina, não tivemos nenhum óbito.

De acordo com relatos de algumas pessoas da família que tiveram a doença, os sintomas que sentiram foram: febre, perda de paladar e olfato; cansaço, dores no corpo, tosse, mal-estar, dores de cabeça, fraqueza muscular, pneumonia, contenção urinária e calafrios.

Ao serem questionados sobre o que representou para eles terem contraído a Covid-19, foi dito que,

“Graças a Deus tive sintomas leves, mas me fizeram repensar o quanto somos frágeis, pois apesar de tomar os devidos cuidados ainda tive contato com o vírus.” (Clara Letícia de Lima Vieira)

¹ Coronavírus Brasil. Covid 19. Painel Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>.

“Bom, quando fui ao Saúde Center fazer uns exames para verificar se eu estava ou não contaminado, tive a oportunidade de presenciar uma cena que naquele momento já era comum entre muitos. Primeiramente presenciei o carro da funerária saindo com o corpo de alguém que havia falecido após ser acometido pelo vírus e posteriormente presenciei uma senhora (devia ter uns 70 anos) saindo vitoriosa e sob aplausos dos profissionais de saúde daquele lugar. Ter a COVID foi ter a oportunidade de perceber a nossa fragilidade enquanto ser humano.” (Jamerson Lopes Vieira)

“Apesar de ter sido uma experiência ruim, meu maior medo foi por conta do isolamento e de ficar longe de minha mãe. Foi um alívio saber que eu havia escapado, sobrevivido” (Rose Mari Peixoto Vieira)

“Foi um alívio pois foi estado leve e não houve necessidade de medicamentos” (Claudemiro dos Reis Costa)

“Foi uma experiência nada agradável, pois tudo era novo e desconhecido e nada se sabia sobre a doença” (Maria de Nazaré Vieira Costa)

“Foi uma experiência terrível, não tive medo no início, mas logo os sintomas aumentaram e fiquei mais preocupado” (Dão Jorge Peixoto Vieira)

“Não sei explicar o quanto foi ruim” (Maria Gracinha de Nascimento Vieira)

Perguntamos ainda quais medos e incertezas sentiram durante o período da doença, considerando que o planeta estava vivendo a pandemia e o medo se instalou em todos nós. Eles disseram que o grande medo foi de que a doença agravasse e precisassem ir para o hospital ficar internados, pois a falta de leitos poderia impedir que isso ocorresse, conforme narrativas que seguem,

“O medo de precisar de internação e não ter leito disponível e não terem medicamentos de fácil acesso que comprovem a cura da doença.” (Clara Leticia de Lima Vieira)

“O maior medo foi imaginar que o vírus contraído poderia ter contaminado outros familiares (pais, filhos e esposa). Isso não aconteceu. Muitas incertezas: Quando isso vai passar? Quando voltarei para o trabalho? Como ficam as aulas da minha filha? Vamos aguentar tanto tempo dentro de casa? Será que os mantimentos que vieram do supermercado estão contaminados? (Jamerson Lopes Vieira)

“Meu maior medo foi por conta do isolamento, e de não saber como tratar da doença. Também tive medo de falta de leitos no hospital e de perder alguma pessoa da família” (Rose Mari Peixoto Vieira)

“Nenhum medo” (Claudemiro dos Reis Costa)

“Medo de acabar em uma UTI, ficar inconsciente e ser intubada”² (Maria de Nazaré Vieira Costa)

“No começo fiquei calmo, mas depois fiquei sem reação e fiquei com mais medo” (Dão Jorge Peixoto Vieira)

² A intubação traqueal, endotraqueal ou intubação orotraqueal (IOT) é um procedimento que visa preservar a respiração do paciente durante cirurgias que envolvem anestesia geral, ou em quadros de complicação respiratória grave. Disponível em: <http://blog.somiti.org.br/intubacao-traqueal/>

“Tive medo de morrer e ir para o hospital” (Maria Gracinha do Nascimento Vieira)

Indagamos também aos que tiveram a Covid-19 que dissessem o que pensam ao relacionar a doença com a família Peixoto Vieira, as respostas foram diversas, em especial destacou-se o medo de perder alguém da família, como dito nas falas a abaixo,

“Que Deus é muito bom pois apesar de boa parte da família fazer parte do grupo de risco estamos enfrentando essa fase com todos com vida e saúde, pois muitas famílias foram abaladas com a perda de seus entes (Clara Letícia de Lima Vieira)

“Penso que todos estão conseguindo conviver com tudo isso com muita responsabilidade. Cada um com o seu modo de enxergar a vida” (Jamerson Lopes Vieira)

“Eu penso logo em medo, visto que a família Peixoto é muito numerosa e possui muitas pessoas com a idade de risco e com algumas doenças como diabetes, hipertensão, entre outras, que com a Covid pode ser fatal. Temo muito em perder algum de meus familiares para a Covid” (Rose Mari Peixoto Vieira)

“Tenho medo de perdê-los, pois mesmo a família sendo de minha esposa, também os considero minha família” (Claudemiro dos Reis Costa)

“Muita gratidão à Deus, porque estamos atravessando essa pandemia sem perder nenhum membro dessa maravilhosa família” (Maria de Nazaré Vieira Costa)

Encerramos o diálogo, que ocorreu individualmente, perguntando a partir da experiência que tiveram de ter a Covid-19 e terem sido curados sem nenhuma seqüela significativa, qual mensagem deixariam ao mundo sobre a pandemia que estamos vivendo,

“Sejamos pacientes e unidos” (Clara Letícia de Lima Vieira)

“A fé em um mundo melhor, de pessoas melhores é um caminho” (Jamerson Lopes Vieira)

“Que esse é um momento único e muito complicado da história. A nossa geração nunca imaginou viver tal situação em que o isolamento social é a principal arma contra a Covid-19. Temos que ser mais unidos e irmãos por um mundo mais justo e fraterno, pois com um caos que o mundo está passando temos que aflorar a necessidade de cuidar um do outro, e todos juntos buscar um planeta feliz” (Rose Mari Peixoto Vieira)

“A mensagem que deixo sobre a pandemia é que todos cuidem tomando as precauções devidas, usando máscara, álcool em gel, lavando as mãos com água e sabão, e evitar aglomerações, esses são os cuidados que devemos ter” (Claudemiro dos Reis Costa)

“Estamos vivendo uma experiência única, um momento que marcará a história. Apesar de tantas perdas, essa pandemia nos trouxe muito aprendizado, compreendemos que somos frágeis e todos iguais” (Maria de Nazaré Vieira Costa)

“Gostaria de dizer que a pandemia trouxe como consequência o abalo na economia mundial. E que o que estamos vivendo é difícil e temos que saber lidar com os vários problemas” (Dão Jorge Peixoto Vieira)

“Que abalou o mundo inteiro e ainda temos que nos preparar o pior” (Maria Gracinha do Nascimento Vieira)

Sem dúvida, em meio a mais de um milhão de mortos no mundo inteiro pela Covid-19, viver a experiência de ser curado é ter a oportunidade de repensar seu papel nesse plano terrestre e na missão de cada um. Missão de ser mais humano, mais fraterno e mais sensível aos problemas sociais que impedem de se construir uma sociedade mais justa e menos desigual.

Ainda vivemos em tempos de pandemia, e até que a vacina esteja disponível para todos, viveremos tempos incertos em que o medo e a fragilidade da existência nos ronda.

Nossa família Peixoto Vieira costuma ser muito unida e mensalmente promove uma oração do terço na casa de um dos membros da família. Na pandemia não foi diferente, mas tivemos que nos adaptar ao mundo virtual e promovemos alguns encontros *online* para rezar juntos, conversar e produzir esse livro que surgiu também durante a pandemia.

Uma coisa é fato: enquanto muitos choram a partida dos seus familiares e a derrota para esse vírus, em nossa família celebramos a vida, a cura e a nova oportunidade que nos está sendo dada para viver cada vez mais juntos, unidos enquanto família, compartilhando todos os momentos felizes e nos fortalecendo nos desafios da vida.

PS. As autoras consideraram fazer uma pequena atualização nas informações, para que o leitor compreenda o avanço da situação pandêmica no planeta. Estamos na metade do mês de fevereiro de 2021, no final do ano de 2020 houve uma ‘segunda onda’ de contaminação, visto que muitas pessoas deixaram de usar máscaras e se descuidaram com as medidas de segurança. Muitos adoeceram e morreram no mundo, alcançando a espantosa marca de mais de 239 mil mortos no Brasil, somente por Covid-19. Na família Peixoto Vieira, nos últimos meses do ano de 2020, novembro e dezembro, muitos foram contaminados, inclusive Enita e Paulinho. Foram dias de muita angústia e oração, e mais uma vez todos se recuperaram, sem precisarem ser hospitalizados. E a melhor de todas as notícias, a vacina já chegou - em poucas doses, é verdade – mas em breve todos nós estaremos vacinados. Talvez quando este livro estiver em suas mãos, leitor(a), você já tenha sentido a maravilhosa sensação provocada pela vacina: muita euforia e risos soltos, na esperança da chegada de novos tempos!

SOMOS UM TIME

Vívian Maria Vieira Lima

Era dia 29 de novembro de 1977 quando a família Peixoto Vieira passaria a crescer. O grandioso quintal da vovó teria um brilho a mais, outras crianças passariam a aproveitá-lo e a nossa bela mangueira continuaria a ver muita coisa por ali, pois era chegado o momento dos netos. Era nascimento da primeira neta de Adelson e Enita, fruto do amor de Claudemiro e Nazaré. Vinha ao mundo então, Norma Cristina, primeira neta, muito esperada e querida. Sempre estudiosa, foi a primeira dos netos a adentrar uma universidade pública. Norma seguiu os passos da mãe, escolheu a sala de aula para ser sua casa, formou-se em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA), fez mestrado na mesma instituição e posteriormente, tornou-se doutora. Atualmente Norma é professora doutora concursada da Universidade Federal do Pará/Campus Bragança.

A neta mais velha de Adelson e Enita nem imaginaria que ela seria quem abriria as portas para que os demais netos também pudessem realizar seus sonhos, pois o que parecia distante, como até mesmo morar na capital Belém-PA para estudar, já não era mais. Dessa forma, pudemos acreditar que todos nós (netos) poderíamos alcançar voos mais altos.

A maioria dos netos optou pela educação como área de atuação profissional, assim, trabalhamos como pedagogos, historiadores, biólogos, letrados, geógrafos e educadores físicos.

A partir da realização dos mais velhos, os mais novos foram seguindo os mesmos passos. E mais uma vez, através dos estudos, os netos de Adelson e Enita puderam ir muito além de Capanema, atravessaram fronteiras, conheceram outros mundos, pessoas e culturas. Alguns tiveram a oportunidade de cruzar oceanos, uma para intercâmbio na Austrália e outra para estudo na Universidade de Coimbra, em Portugal.

Uma prima cruza rios amazônicos a trabalho, já tendo morado em cidades como Gurupá e Bagre, vivencia maravilhosas experiências na Ilha do Marajó. Outra percorreu alguns estados brasileiros como educadora, já tendo morado em São Paulo, Rio de Janeiro e agora em Natal.

Os outros netos, que não atuam na área da educação, trabalham como microempreendedores e alguns desenvolvem suas atividades laborais enquanto colaboradores em diferentes empresas do comércio e instituições financeiras.



Netos reunidos em celebração e comemoração ao Bodas de Ouro de Adelson e Enita e aniversário de 78 anos de Adelson. Ano: 2005.

Alguns netos de Adelson e Enita tiveram a oportunidade de viajar para conhecer outros países tais como Chile, Peru, Uruguai, Argentina, Bolívia, Cuba, Portugal, França, Itália, Espanha, Israel, Austrália, Malásia, Indonésia, Tailândia e Singapura.

É muito valioso ressaltar a amizade e amor construídos entre os primos. Foram nossos primeiros amigos a serem apresentados. Todos se têm como irmãos, afinal, foram criados próximos uns dos outros, brincando no quintal de nossos avós, tomando banho de rio em nosso Caeté. Até me arrisco em falar que acredito que todos tenham pelo menos uma história para contar, de peripécias e traquinagens de infância, envolvendo como cúmplice um primo ou prima. A proximidade é tão grande que muitos estudaram e moraram juntos para fazer faculdade em outras cidades.

Todos os anos a expectativa das férias chegarem eram sempre muito grande, pois nossa diversão era reunir os primos para as rodas de conversa e brincadeiras. Nossas mais lindas lembranças de infância foram com nossos primos, em especial com aqueles que tinham nossas idades ou idades próximas. Como sempre fomos muitos, em cada fase sempre havia aqueles que tinham mais proximidade com um determinado primo ou prima da sua faixa etária.

Com o passar dos anos, fomos crescendo, amadurecendo, fomos para a faculdade, começamos a trabalhar e constituir nossas famílias. Vivemos de saudade de uma infância saudável e regada de muito amor.

De Capanema a qualquer lugar desse mundo iremos sempre ter uma conexão muito especial, legado que nosso avô Adelson deixou e estamos

fazendo jus a seus ensinamentos. E, independente de qualquer circunstância nosso time sempre permanecerá com todos os jogadores, mesmo que um deles já tenha se ausentado, o jovem Ailon Eduardo Vieira do Nascimento, aos 20 anos de idade, o vigésimo segundo na ordem dos netos. Ailon nos deixou repentinamente no dia 3 de março de 2016, desfalcando o time. Os outros jogadores se sentiram perdidos.

Devido ao seu falecimento repentino, Ailon Eduardo, conhecido carinhosamente como Ailinho, recebeu muitas homenagens. Uma delas foi feita pelo Sr^o Samuel Alencar - membro da Academia Capanemense de Letras, amigo da família e sogro de Caroline, uma de nossas primas. O texto que segue foi publicado no Jornal de Capanema¹, cujo título recebido foi “Recanto da Saudade”.

“Nem toda juventude brasileira está perdida. Foi preciso que ocorresse uma tragédia no seio de uma família muito amiga, que culminou com a morte de um jovem muito querido, atuante e latente na sua comunidade, para que eu me desse conta, dessa assertiva. Na quinta-feira, 03 de março de 2016, por volta das 21:00h, recebi a notícia de meu filho pelo celular e via Whats.App, nesses termos: “Pai, o Ailon, primo da Carol, morreu lá em Conceição do Araguaia, ele teve um ataque do coração, ele é filho do Tatá e da Sandra, irmão da Sandriêllem e do Júnior”. De imediato eu deixei meu repouso, e fui procurar os familiares do jovem que havia morrido, mais precisamente, seus tios, visto que a maioria são meus vizinhos. Todos abalados com a notícia fúnebre de seu ente querido. Em contato com sua tia, professora Nazaré Peixoto, irmã da mãe de Ailon Eduardo, ela me falou que naquela data era aniversário de sua genitora Sra. Enita Peixoto, alguns familiares participaram de uma missa na matriz, em regozijo a passagem do aniversário de dona Enita, porém antes da missa, por volta das 18:30h, Ailon Eduardo havia ligado para falar com seus pais, e no ensejo, por telefone parabenizou dona Enita, sua dileta avó, pois tratava-se de um jovem muito amável e cordial. Após duas horas desse contato telefônico, o senhor Ataídes (Tatá), recebe um telefonema de Conceição do Araguaia, de um colega de Ailon, informando que o jovem de Educação Física, no Campus de Conceição do Araguaia havia sofrido um infarto quando jogava futebol e evoluiu para óbito bruscamente; naquele momento a notícia foi compartilhada a todos que rodeavam o pai do jovem, e todos ficaram incrédulos, muito abalados, a genitora do jovem foi a que mais se abalou; porém recebia em sua casa solidariedade de seus irmãos, parentes, do diácono paroquial, e de toda vizinhança, sua residência ficou cheia de gente todo tempo em que ocorria o traslado do corpo de Ailon de Conceição do Araguaia para Capanema, a rua onde o pranteado residia ficou intransitável de tanto carro, muita gente querendo confirmar a notícia que hoje se espalha com mais velocidade devido as redes sociais. Daí em diante, eu procurei participar de todas as diligências das exéquias dos funerais de Ailon Eduardo, já no sábado pela manhã durante a missa de corpo presente na igreja Santa Terezinha, o templo estava lotado até em seus arredores, repleto de juventude muito sadia. Jovens do Jusant, movimento de jovem do qual o Ailon participava com uma atuação exemplar, seus amigos o queriam prestar homenagem; seus colegas de turma da UEPA vieram, acompanhados de alguns professores, também para lhe prestar a última homenagem. Confesso que em toda minha vida, nunca participei de um funeral tão emocionante, fiquei com um nó na garganta em cada homenagem prestada ao lustroso jovem. O diácono Afonso, durante a sua preleção revelou um elenco das qualidades de Ailon Eduardo Vieira do Nascimento, um rapaz de 20 anos de idade. Um jovem muito inteligente, educado, muito querido por seus pais, seus primos e toda comunidade onde residia,

¹ SILVA, Samuel Alencar da. **Recanto da Saudade**. Jornal de Capanema. Ano XX, Edição nº 524. Março de 2016, pág.2 Capanema-PA.

cordial, participativo, criativo, engajado as causas sociais e outros predicativos mais; acredito que não havia um ser humano, ali presente, que não tenha lacrimejado involuntariamente diante de tanta emoção em decorrência das manifestações em homenagens prestadas ao jovem estudante. Por seus colegas do JUSANT, colegas da UEPA, seus primos e demais parentes. Uma pena que os desígnios de Deus tenham o levado tão cedo, em tão tenra idade, aquele menino prodígio para o convívio celestial. Mas o ponto mais emocionante das homenagens, foi no momento em que, após o juramento de seus colegas de turma, um professor da intuição de ensino, em nome do magnífico Reitor, outorgou-lhe o grau de professor de educação física, os aplausos foram efusivos por todos os que ali estavam prestando um ato de solidariedade cristã. Confesso aos leitores, que diante de todas as virtudes de Ailon Eduardo (Ailinho), muito bem esplanada pelo diácono Afonso, durante a homilia, no momento das preces solicitadas pela comunidade, durante a missa; eu no meu mais profundo íntimo, pedi ao Senhor Deus Nosso Pai, que todas as virtudes de Ailon Eduardo, sirvam de inspiração a todos os jovens de Capanema. Pois se assim for, teremos menos delinquência juvenil, menos desgosto nos seios das famílias que hoje em dia estão perdendo seus filhos para as drogas e o crime”.

Nosso menino Ailon hoje repousa no céu, afinal, os melhores jogadores nem sempre terminam a partida, é preciso também que se pare para descansar, os seus gols já foram feitos, a torcida já se alegrou com ele, sua vitória já foi garantida. Sabemos que nosso anjo está em um lugar perfeito, nos braços do Pai Celestial. Um dia esse time voltará a se reencontrar e nunca mais irá faltar nenhum jogador.

Ailon se foi, mas deixou seu legado de união, amor, confiança, esperança. Pessoas como ele não morrem, simplesmente vão continuar sua missão em uma outra dimensão. E é isso que ele está fazendo, espalhando o bem, onde estiver. Sabemos também que o lugar que deixou aqui é dele, sempre será, e ninguém ocupa.

A verdade é que, de fato, nós primos sempre precisamos estar próximos uns dos outros, e que apesar de termos hoje uma ferramenta que nos aproxima, como o celular, nada se compara aos encontros calorosos, os abraços, as risadas, as histórias contadas das vivências, as lembranças. A amizade entre primos carrega uma história que o tempo e a distância não conseguem apagar.



Placa em homenagem a família Peixoto Vieira. Ano: 2020.



Netos reunidos em comemoração aos 80 anos de sua avó Enita. Ano: 2015.

Somos o abraço apertado que não se distancia, mesmo que os quilômetros assim o façam, somos a torcida frenética pelo crescimento do outro e, ainda, reconhecemo-nos enquanto aquela parte imutável que sofre transformações, mas ali permanece. Aqui, lá, em quaisquer lugares, somos um time! Somos e sempre seremos 24 jogadores!

E A HISTÓRIA CONTINUA...

“OS PEIXOTINHOS”

Nivia Maria Vieira Costa

Os pequenos galhos - os netos, que ontem mesmo eram crianças e brincavam à sombra da frondosa mangueira, na casa de Enita e Adelson, cresceram, se ramificaram, formaram suas famílias e tiveram seus filhos. Atualmente Adelson e Enita já contabilizam vinte e três bisnetos: Vitória Larissa Vieira dos Santos, Ryan Mateus Costa da Silva, Luana Vitória Chaves Vieira, Sérgio Gabriel Vieira dos Santos, Flávia Nicole Moreira Costa, Romenson Helton Filho, Ana Beatriz Risuenho Costa, Maria Enita Costa da Silva, Alice de Fátima Costa Almeida, Ana Bella Risuenho Costa, Ana Beatriz Vieira dos Santos, Júlia Marinho Vieira, Clarice Gaspar Vieira, Enzo Gabriel Santos de Oliveira, Maria Laura Monteiro de Oliveira, Luna Vieira Alencar da Silva, Neidson Cláudio Vieira Costa Filho, Arthur Wilson Costa Almeida, Maria Cecília Santos de Oliveira, Álvaro Marinho Vieira, Gael Gaspar Vieira, Eduardo Vieira dos Santos e Maria Elisa Cardoso Vieira de Sá.

Grande parte dos bisnetos já não trazem mais o Vieira em seu sobrenome – e o Peixoto já nem acompanhou os netos - mas o que são sobrenomes, se não formas de organização social? Começamos o livro falando sobre eles, e o findamos afirmando que é fundamental conhecer nossa história, de onde viemos e quem somos, e isso carregamos na alma, não mais no nome com o passar do tempo, pois novas famílias vão se formando, permanecendo apenas as mesmas raízes.

A bisneta mais velha, Vitória, já ingressou na faculdade, aos 18 anos. A bisneta caçula, Maria Elisa, nasceu há poucas semanas, mas já compreendeu o que é pertencer à uma família. Devido a pandemia de Covid-19 fizemos um dos mais lindos chás de bebês à Elisa. Por meio de uma carreata, chamada de ‘charreata’, passamos em frente a casa da vovó Socorro, onde Elisa ainda estava no ventre de sua mãe, e com cartazes, música e balões presos aos carros demonstramos o quanto essa criança nos é amada e bem vinda à família. Pesquisas comprovam que o bebê sente dentro da barriga tudo o que se passa¹. No começo da gravidez ele vai dormir muito, mas à medida que for crescendo vai experimentando toda uma gama de sensações e emoções. E Elisa já soube, assim como as demais

¹ VERNY, T. *A vida secreta da criança antes de nascer*. São Paulo: C. J. Salmi, 1989.

crianças da família, desde o ventre de suas mães, o quanto são amadas e o quanto é importante fazer parte de uma instituição familiar.

Os bisnetos, assim como seus pais, estão tendo a oportunidade de crescer juntos, partilhar experiências e momentos em família. Vivenciam sensações únicas, herança de nossos primeiros antepassados, os povos indígenas, com os quais aprendemos a andar descalços para sentir a areia nos pés, tomar banhos de rio, comer as frutas da época, apanhadas à mão, cultivar uma relação amigável e harmoniosa com a natureza, nossa irmã.

O estar em família nos conecta à uma dimensão espiritual que une, aproxima e agrega, e as crianças sentem muito bem isso e desse modo constroem o conceito do pertencimento à um grupo familiar, passando a compreender quem são, de onde vieram e para onde irão.

Perguntamos aos bisnetos o que representa para eles a família da qual fazemos parte, que carinhosamente chamamos de Peixotada ou Peixonados², e também o que significa fazer parte de uma família. Seguem algumas respostas,

Fazer parte de uma família não é só compartilhar momentos bons e ruins, é você estar com pessoas que amam você e que sempre estariam lutando por você (Maria Enita, 11 anos)

A Peixotada para mim é a extrema sensação de amor, conforto, carinho e sabedoria. Cada vez que nós nos reunimos é um aprendizado diferente, e isso me traz muita felicidade ao estar com eles (Flávia Nicole, 14 anos)

Ao fazer parte de uma família posso afirmar que sempre estive rodeado por pessoas que realmente amo, sempre me senti querido pelas pessoas a minha volta, nunca me senti sozinho ou sem rumo algum. Os Peixonados representam principalmente amor, acolhimento e compaixão. Porém, não há palavras suficientes para descrever a união desta família, como um laço que nunca se romperá. (Gabriel, 17 anos)

Ter uma família significa ter amigos, ter quem cuide de você, amar quem te ama, e quando alguém estiver triste, fazê-lo feliz. Nós, em família, ficamos sempre juntinhos. A Peixotada representa os tios, os primos, os avós, a bisavó e meus pais. (Alice de Fátima, 7 anos)

Para mim a Peixotada representa união, pois quando nos reunimos a felicidade rola a solta e é muito divertido. (Romenson Filho, 13 anos)

Fazer parte de uma família é fazer parte de um todo, ser acolhido e próximo não só por meio do laço consanguíneo, ou parentesco, mas também pelo afeto criado pela convivência, seja ela constante ou não. Sobre a Peixotada, somos uma família animada, amorosa, bem humorada. (Vitória, 18 anos)

Deus presenteou cada um quando os apresentou à família. Fui presenteada com a Peixotada e fazer parte dela é fazer parte de sentimentos, pois sinto o amor, a felicidade, a alegria, me sinto acolhida e

² Denominação também utilizada entre os membros da família, junção das palavras Peixotos + Apaixonados, Peixonados.

nela me sinto bem. Ter sua família de sangue ou de coração reunida é ter felicidade para toda a vida pois é na família que começa o amor que nunca tem fim! (Luana, 15 anos)

A família Peixoto, é uma família onde todos se ajudam e torcem uns pelos outros. Todos estão sempre alegres e dando gargalhadas. Nossa família sempre está com fome, por isso nossos encontros sempre são regados de muita comida, diversão e amor. Sempre jogamos cartas e outros jogos em família. Trocamos experiências e nos apoiamos. Sem dúvida somos uma família unida e feliz!!! (Ana Beatriz, 12 anos)

A família é símbolo de união e amor, ao encontrar minha família já vem no coração a sensação de conforto e acolhimento. (Ryan, 18 anos)

Nos relatos observamos que a família é uma construção social, a partir das relações de pessoas, não apenas consanguíneas, mas de pessoas que se querem bem, cuidam e se preocupam uns com os outros, dividem não apenas alegrias, mas momentos de dor, medo e angústia, sentimentos que fazem parte da vida de todos nós.

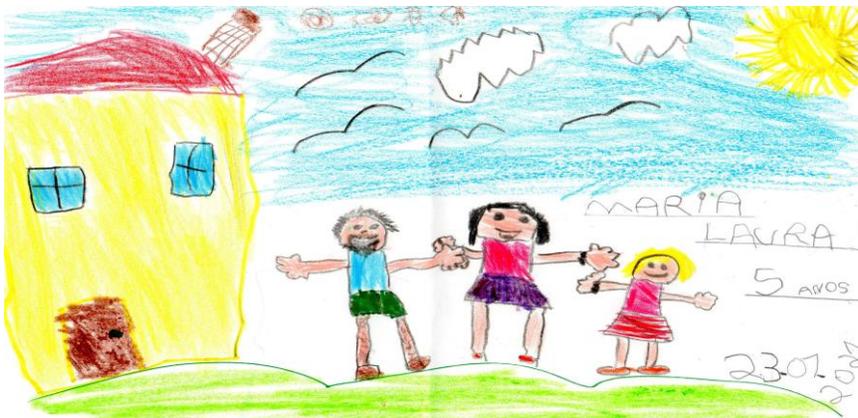
Alguns bisnetos mais novos, os Peixotinhos, também representaram seu modo de compreender a família por meio de desenhos autorais. Neles, sempre havia presente um grupo de pessoas queridas, muitas cores e animais, que de tão estimados são incluídos como parte da família, de acordo com as imagens que seguem.



Enzo Gabriel, 5 anos. Ano: 2021.



Júlia, 6 anos. Ano: 2021.



Laura, 5 anos. Ano: 2021.

Nos desenhos de Enzo, Júlia e Laura observa-se a representação da união familiar, seus integrantes sempre próximos, uns ao lado dos outros, quase sempre de mãos dadas, demonstrando que a família deve ser essa fonte de afeto e acolhida.

Por meio das imagens notamos que uma forte característica da família Peixoto Vieira já foi assimilada por eles: a união, legado deixado por Adelson - recebido desde seu pai, a de que permaneçamos sempre juntos!

Na imagem de Ana Beatriz Vieira e Clarice, os momentos em família foram representados no espaço junto à natureza, no Sítio Santa Helena - de seus avós, por meio de banhos de rio e muitas brincadeiras, sempre na companhia dos irmãos e primos.

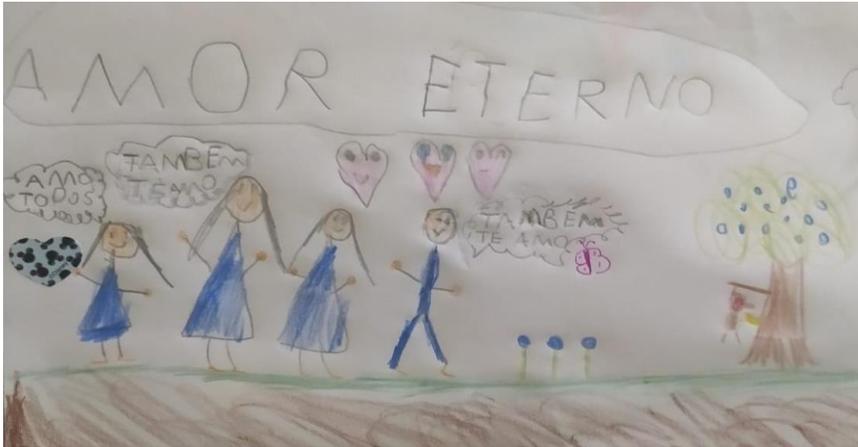


Ana Beatriz Vieira, 6 anos. Ano: 2021.



Clarice, 5 anos. Ano: 2021.

A representação familiar feita por Ana Bella, destaca o amor como algo que ultrapassa a existência física, e em sua visão de criança ela compreende a família como um lugar em que habita um amor que nunca morre, que é eterno. Amor que se manifesta de modo atitudinal, por meio de palavras afetuosas, pois, para a criança, não apenas é importante sentir o amor, mas também manifesta-lo.



Ana Bella, 7 anos. Ano: 2021.

Esse período pandêmico, da Covid-19, distanciou algumas famílias. Luna fez o desenho abaixo no período de sua quarentena, quando não podia abraçar seu pai, pois todos em sua casa - seus avós maternos e sua mãe, foram atingidos pelo vírus. No seu imaginário infantil desejou que estivessem juntos, na praia - sua mãe, ela e seu pai, e contava os dias para poder finalmente abraçá-lo, tamanha era a saudade.



Luna, 4 anos. Ano: 2021.

Entre galhos e raízes nos tornamos quem somos e nos constituímos enquanto sujeitos sociais, com valores estabelecidos e sólidos, na busca da formação de uma boa relação consigo, com o outro e com a natureza.

As raízes permanecem nos sustentando, ao longo de nossa vida, com os ensinamentos e lições repassadas, nós, os galhos, temos a missão de

manter a árvore viva e frondosa, para que, no futuro, novos galhos surjam e continuem a perpetuar nossa existência.

A partir dos bisnetos da Família Peixoto Vieira, novos caminhos serão trilhados e novas histórias escritas.

Estamos chegando ao fim do livro! Ao longo dele falamos muito de família, com destaque para a família Peixoto Vieira. Desejamos que você, leitor(a), tenha apreciado nossa viagem pelas memórias familiares, narrativas e causos, tenha sorriso e se emocionado conosco, com a simplicidade e grandeza de cada história lida.



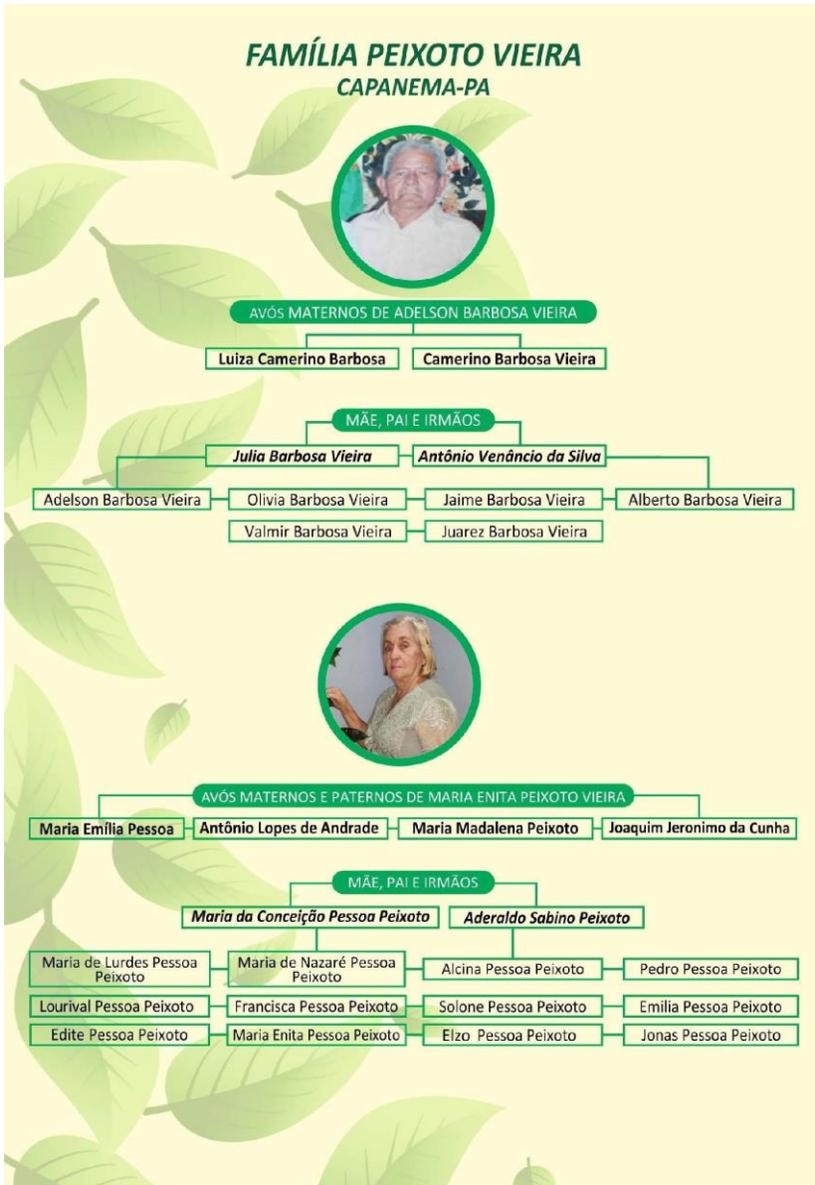
Pé direito de Maria Elisa.

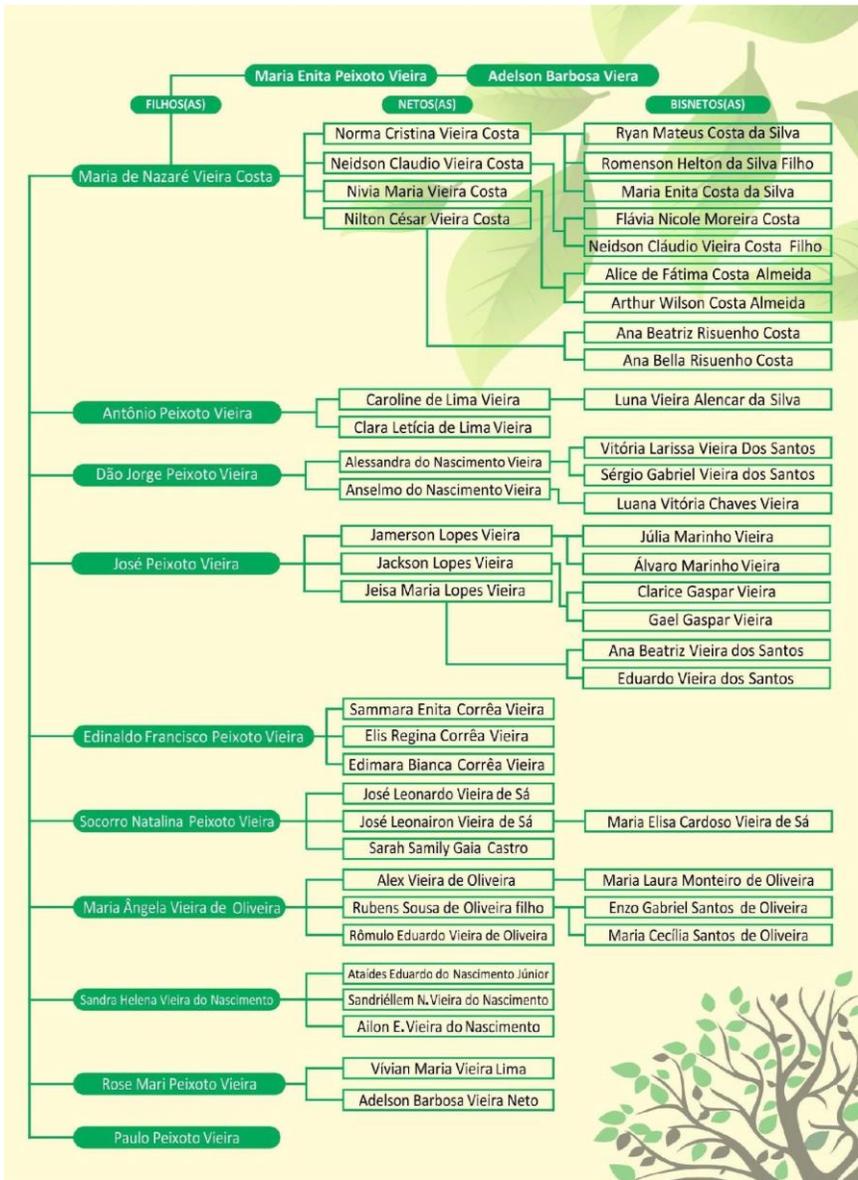
Ano: 2021.

Pelos pés de Elisa, a bisneta caçula de Enita e Adelson, sigamos caminhando em busca de novos tempos, contribuindo para a formação de uma nova humanidade: mais fraterna, mais justa e mais solidária, à exemplo de Jesus Cristo. A propósito, foi Ele que nos inspirou para a realização desse lindo projeto familiar, com Ele tudo é possível!

Fındamos a escrita desse livro com um trecho de uma das falas das bisnetas, que sintetiza a essência dessa obra, “[...] *é na família que começa o amor que nunca tem fim!*”.

ÁRVORE GENEALÓGICA





SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alessandra Vieira dos Santos. Nasceu em 1981 no município de Capanema/PA. Filha de Dão Jorge Peixoto Vieira e Maria Gracinha do Nascimento Vieira. E-mail: vieiraalessandra396@gmail.com

Caroline de Lima Vieira. Nasceu em 1987 no município de Capanema/PA. Filha de Antonio Peixoto Vieira e Francisca Maria de Lima Vieira. Graduada em Gestão Empresarial (UNAMA). Atualmente é Gerente de Conta no Banco Bradesco. E-mail: caroline26.vieira@gmail.com

Clara Letícia de Lima Vieira. Nasceu em 1994 no município de Capanema/PA. Filha de Antonio Peixoto Vieira e Francisca Maria de Lima Vieira. Graduada em Ciência Contábeis (UFRA). Atualmente é bancária no Banco Bradesco. E-mail: claraleticia17@gmail.com

Edimara Bianca Corrêa Vieira. Nasceu em 1992 no município de Capanema/PA. Filha de Edinaldo Francisco Peixoto Vieira e Terezinha de Jesus Corrêa Vieira. Graduada em História (UFPA). Mestre em História na área de Política, Memória e Cidade (UNICAMP). Atualmente é Professora de História e Diretora de Ensino do Colégio CEI/Eleva Educação, em Natal-RN. E-mail: edimara.vieira@elevaeducacao.com.br

Elis Regina Corrêa Vieira. Nasceu em 1991 no município de Capanema. Filha de Edinaldo Francisco Peixoto Vieira e Terezinha de Jesus Corrêa Vieira. Graduada em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em História Social da Amazônia (UFPA). Atualmente é doutoranda em História pela UFPA e professora da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC/PA). E-mail: elisregina_correa@yahoo.com.br

Flávia Nicole Moreira Costa. Nasceu em 2006 no município de Capanema/PA. Filha de Neidson Cláudio Vieira Costa e Fabricia da Silva Moreira. Atualmente cursa o 9º ano do Ensino Fundamental. E-mail: fabi-moreira@hotmail.com

Jamerson Lopes Vieira. Nasceu em 1984 no município de Capanema/PA. Filho de José Peixoto Vieira e Helena Lopes Vieira. Graduado em Pedagogia (UFPA). Pós-Graduado em Formação Docente na Amazônia (UFPA). Técnico Pedagógico da SEDUC. Atualmente

Coordenador Pedagógico na EEF Pastor Ananias Rodrigues e Assessor Técnico no SENAC/Unidade Capanema. E-mail: jamersonlopesvieira84@gmail.com

Maria Ângela Vieira de Oliveira. Nasceu 1966 no município de Castanhal/PA. Filha de Adelson Barbosa Vieira e Maria Enita Peixoto Vieira. Atualmente, desenvolve trabalhos artesanais. E-mail: mariangela1450@gmail.com

Maria de Nazaré Vieira Costa. Nasceu em 1954 no município de Capanema/PA. Filha de Adelson Barbosa Vieira e Maria Enita Peixoto Vieira. Graduada em Geografia (UFPA). Professora aposentada da SEDUC/PA.

Neidson Cláudio Vieira Costa. Nasceu em 1979 no município de Capanema/PA. Filho de Claudemiro dos Reis Costa e Maria de Nazaré Vieira Costa. Graduado em Letras (UFPA). Pós-graduado em Língua Portuguesa e Literaturas (UFPA). Professor titular de Língua Materna, Literatura Brasileira e Redação da Rede Estadual de Ensino do Estado do Pará. E-mail:neidsonclaudio@yahoo.com

Nívia Maria Vieira Costa. Nasceu 1981 no município de Capanema/PA. Filha de Claudemiro dos Reis Costa e Maria de Nazaré Vieira Costa. Graduada em Pedagogia (UFPA). Pós doutora em Educação de Adultos. Doutora em Educação Brasileira. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará - IFPA /Campus Bragança. E-mail: nivia.costa@ifpa.edu.br

Norma Cristina Vieira. Nasceu em 1977 no município de Capanema/PA. Filha de Claudemiro dos Reis Costa e Maria de Nazaré Vieira Costa. Graduada em Pedagogia (UFPA). Doutora em Biologia Ambiental. Professora da Universidade Federal do Pará - UFPA / Campus Bragança. E-mail: normacosta@ufpa.br

Rose Mari Peixoto Vieira. Nasceu em 1970 no município de Capanema/PA. Filha de Adelson Barbosa Vieira e Maria Enita Peixoto Vieira. Licenciada e Bacharel em Geografia (UFPA). Pós-graduada em Tecnologias em Educação (PUC-Rio). Professora aposentada da SEDUC/PA. E-mail: rose-professora@hotmail.com

Rubens Souza de Oliveira. Nasceu em 1963 no município de Belém/PA. Filho de Pedro Fernandes de Oliveira e Maria Benedita de Oliveira.

Graduado em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas (UFPA). Agente de Saúde Pública na FUNASA. E-mail: rubens63olliveira@gmail.com

Sammara Enita Corrêa Vieira. Nasceu em 1989 no município de Capanema/PA. Filha de Edinaldo Francisco Peixoto Vieira e Terezinha de Jesus Corrêa Vieira. Graduada em Direito (FACI). Atualmente é Assessora Jurídica do Ministério Público do Estado do Pará. E-mail: sammara.c.vieira@gmail.com

Sandra Helena Vieira do Nascimento. Nasceu em 1968 no município de Capanema/PA. Filha de Adelson Barbosa Vieira e Maria Enita Peixoto Vieira. Graduada em Matemática (UVA). Atualmente é Professora de Matemática do Fundamental II no Colégio Genius Universidade de Construção e Aprendizagem. E-mail: prof.shvn29@gmail.com

Sandriéllem Natália Vieira do Nascimento. Nasceu em 1992 no município de Capanema/PA. Filha de Ataídes Eduardo do Nascimento e Sandra Helena Vieira do Nascimento. Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas e Mestre em Biologia Ambiental (UFPA). Graduada em Licenciatura Letras - Português/Inglês (Unicesumar). Atualmente é Tradutora (Português-Inglês) e Professora de inglês. E-mail: sandriellem.vieira@gmail.com

Socorro Natalina Peixoto Vieira. Nasceu em 1964 no município de Capanema/PA. Filha de Adelson Barbosa Vieira e Maria Enita Peixoto Vieira. Atualmente é Gerente na Câmara de Dirigentes Lojistas de Capanema-CDL. E-mail: j.leonardovieira@hotmail.com

Vívian Maria Vieira Lima. Nasceu em 1996 no município de Capanema/PA. Filha de Raimundo Mário Fernandes Monteiro e Rose Mari Peixoto Vieira. Graduada em Letras- Língua Portuguesa (UEPA). Pós-graduada em Ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa e Literatura (FIBRA). Atualmente é Assessora de Microfinanças pelo programa Amazônia Florescer do Banco da Amazônia. E-mail: vivian_mvieira@hotmail.com

REFERÊNCIAS

BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. **Minas patriarcal: família e sociedade**. São Paulo: Annablume, 2007.

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Ediouro, s/d, p. 332.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e família em uma capital amazônica: (Belém 1870- 1920)**. Belém: Açai, 2011

_____; COSME, José Santos Ramalho. **Entre fluxos, fontes e trajetórias: imigração portuguesa para uma capital da Amazônia (1850-1920)**. Doi: Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, v.42, n.1, p.232-254, jan-abr. 2016.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: **Colha de retalhos**. 3ª ed. São Paulo: UNICAMP, 1994.

CRUZ, Ernesto. **Estrada de Ferro Bragantina: visão social, econômica e política**. Belém: SPEVEA, 1955.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões. Campanha de Canudos**. 5ª edição corrigida. Rio de Janeiro: Francisco Alves & cia, 1914.

CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos**. (Coleção Brasil 500 anos). Seleção e coordenação de Hildon Rocha. Brasília, 2000.

FARIA, Sheila de Castro, História da família e demografia histórica In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder: formação do patronado político brasileiro**. Vol. 1. Ed. 11ª Rio de Janeiro. Ed. Globo, 1997.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 25ª ed. São Paulo: José Olympio Editora, 1987

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freire d' Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1987.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes Cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)**. Belém: Editora Açai, 2010, p.17.

LIMA, Luciano Demetrius Barbosa. **Dos trilhos às rodas: histórias e memórias de Capanema**. 1ª ed. Belém-PA: Paka- Tatu, 2015, p.47.

MACHADO, Cacilda. O patriarcalismo possível: relações de poder em uma região do Brasil escravista em que o trabalho familiar era a norma. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 23, n. 1, p. 167-186, 2006.

MARTINS, Maria José. **A gripe espanhola em Belém, 1918: cidade, cotidiano e medicina**. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-graduação em História (PPGH), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016, p.58.

NASCIMENTO, Bráulio do. **Literatura Oral: Um século de pesquisas no Brasil**. *Jornal do Brasil, Caderno Literário*, Rio de Janeiro, p. 5, 9 de junho de 1973.

NEVES, Frederico de Castro. Cural dos bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, 1995. p. 110.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: Siciliano, 1993.

RIOS, Kênia Sousa. **Isolamento e Poder: Fortaleza e os Campos de Concentração na Seca de 1932**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014, p.9.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A história da família no Brasil**. In: *Revista Brasileira de História – família e grupos de convívio*. São Paulo: Marco Zero, nº 17, 1988.

SILVA, Samuel Alencar da. **Recanto da Saudade**. *Jornal de Capanema*. Ano XX, Edição nº 524. Março de 2016, pág.2 Capanema-PA.

TERUYA, Mariza Tayra. **A família na historiografia brasileira: bases e perspectivas teóricas.** Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000.

VERNY, T. **A vida secretada criança antes de nascer.** São Paulo: C.J. Salmi, 1989.

Como uma manga que cai no chão, em dias de chuva, as histórias resolveram cair no papel. Convidamos o(a) leitor(a) a saborear cada momento descrito pelos sujeitos dessa obra, produzida pelas mãos de dezenove autores, todos envolvidos pelo emaranhado familiar. Seus precursores, as raízes, vieram do sertão nordestino, na fuga da seca. Na região Norte do Brasil, em 1915, encontraram nova oportunidade de vida e trabalho. Deixaram aos seus descendentes, os galhos, belas histórias de vida, que continuam e continuarão a ser escritas, parte delas narradas nesse livro. A família, enquanto instituição social, é um pilar fundamental que sustenta e possibilita o bem estar consigo, com o outro e com o planeta que habitamos. Será uma grande alegria compartilhar com você, leitor(a), as memórias, histórias de vida, saberes e vivências da Família Peixoto Vieira, que transversalizam não apenas a história de Capanema, mas do Estado do Pará, Amazônia e Brasil.